

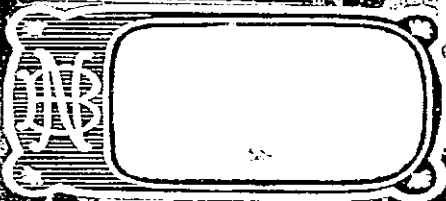


ARABIAN

2900

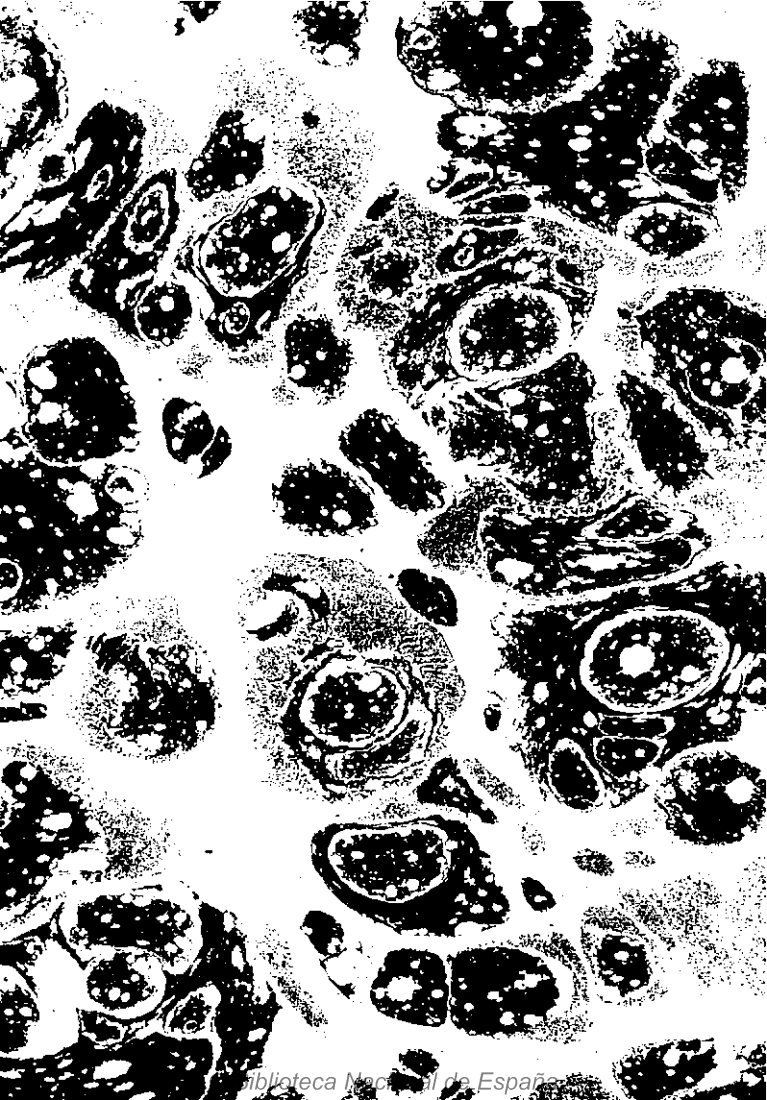


426-8



2

2990



11

869-15-185

CAAMURU.

POEMA EPICO

DO

DESCUBRIMENTO

DA

BAHIA,

COMPOSTO

POR

FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO,

DA ORDEM DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO, NATURAL DA
CATA-PRETA NAS MINAS GERAES.

Segunda edição correcta, e com uma estampa.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL

1836.

*Vende-se na Loja de Jorge Rey, Mercador de Livros aos Mar-
tyres N.º 19.*

*Et quoniam Deus ora movet, sequar ora
moventem.*

Rite Deum.

Ovid. Metamorph. XV.

REFLEXÕES PREVIAS,

E

ARGUMENTO.

Os successos do Brazil não merecião menos hum Poema, que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da Patria. Sei que a minha Profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de um Religioso, porque o não forão de Bispos, e Bispos Santos; e o que mais he, de Santos Padres, como S. Gregorio Naziazeno, S. Paulino, e outros; maiormente, sendo este Poema ordenado a pôr diante dos olhos aos Libertinos o que a natureza inspirou a homens, que vivião tão remotos das que elles chamão *preoccupações de espiritos debeis*. Opportunamente o insinuamos em algumas Notas: usamos sem escrupulo de nomes tão barbaros: os Alemães, Inglezes, e semelhantes, não parecem menos duros aos nossos ouvidos; e os nossos aos

A 2 seus.

seus. Não faço mais apologias da Obra, por que espero as reprehensões, para, se fôr possível, emendar os defeitos, que me envergonho menos de commetter, que de desculpar.

A acção do Poema he o descobrimento da Bahia, feito quasi no meio do Seculo XVI. por Diogo Alvares Corrêa, nobre Vianez, comprehendendo em varios episodios a Historia do Brazil, os Ritos, Tradições, Milicias dos seus Indigenas, como tambem a Natural, e Politica das Colonias.

Diogo Alvares passava ao novo descobrimento da Capitanía de São Vicente, quando naufragou nos baixos de Boipebá, visinhos á Bahia. Salvárão-se com elle seis dos seus companheiros, e forão devorados pelos Gentios Antropofagos, e elle esperado, por vir enfermo, para melhor nutrido servir-lhes de mais gostoso pasto. Encalhada a Náo, deixárão-no tirar della polvora, bala, armas, e outras especies, de que ignoravão o uso. Com uma espingarda matou elle caçando certa ave, de que espantados os Barbaros o acclamárão *Filho do trovão*, e *Caramurú*, isto he, *Dragão do mar*. Combatendo com os Gentios do Sertão, venceu-os, e fez-se

se dar obediencia daquellas Nações barbaras. Offerecêrão-lhe os Principaes do Brazil as suas filhas por mulheres: mas de todas escolheu Paraguaçu, que depois conduzio consigo á França; occasião, em que outras cinco Brazilianas seguiram a Náo Franceza a nado, por acompanhallo, até que uma se afogou; e intimidadas as outras, se retirárão.

Salvou um navio de Hespanhoes, que naufragárão, com o que mereceo, que lho agradecesse o Imperador Carlos V. com uma honrosa carta. Passou á França em Náo, que alli abordou daquelle Reino, e foi ouvido com admiração de Henrique II., que o convidava para em seu nome fazer aquella Conquista. Repugnou elle, dando aviso ao Senhor D. João III. por meio de Pero Fernandes Sardinha, primeiro Bispo da Bahia. Commetteo o Monarca a empresa a Francisco Pereira Coutinho, fazendo-o Donatario daquelle Capitanía. Mas este não podendo amangar os Tupinambás, que habitavão o Reconcavo, retirou-se á Capitanía dos Ilheos; e pacificado depois com os Tupinambás, tornava á Bahia, quando alli infaustamente pereceo em hum naufragio. Em tanto Diogo Alvares

as-

assistio em París ao Baptismo de Paraguagú sua esposa, nomeada nelle Catharina, por Catharina de Medicis, Rainha Christianissima, que lhe foi Madrinha, e tornou com ella para a Bahia, onde foi reconhecida dos Tupinambás, como herdeira do seu Principal, e Diogo recebido com o antigo respeito. Teve Catharina Alvares hum visão famosa, em que a Virgem Santissima manifestando-se-lhe cheia de gloria, lhe disse, que fizesse restituir uma Imagem sua roubada por um Salvagem. Achou-se esta nas mãos de hum Barbaro; e Catharina Alvares com exclamações de júbilo se lançou a abraça-la, clamando ser aquella a Imagem mesma, que lhe apparecêra: foi collocada com o titulo de Virgem Santissima da Graça em uma Igreja, que he hoje Mosteiro de S. Bento, célebre por esta tradição. Chegou em tanto de Portugal Thomé de Sousa com algumas Náos, familias, e tropas para povoar a Bahia. Sebastião da Rocha Pitta, Autor da Historia Brazilica, e natural da mesma Cidade, assevera que Catharina Alvares renunciára no Senhor D. João III. os direitos, que tinha sobre os Tupinambás, como herdeira dos seus maiores Principaes: elle mesmo attesta, que aquelle Mo-

nar.

narca mandára aos seus Governadores, que honrassem, e attendessem Diogo Alvares Corrêa Caramurú pelos referidos serviços; e foi com effeito elle o tronco da Nobilissima Casa da Torre na Bahia; e Catharina Alvares sua mulher foi honrada por aquella Metropole com hum seu Retrato sobre a porta da casa da polvora ao lado das Armas Reaes. Lêa-se Vasconcellos na Historia do Brazil, Francisco de Brito Freire, e Sebastião da Rócha Pitta.





Caramurú, e sua consorte Paraguaçu. ~

CARAMURU,

POEMA EPICO.

CANTO I.

I.



DE hum Varão em mil casos agitado,
 Que as praias percorrendo do Occidente;
 Descubrio o Reconcavo affamado
 Da Capital Brazilica potente:
 Do Filho do Trovão denominado,
 Que o peito domar soube á fêra gente;
 O valor cantarei na adversa sorte,
 Pois só conheço Heróe quem nella é forte.

II.

Santo Esplendor, que do grão Padre manas
 Ao seio intacto de huma Virgem bella;
 Se da enchente de luzes Soberanas
 Tudo dispensas pela Mãi Donzella;
 Rompendo as sombras de illusões humanas,
 Tudo do grão caso a pura luz revêla;
 Faze que em ti comece, e em ti conclua
 Esta grande Obra, que por fim foi tua.

III.

III.

E vós, Príncipe excelso, do Ceo dado
Para base immortal do Luso Throne;
Vós, que do aureo Brazil no Principado
Da Real successão sois alto abono:
Em quanto o Imperio tendes descansado
Sobre o seio da paz com doce somno,
Não queirais dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos, e admittillo ao scetro.

IV.

Nelle vereis Nações desconhecidas,
Que em meio dos Sertões a Fé não doma;
E que pudérão ser-vos convertidas
Maior Imperio, q̃ houve em Grecia, ou Roma:
Gentes vereis, e Terras escondidas,
Onde se hum raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis na turba immensa
Outro Reino maior que a Europa extensa.

V.

Devora-se a infeliz misera Gente,
E sempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-se infelizmente;
Sendo em campo menor maior a guerra.
Olhai, Senhor, com reflexão clemente
Para tantos Mortaes, que a brenha encerra;
E que livrando desse abysmo fundo,
Vireis a ser Monarca de outro Mundo.

VI.

VI.

Príncipe do Brazil, futuro dono,
 A' Mãe da Pátria, que administra o mando,
 Ponde, excelso Senhor, aos pés do Throno
 As desgraças do Povo miserando;
 Para tanta esperança he o justo abono,
 Vosso titulo, e nome, que invocando,
 Chamará, como a outro o Egypcio Povo,
 D. José Salvador de um Mundo novo.

VII.

Nem podereis temer, que ao santo intento
 Não se nutirão Heróes no Luso Povo,
 Que o antigo Portugal vos apresento
 No Brazil renascido, como em novo.
 Vereis do domador do Indico assento
 Nas guerras do Brazil alto renovo,
 E que os seguem nas bellicas idéas
 Os Vieiras, Barretos, e os Corrêas.

VIII.

Dai por tanto, Senhor, potente impulso,
 Com que possa entoar sonoro o metro
 Da Brazilica gente o invicto pulso,
 Que augmenta tanto Imperio ao vosso Scetro:
 E em quanto o Povo do Brazil convulso (1)
 Em nova lyra canto, em novo pletro;
 Fazei que fidelíssimo se veja
 O vosso Trono em propagar-se a Igreja,

IX.

IX.

Da nova Lusitania o vasto espaço
Hia a povoar Diogo, a quem bisonho
Chama o Brazil, temendo o forte braço,
Horriovel filho do trovão medonho:
Quando do abysmo por cortar-lhe o passo.
Essa furia sahio, como supponho,
A quem do Inferno o Paganisimo alumno,
Dando o Imperio das agoas, fez Neptuno.

X.

O grão Tridente, com que o mar commove,
Cravou dos Orgãos na montanha horrenda, (2)
E na escura caverna, adonde Jove
(Outro esperito) espalha a luz tremenda,
Relampagos mil faz, coriscos chove;
Bate-se o vento em horrida contenda:
Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha.
E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

XI.

O Filho do trovão, que em baixel hia
Por passadas tormentas ruinoso,
Vê que do grosso mar na travessia
Se sorve o lenho pelo pégo undoso;
Bem que constante, a morte não temia,
Invoca no perigo o Ceo piedoso;
Ao ver que a furia horriovel da procella
Rompe a Náo, quebra o leme, e arranca a véla.
XII.

XII.

Lança-se ao fundo o ignívomo instrumento,
 Todo o peso se alija; o passageiro,
 Para nadar no tumido Elemento,
 A taboa abraça, que encontrou primeiro:
 Quem se arroja no mar temendo o vento;
 Qual se fia a um batel; quem a hum madeiro,
 Até que sobre a penha, que a embaraça,
 A quilha bate, e a Náo se despedaça.

XIII.

Sete sómente do batel perdido
 Vem á praia cruel, luctando a nado;
 Offerece-lhe um soccorro fementido
 Barbara multidão, que acode ao brado:
 E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
 Rende-lhe as mãos o naufrago enganado:
 Tristes! que a ver algum, qual fim o espera
 Com quanta sede a morte não bebêra!

XIV.

Já estava em terra o infausto naufragante,
 Rodeado da turba Americana;
 Vem-se com pasmo ao pôrêm-se diante,
 E huns aos outros não crem da especie humana:
 Os cabellos, a côr, barba, e semblante
 Faziam crer aquella Gente insana,
 Que alguma especie de animal seria
 Desses, que no seu seio o mar trazia.

XV.

XV.

Algum chegando aos miseros, que á arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto;
Ora o tenta despir, e ora recea
Não seja astucia, com que o assalte occulto.
Outros do Jacaré tomando a idéa (3)
Temem que acorde com violento insulto;
Ou que o somno fingindo os arrebate,
E entre as prezas crueis no fundo os mate.

XVI.

Mas vendo a Sancho, um naufrago que espira,
Rota a cabeça n'uma penha aguda,
Que hia tremulo a erguer-se, e que cahira,
Que com voz lastimosa implora ajuda:
E vendo os olhos, que elle em branco vira;
Cadaverica a face, a boca muda,
Pela experiencia da commua sorte
Reconhecem tambem que aquillo é morte.

XVII.

Correm depois de crello ao pasto horrendo;
E retalhando o corpo em mil pedaços,
Vai cada um famelico trazendo,
Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços:
Outro na crua carne hião comendo;
Tanto na infame gula erão devassos:
Taes ha, que as assão nos ardentes fossos,
Alguns torrando estão na chamma os ossos.

XVIII.

XVIII.

Que horror da Humanidade ! ver tragada
 Da propria especie a carne já corrupta !
 Quanto não deve a Europa abençoada
 A' Fé do Redemptor, que humilde escuta ?
 Não era aquella infamia praticada
 Só dessa gente miseranda, e bruta ;
 Roma, e Carthago o sabe no nocturno
 Horrivel Sacrificio de Saturno. (4)

XIX.

Os sete em tanto, que do mar com vida
 Chegárão a tocar na infame arêa,
 Pasmão de ver na turba recrescida
 A brutal catadura, horrída, e fêa :
 A côr vermelha em si, mostrão tingida
 De outra côr differente, que os affêa :
 Pedras, e páos de embiras enfiados, (5)
 Que na face, e nariz trazem furados.

XX.

Na boca em carne humana ensanguentada
 Anda o beijo inferior todo cahido ;
 Porque a tem toda em roda esburacada,
 E o labro de vís pedras embutido :
 Os dentes (que é belleza que lhe agrada)
 Um sobre outro despona recrescido :
 Nem se lhe vê nascer na barba o pello,
 Chata a cara, e nariz, rijo o cabello.

XXI.

XXI.

Vê-se no sexo recatado o pejo,
Sem mais que a antiga gala que Eva usava,
Quando por pena de hum voraz desejo
Da fêa desnudez se envergonhava:
Vão sem pudor com barbaro despejo
Os homens, como Adão sem culpa andava;
Mas vê-se, alma Natura, o que lhe ordenas;
Porque no Sacrifício usam de penas.

XXII.

Qual das bellas Araras traz vistosas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas:
Outros põem, como tunicas lustrosas,
Um verniz de balsâmicas escumas:
Nem temem nelle as chuvas procellosas,
Nem o frio rigor de asperas brumas;
Nem se receão do mordaz bisouro,
Qual Anta ou qual Tatú dentro em seu couro. (6)

XXIII.

Por armas, fréchas, arcos, pedras, béstas;
A espada do páo ferro, e por escudo
As redes de algodão nada molestas,
Onde a ponta se embace ao dardo agudo:
Por capacete nas guerreiras testas
Cintos de pennas com galhardo estudo;
Mas o vulgo no belico ameaço
Não tem mais que unha ou dente, ou punho ou braço.
XXIV.

XXIV.

Desta arte armada a multidão confusa
 Investe o náufragante enfraquecido,
 Que ao ver-se despojar, nada recusa;
 Porque se enxugue o madido vestido:
 Tanto mais pelo mimo, que se lhe usa,
 Quando a barbara gente o vê rendido:
 Trouxerão-lhe a batata, o coco, o inhame; (7)
 Mas o que crêem piedade he gula infame.

XXV.

Cevavão desta fôrma os desditosos
 Das fadigas maritimas desfeitos;
 Por pingues ter os pastos horrorosos,
 Sendo nas carnes miseras refeitos:
 Feras! mas feras não; que mais monstruosos
 São da nossa alma os barbaros effeitos;
 E em corruta razão mais furor cabe,
 Que tanto um bruto imaginar não sabe.

XXVI.

Não mui longe do mar na penha dura
 A boca está de um antro mal aberta,
 Que horrivel dentro pela sombra escura,
 Toda he fóra de ramas encuberta:
 Alli com guarda á vista se clausura
 A infeliz companhia, estando alerta,
 E por cevallos mais, dão-lhe o recreio
 De ir pela praia em placido passeio.

B

XXVII.

XXVII.

Diogo então que á gente miseranda,
Por ser de nobre sangue precedia,
Vendo que nada entende a turba infanda,
Nem do ferreo mosquete usar sabia,
Da rota não, que se descobre á banda,
Polvora, e bala em copia recolhia;
E como enfermo, que no passo tarda,
Serviço-se por bastão de uma espingarda.

XXVIII.

Forte sim, mas de tempera delicada,
Aguda febre traz desde a tormenta;
Pallido o rosto, e a côr toda mudada;
A carne sobre os ossos macilenta:
Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
Porque a gente cruel guardallo intenta,
Até que sendo a si restituído,
Como os mais vão comer, seja comido.

XXIX.

Barbaria foi (se crê) da antiga idade
A propria prole devorar nascida;
Desde que essa cruel voracidade
Fora ao velho Saturno attribuida:
Fingimento por fim, mas he em verdade
Invenção do diabolico homicida,
Que huns cá se matão, e outros lá se comem:
Tanto aborrece aquella furia ao homem.

XXX.

XXX.

Mas já tres vezes tinha a Lua enchido
 Do vasto globo o luminoso aspecto,
 Quando o Chefe dos barbaros temido
 Fulmina contra os seís o atroz decreto:
 Ordena que no altar seja offerecido.
 O brutal sacrificio em sangue infecto, (8)
 Sendo a cabeça ás victimas quebrada,
 E a gula infanda de os comer saciada.

XXXI.

Em tanto que se ordena a brutal festa,
 Nada sabião na marinha gruta
 Os habitantes da prisão funesta;
 Que ardilosa lho esconde a gente bruta:
 E em quanto a feral pompa já se apresta,
 Toda a pena em favor se lhe cõmuta;
 Nem parecem ter dado a menor ordem,
 Senão que comão, e comendo engordem.

XXXII.

Mimosas carnes mandão, doces frutas
 O araças, o cajú, côco, e mangaba;
 Do bom maracujá lhe enchem as grutas
 Sobre rimas, e ribas de Guaiaba:
 Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,
 E a immunda catimpõeira, que da baba (9)
 Fazer costuma a barbara patrulha,
 Que só de ouville o estomago se embrulha.

XXXIII.

Um dia pois que á sombra desejada
Se repousão, passando a calma ardente,
Por dar allivio á dor reconcentrada,
De ver-se escravos de tão fera gente;
Fernando, hum delles, diz, que aos mais ágrada
Por cantigas, que entoa docemente,
Que em cithara, que o mar na terra lança,
Se divertão da funebre lembrança.

XXXIV.

Mancebo era Fernando mui polido,
Douto em Letras, e em prendas celebrado,
Que nas Ilhas do Atlantico nascido,
Tinha muito co'as Musas conversado:
Tinha elle os rumos do Brazil seguido,
Por ver o monumento celebrado
De uma Estatua famosa, que n'hum pico (10)
Aponta do Brazil ao Paiz rico.

XXXV.

Pedira-lhe Luiz, que isto escutára,
De profetica Estatua o conto inteiro,
Se foi verdade, se invenção foi clara
De gente rude, ou povo noveleiro:
Fernando então, que em metro já cantára.
O successo, que attesta verdadeiro,
Toma nas mãos a cithara suave,
E entoando, começa em canto grave.

XXXVI.

XXXVI.

Occulto o tempo foi, incerta a era,
 Em que o grão caso contão succedido;
 Mas em parte he sem d'úvida sincera
 A bella Historia, que a escutar convido;
 Feliz foi o ditoso, e feliz era,
 Quem tanto foi do Ceo favorecido,
 Pois em meio ao corrupto Gentilismo
 Merecer soube a Deos o seu Baptismo.

XXXVII.

Incerto pelas brenhas caminhava
 Um Varão santo, que perdera a via,
 Quando pelos cabellos o elevava
 O Anjo, adonde o Sol já se escondia;
 E hum salvagem lhe mostra, que se achava, (11)
 Quasi luctando em ultima agonía:
 Ouve (lhe diz) o justo agonisante,
 E huma estrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII.

Auréo (que assim se chama o Sacro Enviado)
 Encostando-se ao Velho-titubiante,
 Por ignorar-lhe o idioma não fallado,
 No seu diz, de que o enfermo era ignorante:
 E ouve-se responder (caso admirado!)
 N'huma lingua de todo extravagante,
 Que sendo em tudo extraordinaria, e bruta,
 Faz-se entender, e entende-o no que escuta.

XXXIX.

XXXIX.

Do grande Creador por mensageiro.
 A bênção (diz) te offereço, homem ditoso;
 Neste Mundo ignorado em o primeiro,
 Quer que o seu Nome escutes glorioso:
 Do eterno Pai, de hum Filho verdadeiro,
 Do espirito tambem, laço amoroso,
 Quer que o Mystério saibas da Verdade:
 São tres Pessoas n'huma só Unidade.

XL.

Hum só Senhor, que todo o ser governa,
 Que só com dizer *seja* o fez de nada;
 Que á Natureza desde a idade eterna,
 Certa época fixou de ser creada:
 Que abrindo liberal a mão paterna,
 Toda a coisa abençoou, que lie animada:
 Que sua imagem nos fez; e sem segundo,
 Quer que o homem reine sobre o vasto Mundo.

XLI.

Que havendo em mil delicias collocado
 Nossos primeiros Pais n'hum Paraíso,
 Por homenagem desse Imperio dado,
 Privou de hum pomo com severo aviso:
 Que vendo o seu respeito profanado,
 E igual satisfação sendo preciso,
 No duro lenho a poz, no ferreo cravo,
 E deo o Filho por salvar o escravo.

XLII.

XLII.

Este do seio pois de Virgem pura,
 Invocada no nome de Maria,
 Redemptor, Mestre, e Luz da Creatura,
 Nasceo, prégou, morreo na Cruz impia;
 Rompeo do abysmo a immóvel fechadura;
 Depois resurge no terceiro dia;
 E ao Ceo subindo em fim, donde commanda,
 Aos fins da Terra os mensageiros manda.

XLIII.

Um destes venho a ti; lavar-te intento,
 Se queres aceitar meu Catecismo;
 E servindo de porta o Sacramento,
 Incorporar-te ao Santo Christianismo.
 Purga o teu coração, teu pensamento,
 Por chegar puro ás aguas do Baptismo,
 Onde se entras com dor do mal primeiro,
 De Jesus Christo morrerás coherdeiro.

XLIV.

Aos primeiros accentos, que escutára,
 Guaçú (que este he seu nome) a frênte empena;
 Attenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
 Senão que co'a cabeça a tudo acena:
 Dos olhos mal se serve, que cegara,
 Bem que a vista pareça ter serena;
 As mãos de quando em quando estende, e toca,
 E pendê attento da Sagrada boca.

XLV.

XLV.

Bom Ministro (responde) do Piedoso

Excelso grão Tupá, que o Ceo modera, (12)

Não me vens novo, não: que tive o goso

De ouvir-te em sonho já; quem ver pudera!

Se a imagem tens, que o sono fabuloso

Ha muito, que de ti na mente gera!

Serás, disse, (e na barba o vai tocando)

Homem com barbas, branco e venerando.

XLVI.

Louvoures a Tupá, que em fim chegaste;

Que o caminho me ensinas, donde elejo

Buscar logo o Grão Deos, que m'annunciaste,

Que desde a infancia com ardor desejo:

Nunca soube, assim he, quanto contaste;

Mas não sei, como o que ouço, e quasi vejo

Sentia, como em sombra mal formada;

Não que o crêsse ainda assim, mas por toada.

XLVII.

Vendo desse Universo a mole immensa,

Sem ser de ainda maior entendimento

Fabricada a não cri: que elle o dispensa,

Tem, rege, e guarda, infere o pensamento:

Que repugna á creatura estar suspensa,

Sem ultimo fim ter, notava attento:

E este Ente, que me fez hum Deos segundo,

He o grão Tupá, fabricante do Mundo.

XLVIII.

XLVIII.

Vi as chagas da propria Natureza,
 A ignorancia, a malicia, a variedade,
 E bem reconheci, que esta torpeza
 Nascer não pode da eternal bondade.
 Onde, sem o saber, cri, que era acceza
 Neste incendio commum da humanidade
 Antiga chamma, donde o mal nos veio;
 Crer que taes nos fez Deos... eu tal não creio.

XLIX.

Tambem vi que o Grão Deos, que o Mundo cria,
 Deixar nunca quizera em tanto estrago
 A humana Natureza; e que a mão pia
 De taes miserias ao profundo lago
 Havia de estender; como o faria?
 Suspenso fiquei sempre incerto, e vago;
 Mas nunca duvidei que alguém se visse,
 Que de tantas miserias nos remisse,

L.

E como era a maior, que experimentava,
 O ver que livremente o mal seguia;
 Que a Suprema Bondade se aggravava,
 Donde um homem de bem se aggravaria:
 Vendo que a affronta, que esta acção causava,
 Só se houvera outro Deos, se pagaria;
 E impossivel mais de um reconhecendo...
 Daqui não passo, e cego me suspendo. (13)
 LI.

LI.

Agora sim, que entendo a grã verdade,
Que hum só Deos se fez homem sem defeito;
E sendo tres pessoas na Unidade,
Do Filho ao Pai podia haver respeito:
A pessoa segunda da Trindade,
Novo homem, como nós, de terra feito,
A paz do homem com Deos fundar procura;
Redemptor pio da mortal creatura.

LII.

Este creio, este adoro, este confesso;
E esta santa mensagem venerando,
Por meu Deos, e Senhor firme o conheço,
A quem da Terra, e Ceo pertence o mando:
Deste o Baptismo santo hoje te peço,
Onde na porta Celestial entrando,
Suba o espirito á gloria que deseja,
E com estes meus olhos ainda o veja.

LIII.

Disse o ditoso Velho; e acompanhando
Com devoto suspiro a voz que exprime,
Bem mostra que no peito o está tocando
A occulta unção do Espirito sublime:
As mãos ao Ceo levanta lagrimando;
E tanto ardor na face se lhe imprime,
Que acompanhar parece o humilde rogo
Hum diluvio de agoa, outro de fogo.

LIV.

LIV.

Então o bom Ministro: He justo, amigo,
 Que chores (lhe dizia) o teu peccado;
 Por não amar a Deos; ser-lhe inimigo,
 Se o blasfemaste; de o não ter honrado;
 De não servir teus Pais; de hum odio antigo;
 E se não foste honesto, ou tens roabado;
 Se em mulher, bens, ou fama em caso feio
 Fizeste damno, ou cubicaste o alheio.

LV.

Esta a Lei santa he, que em nós impressa
 Ninguém offende, que mereça escusa;
 Onde no que faltaste a Deos confessa,
 Que tanto deve quem peccando abusa:
 Quer-se a satisfação com a promessa
 De melhor vida, no que a Lei te accusa:
 Pois quem quer que peccou, que assim não faça,
 Recebe o Sacramento, mas não graça.

LVI.

Eu, disse o Americano, antes de tudo
 Amei do coração quem ser me dera:
 Seu nome ignoro, mas honrallo estudo;
 E com fé o adorei sempre sincera:
 Em certos dias recolhido, e mudo
 Cuidava em venerar quem tudo impera,
 Matar não quiz, nem morto algum comia,
 Pois que a mim mo fizessem não queria.

LVII.

LVII.

Mulher tive, mas huma, persuadido
Que com uma se póde; acção impura
Metteo-me sempre horror; tendo entendido,
Que só no Matrimonio era segura:
Qualquer outro prazer fora prohibido,
Porque se entanto abuso se conjura;
Quem seguindo esse instincto do Demonio,
Se pudera lembrar do Matrimonio?

LVIII.

Nunca roubei, temendo ser roubado:
Por conservar a fama, honrei a alheia:
Não me lembra de ter calumniado,
Nem de outrem disse mal, que he cousa fêa;
E quem houvesse de outros murmurado,
Que outro tanto lhe façam certo crêa;
Não tive inveja do que alguém consiga,
Por ver que quem a tem, seu mal castiga.

LIX.

Em fim, corri meus annos desde a infancia
Sem offender (que eu saiba) esta Lei justa,
Sem ter a cousa boa repugnancia,
Tudo mercê da mão de Deos augusta.
Nos meus males sómente a tolerancia
Mos fazia passar a menor custo:
Esta a minha ancianidade foi, este o meu zelo,
Saber quem era Deos; tratallo, e vê-lo.

LX.

LX.

Dizendo o Velho assim, tanto se accende,
 Como se n'alma se lhe ateára hum fogo:
 Reclina a humilde fronte, e a voz suspende;
 E cahindo em deliquio neste affogo,
 Corre o Ministro, que ao successo attende,
 E buscando agoa, que o baptize logo;
 Apenas Felis diz, eu te baptizo,
 Partio feliz d'hum vôo ao Paraizo.

LXI.

Cuidava em sepultallo Auréo saudoso;
 Porém de espessa nevoa, que o ar condensa,
 Ouve hum coro entoando harmonioso
 Louvor eterno á Magestade immensa:
 E na athmosfera alli do ar nebuloso,
 Luz arraiando, que a allumia intensa;
 Vio Felis, que na gloria, que o vestia,
 A Graça Baptismal lhe agradecia.

LXII.

Que te conceda Deos, Ministro justo,
 (Diz-lhe a Alma venturosa) o premio eterno;
 Pois vens do antigo Mundo a tanto custo
 A libertar-me do poder do Inferno.
 Dos Ceos em tanto o Dominante augusto,
 Que tornes manda ao ninho teu Paterno;
 E sobre a nevoa em nuvem levantada
 Vás navegando pela aeria estrada.

LXIII.

LXIII.

E quer na nuvem propria, que te indico,
Que esse cadaver meu vá transportado,
E na Ilha do Corvo, de alto pico
O vejão n'hum a ponta collocado;
Onde acene ao paiz do metal rico,
Que o ambicioso Europeo vendo indicado,
Dará lugar, que ouvida nelle seja
A doutrina do Ceo, e a voz da Igreja.

LXIV.

Disse; e cessando a voz, e a visão bella,
Vio da nuvem Auréo, que o rodeava,
Transformar-se a bella Alma em clara estrella,
E vio que a nuvem sobre o mar voava;
O cadaver tambem sublime nella,
Ao cume do grão pico já chegava;
Onde a nevoa, que no alto se sublima,
Depõe como hum a Estatua o corpo em sima.

LXV.

Alli batido do nevado vento,
De Sol, de gelo, e chuva penetrado,
Efeito natural, e não portento
He vello, qual se vê, petrificado.
Hum arco tem por bellico instrumento, (14)
De pluma hum cinto sobre a frente ornado:
Outro onde era decente: em côr vermelho;
Sem pello a barba tem; no aspecto he velho.

LXVI.

LXVI.

Voltado estava ás partes do Occidente,
Donde o aureo Brazil mostrava a dedo,
Como ensinando a Lusitana Gente,
Que alli devia navegar bem cedo:
Destino foi do Ceo Omnipotente,
A fim que sem receio, ou torpe medo
A' piedosa empreza o povo corra;
E que quem morrer nella, alegre morra.

LXVII.

Calou então Fernando, mas não cala
Na cithara dourada outra harmonia,
Onde parece a mão, que tambem falla,
E que quanto a voz disse, repetia:
Sabira em tanto hum barbaro a escutalla,
Que encantado da doce melodia,
Toma nas mãos o Musico Instrumento,
Toca-o sem arte, e salta de contento.

LXVIII.

Não póde ver dos nossos o congresso
Tanta rudeza sem tentar-se a riso;
Que por mais que hum pezar se tenha impresso,
Não dá lugar a prevenção ao siso:
E sendo inopinado algum successo,
Onde he nos homens quasi o rir preciso,
Tal pessoa ha que chora apaixonada,
E passa do gemido a huma risada.

LXIX.

LXIX.

Diogo então que dentro em si media
Da cruel Gente a condição damnosa,
Não socega de noite, nem de dia,
Antevendo a desgraça lastimosa:
E vendo rir os mais com alegria,
Pela acção do selvagem graciosa,
Estranhou-lhe o prazer mal concebido,
Arrancando do peito este gemido.

LXX.

Oh triste condição da humana vida!
Que tanto em breve do seu mal se esquece;
Pois vendo a liberdade em fim perdida,
Sentimos menos, quando a dor mais cresce:
Vemos desd'a agoa ás praias despedida
A infeliz gente, que no mar perece;
E que o brutal Gentio na mesm'hora,
Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI.

Quem sabe, se o cuidado, que destina
Pôr-nos assim mimosos de sustento,
Não he por ter de nós grata chacina
Nesse horrivel barbarico alimento?
Tanta attenção que tem, mal se combina,
Sem mostrar-se o maligno pensamento;
Que quem os proprios mortos brutal come,
Como he crível que aos vivos mate a fome?

LXXII.

LXXII.

Tempo fora, affligidos companheiros,
 De levantar dos Ceos ao Rei Supremo
 Humildes vozes, votos verdadeiros,
 Como quem lucha no perigo extremo:
 Mas vós, que agora rides prasenteiros,
 Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo,
 Que essa gente cruel só nos namore,
 Por cevar mais a preza, que devore!

LXXIII.

Voltemos antes com fervor piedoso
 Os tristes olhos ao ethereo espaço;
 Esperando de Deos hum fim ditoso,
 Onde a morte se avista a cada passo.
 Contrito o peito, o coração choroso,
 Implore a protecção do excelso braço;
 Que o coração me diz, que por desdita
 O cruel sacrificio se medita.

LXXIV.

Em quanto assim dizia o Heróe prudente,
 Commovido qualquer do temor justo,
 Levanta humilde as mãos'ao Ceo clemente,
 Vendo o futuro com presago susto:
 Já cuida a cruel morte ver presente;
 Já vê sobre a cabeça o golpe injusto:
 Batem no peito; e levantando as palmas,
 Fazem victima a Deos das proprias almas.

c

LXXV.

LXXV.

Já numerosa turba ás praias vinha,
E os seis levão ao corro miserando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do espectáculo execrando:
E mal a gente bruta se continha,
Que em quanto as tristes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo susto exsangue
Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

LXXVI.

Qual se da Libya pelo campo estende
O Mouro caçador hum leão vasto,
Em longa nuvem devorallo emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto:
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a preza, e em chusma voa,
Nem deixa parte, que voraz não rôa.

LXXVII.

Tal do Caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se que em mil voltas anda,
O eleito matador, como quem prega
A brados, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII.

LXXVIII.

A' roda á roda a multidão fremente
 Com gritos corresponde á infame idéa ;
 Em quanto o fero em gesto de valente
 Bate o pé, fere o ar, e hum pão manea :
 Ergue-se hum, e outro lenho, onde o paciente
 Entre prizões d'embira se encadea ;
 Fogo se accendê nos profundos fossos,
 Em que se torrem com a carne os ossos.

LXXIX.

Dentro de huma estacada extensa, e vasta,
 Que a numerosa plebe em torno borda,
 Entrão os Principaes de cada casta
 Com bellas plumas, ondê a côr discorda :
 Outros, que a grenha tem com feral pasta
 Do sangue humano, que ao matar trasborda,
 Os Nigromantes são ; que em vão conjuro
 Chamão as Sombras desde o Averno escuro.

LXXX.

Companheiras de officio tão nefando
 Seguem de hum cabo a turma, e de outro cabo
 Seis turpíssimas velhas, aparando
 O sangue sem hum leve menos-cabo :
 Tão feas são, que a face está pintando
 A imagem propriíssima do Diabo ;
 Tinto o corpo em verniz todo amarello,
 Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

LXXXI.

Tem no collo as crueis Sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhe são divisas,
De mais, ou menos tempo em taes officios:
Gratas ao Ceo se crem, de que indivisas
Se inculcão por Tartareos maleficios;
E em testemunho do mister nefando,
Nos seus cocos com facas vem tocando.

LXXXII.

Quem póde reputar, que dor traspassa
A miseranda infausta companhia,
Vendo taes feras rodear a praça,
Que o sangue com os olhos lhe bebia?
Ver que os dentes lhe range por negaça,
Senão he que os agita a fome impia,
E dizer lá comsigo: *Em poucas horas*
Sou pasto destas feras tragadoras.

LXXXIII.

Mas põe-lhe a vista o Padre Omnipotente,
Da desgraça cruel compadecido;
E envia hum Anjo desde o Ceo clemente,
Que deixe tanto horror desvanecido:
E faça que o espectaculo presente
Venha por fim a ser sonho fingido;
Que quem recorre ao Ceo no mal que geme,
Logo que teme a Deos, nada mais teme.

LXXXIV.

LXXXIV.

Seis então dos infames Nigromantes
 Lançarão Mão das victimas pacientes,
 E a seis lenhos fataes, que erguêrão dantes,
 Atão crueis as mãos dos innocentes:
 Póstos no Ceo os olhos lagrimantes
 Com lembrar-se das penas vehementes,
 Que soffreo Deos na Cruz, nelle fiados
 Pedião-lhe o perdão dos seus peccados.

LXXXV.

Fernando alli, que em discrição precede,
 Com voz sonora a companhia anima:
 Cheio de viva fé soccorro pede;
 E quanto a dor permite, que se exprima:
 Grã Senhor (diz) de quem tudo procede
 A gloria, a pena, a confusão, e a estima,
 Que justo dás as graças, e os castigos,
 Na dor alivio, amparo nos perigos.

LXXXVI.

Vida não peço aqui, morte não temo,
 Nem menos choro o caso desgraçado:
 O que me doe, que sinto, o que só gemo
 He, piedoso Deos, o meu peccado:
 Feliz serei, Grão Padre, se no extremo
 Fôr da tua bondade perdoado;
 Pelo Calix amargo, que aqui bebo,
 Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII.

LXXXVII.

Mas , grande Deos , que vês nossa fraqueza
 No duro transe desta cruel hora ,
 Não soffras que essas feras com crueza
 Hajão de devorar a quem te adora :
 Porque estremece a fragil natureza ,
 Vendo a gula brutal , que emprende agora
 Sacrificio fazer ao torpe abysmo
 Destas carnes tingidas no Baptismo.

LXXXVIII.

Ouvio o Ceo piedoso a infeliz gente ;
 E quando o fero a maça já levanta ,
 Que esmague a fronte ao misero paciente ,
 Trovão se ouve fatal , que tudo espanta :
 Treme a montanha , e calhe a roca ingente ,
 E na ruina as arvores quebranta ;
 Mas o que mais os brutos confundia ,
 Era o rumor Marcial , que então se ouvia.

LXXXIX.

Pedras , fréchas , e dardos de arremesso
 Cubrião todo o ar ; porque o inimigo ,
 Que atrás se poz de hum proximo cabeça ,
 Aguarda expressamente aquelle artigo :
 De um lado , e outro desde hum mato espesso
 Ameaça o furor , cerca o perigo ;
 E a gente crua transformada a sorte ,
 Quando cuidou matar , padece a morte.

XC.

XC.

Era Sergipe o Principe valente
Na esquadra valerosa, que atacava;
Varão entre os seus bom, manso, e prudente,
Que com Justiça os povos commandava:
Armava o forte Chefe de presente
Contra Gupeva, que cruel reinava,
Sobre as aldêas, que em tal tempo havia
No reconcavo ameno da Bahia.

XCI.

Por toda a parte o Bahiense he prezo;
He trucidado o bruto Nigromante,
Muitos lançados são no fogo accezo,
Rendem-se os mais ao Vencedor possante:
Ficára em vida, todavia illeso
O misero Europeo, que alli em fragante
Faz desatar o bom Sergipe, e manda
A' escravidão no seu Paiz mais branda,

XCII.

Mas a gente infeliz no Sertão vasto
Por matos, e montanhas dividida,
He fama, que huns de tigres forão pasto;
Outra parte dos barbaros comida:
Nem mais houve noticia, ou leve rasto
Como houvessem perdido a amada vida;
Mas ha boa suspeita, e firme indicio,
Que evadirão o infame sacrificio.

Po-

(1) *Povo convulso*. Epitheto, que dá Isaias aos Americanos, como conjecturão os melhores Interpretes.

(2) *Serra dos órgãos*. Ramo da célebre Cordilheira, que discorre pelo Brazil, sahindo das suas cavernas novas tempestuosas.

(3) *Jacaré*. Huma especie de Cocodrilo Brazilico.

(4) *Saturno*. Os antigos Italianos forão, como se collige de Homero, Antropofagos; taes erão os Lestrigões, e os Liparitanos. Os Fenícios, e os Carthaginezes usarão de Victimas humanas, e Roma propria nos seus maiores apertos. São especies vulgares na Historia.

(5) *Embiras*. Especie de cordão feito da casca interior de algumas arvores.

(6) *Tatú*. Especie de animal cuberto de huma concha durissima, e impenetravel. Os Salvagens tingem-se com varias resinas, senão com o fim, ao menos com o effeito de os livrar das mordeduras dos Insectos: ainda que alguns se tinjão comervas inuteis para esse uso.

(7) *Batata, Coco, Inhame*. Frutos bem conhecidos ainda na nossa Europa.

(8) *Sacrificio*. He certo que os Brazilienses não tinham fôrma alguma expressa de Sacrificio; mas a solemne função, e ritos, com que matavão os seus prizioneiros, parece com razão ao Padre Simão de Vasconcellos na sua Historia do Brazil, que erão hum vestigio dos antigos Sacrificios usados dos Fenícios, de que assim falámos em outra Nota.

(9) *Vinho*. Vem da America debaixo deste nome varios extractos de cajú, coco, e de outros frutos conhecidos, que podem competir com os nossos vinhos.

Catimpoeira. Immunda bebida dos Salvagens, que mastigando o milho, fazem da saliva, e do succo mesmo do grão huma potagem abominavel.

(10)

(10) *Estatua.* He estimada por prodigiosa a Estatua, que se vê ainda na Ilha do Corvo, huma das Açores, achada no descubrimento daquella Ilha sobre hum pico, apontando para America. Foi achada sem vestigios, de que já mais alli habitasse pessoa humana. Devo a hum Grande do nosso Reino, Fidalgo eruditissimo, a especie de que se conserva huma Historia desta Estatua manuscrita, obra do nosso immortal João de Barros.

(11) *Salvagem.* Não supponho unico o Salvagem, que o Padre Anxieta achou em o Estado, que aqui se descreve. Muitos Theologos se persuadem, que Deos por meios extraordinarios instruiu a quem vivesse na observancia da Lei Natural.

(12) *Tupá.* Os Salvagens do Brazil tem expressa noção de Deos na palavra *Tupá*, que val entre elles *excellencia superior, cousa grande que nos domina*.

(13) *Suspendo.* Até aqui são os limites do Lume natural, e com elle sómente o alcança a Filosofia: porém o remedio da Natureza humana, ferida pela culpa, não póde constar-nos senão pela Revelação.

(14) *Hum arco.* As memorias desta Estatua concordão em ser o seu traje desconhecido: toma daqui occasião o Poeta para o representar arbitrariamente.

CANTO II.

I.

ERA a hora, em que o Sol na grã carreira
Do torrido Zenith vibra igualmente,
E que a sombra dos corpos companheira
Na terra extingue, com o raio ardente;
Quando ao partir a turba carniceira,
Se vio Diogo só na praia ingente,
Entre mil pensamentos, mil terrores,
Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

II.

Parecia-lhe ver de gente insana
O barbaro furor, a fome crua,
A agonia dos seus na acção tyranna;
E temendo a dos mais, presume a sua:
Quizera oppôr-se á empresa deshumana;
Pensa em arbitrios mil, com que o conclua:
Se fugirá? mas donde? se os invada?
Porém enfermo, e só não vale a nada.

III.

III.

Oh ! mil vezes (dizia) affortunados,
Os que entregues á furia do elemento
Acabárão sous dias socegados,
Nem virão tanta dor, como experimento !
Que estavam finalmente a mim guardados
Este espanto, este horror, este tormento !
Que escapei (Santos Ceos !) desse mar vasto
Para a fêras servir de horrivel pasto !

IV.

E hei de agora (infeliz !) ver fraco, e inerme,
Que dos meus vá fazer hum pasto horrendo
Essa patrulha vil ! que agora enferme !
Que me veja sem força em febre ardendo !
Ah ! se pudêra em meu vigor já ver-me !
Que ardor sinto em meu peito de ir rompendo,
E turba vil fazendo em mil pedaços,
Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços.

V.

Não póde (he certo) a debil natureza ;
Porém que esperas mais, misero Diogo ?
Que póde resultar da forte empresa ?
Será mal morrer já, se ha de ser logo ?
Faltão-me as forças sim ; sinto a fraqueza :
Mas o espirito o supre, e neste affogo
Tira forças occultas da nossa alma,
Que ella não mostra ter, vivendo em calma.

VI.

VI.

E como quer em fim que o mande a sorte ;
Morra-se , que talvez se não desuna
O successo feliz , de huma acção forte ;
Que acaso hum temerario achou fortuna ;
E quando irado o Ceo me envie a morte ,
E que a Mão do Senhor meus erros puna ,
Recebo o golpe , que me for mandado ;
Morrerei , assim he , porém vingado .

VII.

Nem deixo de esperar que a gente bruta ,
Vendo o estrago da espada , e do mosquete ,
Não se encha de pavor na estranha luta ,
E força maior creia que a accommette :
Se tomo as armas , que salvei na gruta ,
Escudo , cota , malha , e capacete ,
Posso esperar que hum só me não resista ;
E antes que o ferro , mos sometta a vista .

VIII.

Disse ; e entrando na solita caverna ,
Cobre de ferro a valerosa frente ;
Hum peito d'aço de firmeza eterna ,
E o escudo , onde a frécha se desponde .
Dispõe de modo , e em fórma tal governa ,
Que nada teme já , que em campo o affronte :
Nas mãos de ferro tinha huma alabarda ,
A espada á cinta , aos hombros a espingarda .

IX.

IX.

Sahia assim da gruta, quando o monte
Cuberto vê da barbara caterva;
E no que infere da turbada fronte,
Sinaes de fuga, e de derrota observa:
A algum obriga o medo, a que trasmonste:
Outros se escondem pelo mato, ou herva;
Muitos fugindo vem com medo á morte,
Crendo achar na caverna hum lugar forte.

X.

Mas o prudente Diogo, que entendia
Não pouca parte do Idioma escuro,
Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
Elege hum posto a combater seguro:
Attento a toda a voz, que ouvir podia,
Por escutar dos seus o caso duro,
Entre esperanças, e receio intenso
Sem susto estava sim, porém suspenso.

XI.

Gupeva então, que aos mais se adiantava,
Vendo das armas o medonho vulto,
Incerto do que vê, suspenso estava,
Nem mais se lembra do inimigo insulto;
Alguns dos Anhangás imaginava, (1)
Que dentro o grão fantasma vinha occulto,
E á vista do espectaculo estupendo
Cahio por terra o misero tremendo.

XII.

XII.

Cahio com elle junta a brutal gente,
Nem sabe o que imagine da figura,
Vendo-a brandir com a alabarda ingente,
E olhando ao morrião, que o transfigura:
Ouve-se hum rouco tom de voz fremente,
Com que espantallos mais o Heróe procura;
E porque temão de maior ruina,
Faz-lhes a voz mais horrenda huma bosina.

XIII.

Em tanto a gente barbara prostrada,
Tão fóra de si está por cobardia,
Que sem sentido estúpida, assombrada,
Só mostra viva estar, porque tremia:
Quaes verdes varas de arvore copada,
Se assopra a viração do meio dia,
De huma parte á outra parte se maneão;
Assim de medo os vís no chão perneão.

XIV.

Mas Diogo naquelles intervallos,
Suspendendo o furor do duro Marte,
Esperança concebe de amançallos,
Huma vez com terror, outra com arte:
A viseira levanta, e vai buscallos,
Mostrando-se risonho em toda a parte:
Levantai-vos (lhe diz) e assim dizendo,
Hia-os co'a propria mão da terra erguendo.

XV.

XV.

Gupeva, que no traje mais distincto
 Parecia na turba do seu Povo,
 O Principal no mando, meio extinto,
 Pelo horror de espectáculo tão novo;
 Tremendo em pé ficou, sem voz, e instincto,
 E cahíra sem duvida de novo,
 Se nos braços Diogo o não tomára,
 E d'agua alli corrente o borrifára.

XVI.

Não temas (disse affavel) cobra alento;
 E supprindo-lhe acenos o idioma,
 Dá-lhe a entender, que todo esse armamento
 Protege amigos, se inimigos doma:
 Que os não offende o bellico instrumento,
 Quando de humana carne algum não coma:
 Que se a comerdes, tudo em cinza ponho. . . .
 E isto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII.

Toma nas mãos (lhe diz) verás que nada
 Te hão de fazer de mal; e assim fallando,
 Põe-lhe na mão a partasana, e espada,
 E vai-lhe á frente o morrião lançando.
 Diminue-se o horror na alma assombrada,
 E vai-se pouco a pouco recobrando,
 Até que a si tornando reconhece
 Donde está, com quem falla, e o que lhe offrece.

XVIII.

LVIII.

Se d'além das montanhas cá t'envia (2)
O Grão Tupá (lhe diz) que em nuvem negra
Escurece com sombra o claro dia,
E manda o claro Sol, que o Mundo alegre;
Se vens d'onde o Sol dorme, e se á Bahia
De alguma nova Lei trazes a regra;
Acharás se gostares, na cabana,
Mulheres, caça, peixe, e carne humana.

XIX.

A carne humana! (replicou Diogo,
E como póde, explica em voz, e aceno)
Se vir que come algum, botarei fogo;
Farei que inunde em sangue esse terreno.
Pois se os bichos nos devem comer logo,
(O Barbaro lhe oppõe com desempeno)
A nós faz-nos horror, se elles nos comem;
E he menos triste que nos trague hum homem.

XX.

O corpo humano (disse o Heróe prudente) (3)
Como o brutal não he: desde que nasce,
He morada do Espirito eminente,
Em quem do Grão Tupá se imita a face.
Sepulta-se na terra, qual semente,
Que senão apodrece, não renasce;
Tempo virá, que aos corpos reunida,
Torne a noss'alma a respirar com vida.

XXI.

XXI.

O Lume da razão condemna a empreza,
 Pois se o infando appetite o gosto adula,
 Para extinguir a humana Natureza,
 Sem mais contrarios, bastaria a gula.
 Que se a malicia em vós, ou se a rudeza,
 O instincto universal de todo annulla,
 He com tudo entre os mais cousa temida,
 Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

XXII.

Disse Diogo, e conduzia á gruta,
 O Principal da barbara caterva;
 Que alli seguido pela gente bruta,
 O lugar conhecido attento observa:
 Gupeva a tudo attende, e tudo escuta;
 Mas sempre o horror, que concebeo, conserva;
 E olhando ás armas, sem que a mais se arroje,
 Chega com mão furtiva, apalpa, e foge.

XXIII.

Vinha a noite já então seu negro manto
 Despregando na lucida Athmosféra,
 Quando buscão socego ao seu quebranto
 No ninho as aves, e na toca a féra:
 E quando o Somno com suave encanto
 Aos miseros mortaes a dor modera;
 Mas não modera em Diogo a mordaz cura
 De amansar o furor da Gente dura.

D

XXIV.

XXIV.

Por dissipar na gruta a sombra fria,
Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa;
E vendo a rude gente, que o accendia,
E brilhar de improviso huma candêa;
Notando a prompta luz, que no oleo ardia,
Não acaba de o crer de assombro chea:
Crem por tanto que o fogo do Ceo nasça,
Ou que Diogo nas mãos nascello faça.

XXV.

Era o costume do Salvagem rude
Rossar hum lenho n'outro com tal geito,
Que vinha por electrica virtude
A accender lume, mas com tardo effeito.
Mas observando, sem que o lenho o ajude,
Em menos de hum momento o fogo feito;
O mésmo imaginou, que a Grecia creio,
Quando vio ferir fogo a Prometheo.

XXVI.

Acceza a luz na lóbrega caverna,
Vê-se o que Diogo alli da Não levava;
Roupas, armas, e em parte mais interna,
A polvora em barriz, que transportára:
Tudo vão vendo á luz de huma lanterna,
Sem que o appetega a gente nada avara,
Ouro, e prata, que a inveja não lhe atiga:
Nação feliz! que ignora o que he cubiga.

XXVII.

XXVII.

Mas entre objectos varios a que attende,
 Nota Gupeva extatico a Pintura,
 Que n'hum precioso quadro, que alli pende,
 Representava a Mãi da formosura:
 Se seja cousa viva, não entende;
 Mas suspeitava bem pela figura,
 Digna a pessoa, de que a Imagem era,
 De ser Mãi de Tupá, se elle a tivera.

XXVIII.

Esta (pergunta o Barbaro) tão bella,
 Tão linda face, acaso representa
 Alguma formosissima Donzella,
 Que Esposa o Grão Tupá fazer intenta?
 Ou por ventura que nascesse della,
 Esse, que sobre os Ceos no Sol se assenta?
 Quem póde geração saber tão alta?
 Mas se ha Mãi, que o gerasse, esta he sem falta.

XXIX.

Encantado está o pio Lusitano
 De ouvir em rude boca tal verdade;
 E adorando o Mystério soberano,
 Mãi ter não póde (disse) a Divindade.
 Mas sendo Deos eterno, fez-se humano,
 E sem lesão da propria Virgindade,
 A Donzella o gerou, que piza a Lua,
 Digna Mãi de Tupá, Mãi minha, e tua.

XXX.

Peçamos pois, que he Mãi, que nos deffenda;
Que te dê para ouvir docil orelha;
E contigo o teu Povo recommenda,
Dizendo o Heróe assim, devoto ajoelha.
Gupeva o mesmo faz com fé estupenda;
E pendente de Diogo, que o aconselha,
Levanta as mãos, como elle levantava;
E vendo-o lagrimar, tambem chorava.

XXXI.

Mas crendo rude, como então vivia,
Que fosse cousa viva a Imagem Santa;
Que por Mãi de Tupá tudo sabia,
Tendo poder conforme a gloria tanta;
Repete o que houve a Diogo com voz pia,
E á Mãi de Deos o coração levanta:
E encostando entre os rogos a cabeça,
Faz a noite, e o desvello que adormeça.

XXXII.

Já no purpureo, tremulo Horisonte,
Rosas parece que espalhava a Aurora;
E o Sol que nasce sobre o opposto monte,
A bella luz derrama creadora:
Ouvem-se as avezinhas junto á fonte,
Saudando a manhã com voz sonora;
E os mortaes já do somno desatados
Tornavão novamente aos seus cuidados.

XXXIII.

XXXIII.

Quando Gupeva manso, e diferente,
 Do que antes fora na fereza bruta,
 Convoca a ouvillo a multidão fremente,
 Que á roda estava da profunda gruta:
 Posto no meio da confusa gente,
 Que toda delle pende, e attenta escuta:
 Valentes Paiaiás (diz desta sorte) (4)
 Que herdais o brio da prosapia forte.

XXIV.

Se hontem do vil Sergipe sorprendidos,
 Vimos o grão terreiro posto a sacco;
 Fomos cercados sim, mas não vencidos;
 Não foi victoria, foi traição de hum fraco.
 Sabia bem por golpes repetidos,
 Com quanto esforço na peleija ataco;
 E como sem traição faria nada,
 Não tendo eu armas, vem com mão armada.

XXXV.

Sombra do Grão Tatú, de quem me ferve
 Nestas veias o sangue; de quem trago
 A invicta geração, que em guerra serve
 De espanto a todos, de terror, de estrago:
 Porque a gloria a teu nome se conserve,
 E porque a cante da Bahia o lago,
 Mandas de lá de donde o Mundo acaba
 Para o nosso soccorro este *Imboába*. (5)

XXXVI.

XXXVI.

Tu lhe mudastê em ferro a carne branda ;
 Tu fazes que na mão se accenda , e lhe arda
 A viva chama , que Tupá nos manda ;
 Tupá, que rege o Cão , que o Mundo guarda.
 Com elle hei de vencer por qualquer banda ;
 Com elle em campo armado , já me tarda
 O cobarde inimigo , que a encontrallo ,
 Vivo , vivo me animo a devorallo.

XXXVII.

Sabeis , Tapuias meus , como morrendo
 Nossos Irmãos , e Pais , que elles matavão.
 Postos debaixo já do golpe horrendo ,
 Vosso nome aos vingar tristes chamavão.
 Tambem vistes na guerra combatendo ,
 Que estrago nelles estas mãos causavão ,
 E as vezes que vos dei no campo vasto ,
 Mil e mil delles por sabroso pasto.

XXXVIII.

Mas não come o Estrangeiro , nem consente
 Comer-se carne humana ; e só teria
 Outra carne qualquer por innocente ,
 Aves , Feras , Tatús , Paca , ou Cotia ;
 Recceba pois de nós grato presente ,
 De quanto houver nos matos da Bahia ;
 Saia-se á caça ; e como lhe compete ,
 Prepare-se a hospedagem de hum banquete.

XXXIX.

XXXIX.

Separa-se o Congresso em breve espaço,
Dispõe-se em alas numerosa Tropa:
Quem com taquáras donde pende o laço,
Onde a avezinha cahe, se incauta o topa:
Quem dos hombros suspende, e quem do braço
Armadilhas diffrentes; outro ensopa
Em visgo as longas ramas do palmito,
Onde improvido caia o Periquito.

XL.

Os mais com frécha vão, que a um tempo seja
Tiro, que offenda a fugitiva caça;
Ou armas (se occorresse) na peleija,
Quando o inimigo de emboscada a faça:
E porque aos mais presida, e tudo veja,
A' frente do Esquadrão Gupeva passa;
Nem fica Diogo só, que tudo via,
Mas segue armado a forte companhia.

XLI.

Mais arma não levou, que hum a espingarda;
E' posto ao lado de Gupeva amigo,
Prompto a todo o accidente, e posto em guarda,
Trás na cautela o escudo ao seu parigo.
Em tanto a destra gente a caça aguarda,
E algum se affouta a penetrar no abrigo,
Onde esconde a Panthera os seus cachorros,
Outro a segue por brenhas, e por morros.

XLII.

XLII.

Até que de Gupeva commandada,
Em circulo se forma a linha unido,
Onde quanto ha de caça já espantada,
Fique no meio de hum cordão cingido:
A rez alli do estrondo amedrentada,
N'hum centro está de espaço reduzido:
A' mão mesmo se colhe: cousa bella!
Que dá mais gosto ver, do que comella.

XLIII.

Não era assim nas aves fugitivas,
Que humas fréchava no ar, e outras em laços.
Com arte o Caçador tomava vivas:
Huma porém nos liquidos espaços
Faz com a pluma as settas pouco activas,
Deixando a liza penna os golpes laços.
Toma-a de mira Diogo, e o ponto aguarda:
Dá-lhe hum tiro, e derriba-a co'a espingarda.

XLIV.

Estando a turba longe de cuidallo,
Fica o barbaro ao golpe estremecido,
E cahe por terra no tremendo abalo
Da chamma do fracço, e do estampido:
Qual do horrido trovão com raio, e estalo
Algun junto áquem cahe, fica aturdido:
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz de Diogo huma trovoad.

XLV.

XLV.

Toda em terra prostrada exclama, e grita
 A turba rude em misero desmaio,
 E faz o horror, que estúpida repita
Tupá, Caramurú, temendo hum raio.
 Pertendem ter por Deos, quando o permita,
 O que estão vendo em pavoroso ensaio,
 Entre horriveis trovões do Marcio jogo,
 Vomitar chammas, e abraçar com fogo.

XLVI.

Desde esse dia he fama, que por nome
 Do Grão Caramurú foi celebrado
 O forte Diogo; e que escutado dome
 Este appellido o Barbaro espantado:
 Indicava o Brazil no sobrenome,
 Que era hum dragão dos mares vomitado:
 Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
 Tem Jove, Apollo, e Marte por Deidade.

XLVII.

Forão qual hoje o rude Americano,
 O valente Romano, o sabio Argivo;
 Nem foi de Salmoneo mais torpe o engano, (6)
 Do que outro Rei fizera em Creta altivo.
 Nós que zombamos deste Povo insano,
 Se bem cavarmos no solar nativo,
 Dos antigos Heróes dentro ás imagens,
 Não acharemos mais, que outros Salvagens.

XLVIII.

XLVIII.

He facil propensão na brutal gente,
 Quando em vida ferina admira hum arte,
 Chamar hum fabro o Deos da forja ingente;
 Dar ao Guerreiro a fama de hum Deos Marte:
 Ou talvez por sulfureo fogo ardente,
 Tanto Jove se ouviu por toda a parte:
 Hercules, e Theseos, Jasões no Ponto (7)
 Serião cousas taes, como as que eu conto.

XLIX.

Quanto merece mais, que em douda Lyra
 Se cante por Heróe, quem pio, e justo,
 Onde a cega Nação tanto delira,
 Reduz á humanidade hum Povo injusto?
 Se por Heróe no Mundo só se admira,
 Quem tyranno ganhava hum nome Augusto;
 Quanto o será maior, que o vil tyranno,
 Quem nas feras infunde hum peito humano?

L.

Tal pensamento então n'alma volvia
 O Grão Caramurú, vendo prostrada
 A rude multidão, que Deos o cria,
 E que espera d'esta arte achar domada:
 Politica infeliz da Idolatria,
 Donde a antiga cegueira foi causada; (8)
 Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
 Quando augmenta o terror, recusa o culto.

LI.

LI.

De Tupá sou (lhe disse) Omnipotente
 Humilde escravo, e como vós me humilho;
 Mas do horrendo trovão, que arrojo ardente,
 Este raio vós mostra, que eu sou filho.
 (Disse, e outra vez disparou em continente)
 Do meio do relampago, em que brilho,
 Abrazarei qualquer, que ainda se atreva
 A negar a obediencia ao Grão Gupeva.

LII.

Deu logo a amiga mão com grato aspecto
 Ao misero Gupeva, que convulso
 No horror daquelle ignivomo prospecto,
 Jazia sem sentido, e já sem pulso:
 Não temas (diz-lhe) amigo, que eu prometto,
 Que do meu braço se não móva impulso,
 Senão contra quem fôr tão temerario,
 Que sendo-te eu amigo, he teu contrario.

LIII.

Recbera o bom Gupeva hum novo alento,
 Sentindo a grata mão, que á vida o chama;
 Nem pôde duvidar pelo exprimento,
 De quanto Diogo com fineza o ama;
 Mas sempre com receio do instrumento
 Tem que outra vez lance a horriavel chamma;
 E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
 Nenhum pelo pavor se chegue ao perto.

LIV.

LIV.

Mas por deixar incerta a gente infida,
Dá-lhe astuto o arcabuz, que não tem carga;
E quem (diz) he fiel, póde com vida
Tello na mão sem horrida descarga;
Porém se algum faltasse á fé devida,
Sentirá da traição por pena amarga,
Com proprio damno seu, com mortal risco,
Relampago, e trovão, fogo, e corisco.

LV.

Que eu acordado esteja, ou que adormeça,
Vigia em guarda minha o fogo occulto,
E a traição pagará com a cabeça,
Quem tentasse fazer-me hum leve insulto.
Porém se eu mal não quero, que aconteça,
Póde hum menino, como póde o adulto,
E o mais fraco, que houver na vossa gente,
Ter o trovão nas mãos, sem que arrebente.

LVI.

Porém guardai-vos vós, que só no peito,
Só n'alma, que tendes tenção malina,
Vereis que trovão faz por meu respeito,
E que vem no estampido a vossa ruina.
Treme Gupeva, ouvindo este conceito,
E humilde a fronte ao Grão Diogo inclina:
Certo de não faltar na fé que rende,
Donde o raio, e trovão crê que depende.

LVII.

LVII.

Convoca em tanto o Principal temido
 As esquadras da turba, então dispersa,
 E ao Grão Caramurú pede rendido
 Que eleja casa no Paiz diversa:
 E que a gruta deixando, suba unido,
 Onde em vasta cabana o Povo versa;
 Nem duvide que a gente féra, e brava
 O sirva humilde, e se sujeite escrava.

LVIII.

No Reconcavo ameno hum posto havia
 De troncos immortaes cercado á roda,
 Trincheira natural, com que impedia,
 A quem quer penetrallo, a entrada toda:
 Hum plano vasto no seu centro abria, (9)
 Aonde edificando á patria moda,
 De troncos, varas, ramos, vimes, canas
 Formarão como em quadro, oito cabanas,

LIX.

Qualquer dellas com mole volumosa
 Corre direita em linhas parallelas;
 E mais comprida aos lados, que espaçosa,
 Não tem paredes, ou columnas bellas:
 Hum angulo no cume a faz vistosa,
 E cuberta de palmas amarellas,
 Sobre arvores se estriba, altas, e boas,
 De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

LX.

LX.

Qual o velho Noé na immensa barca,
 Que a barbara cabana em tudo imita,
 Ferozes animaes pródigo embarca,
 Onde a turba brutal tranquillã habita:
 Tal o rude Tapuia na grand'arca;
 Alli dorme, alli come, alli medita;
 Alli se faz humano, e de amor molle,
 Alimenta a mulher, e affaga a prole.

LXI.

Dentro da grã choupana a cada passo (10)
 Pende de lenho a lenho a rede extensa:
 Alli descanso toma o corpo laço;
 Alli se esconde a marital licença:
 Repousa a filha no materno abraço
 Em rede especial, que tem suspensa:
 Nenhum se vê (que he raro) em tal vivenda,
 Que a mulher de outrem, nem q̃ á filha offenda

LXII.

Alli chegando a Esposa fecundada
 A termo já feliz, nunca se omite
 De pôr na rede o Pai a prole amada,
 Onde o amigo, e parente o felicite:
 E como se a mulher soffrêra nada,
 Tudo ao Pai reclinado então se admite,
 Qual fôra, tendo sido em modo serio
 Seu proprio, e não das Mães o puerperio.

LXIII.

LXIII.

Quando na rede ençosta o tenro infante,
 Pinta-o de negro todo, e de vermelho;
 Hum pequeno arco põe, frêcha volante,
 E hum bom cutelo ao lado; e em tom de velho
 Com discurso patetico, e zelante,
 Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
 Que seja forte diz, (como se o ouvisse)
 Que se saiba vingar, que não fugisse.

LXIV.

Dá-lhe depois o nome, que apropriá
 Por semelhança que ao Infante iguala,
 Ou com que o espera célebre algum dia;
 Senão he por defeito que o assinala:
 A algum na fronte o nome se imprimia,
 Ou pintão no verniz, que tem por gala;
 E segundo a figura se lhe observa,
 Dão-lhe o nome de féra, fruto, ou herva.

LXV.

Trabalha em tanto a Mãe sem nova cura,
 Quando o parto conclue, e em tempo breve,
 Sem mais arte que a próvida natura,
 Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve:
 Feliz gente, se unisse com fé pura
 A sóbria educação, que simples teve!
 Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo,
 Que he mais q' pena, ou dor, melindre, e mimo.

LXVI.

LXVI.

Vai com o adulto filho á caça , ou pesca
O solícito Pai pelo alimento :
O peixe á mulher traz , e a carne fresca ;
E á tenra prole a fruta por sustento :
A nova provisão sempre refresca ,
E dá nesta fadiga hum documento ,
Que quem nega o sustento a quem deu vida ,
Quiz ser Pai , por fazer-se hum parrecida.

LXVII.

Que se acontece que a enfermar se venha ,
Concorre com piedade a turba amiga ;
E por dar-lhe hum remedio , que convenha ,
Consultão-no entre si com gente antiga ;
Buscão quem de herva saiba , ou cura tenha ,
Que possa dar allivio ao que periga ,
Ou talvez sangrão n'huma febre ardente ,
Servindo de lanceta hum fino dente.

LXVIII.

Mas vendo-se o mortal já na agonia ,
Sem ter para o remedio outra esperança ,
Estima a bruta gente , acção mui pia ,
Tirar-lhe a vida com a maça , ou lança :
Se morre o tenro filho , a Mãe seria
Estimada cruel , quando a criança ,
Que pouco antes ao Mundo della veio ,
Não torna ao seu lugar no proprio seio.

LXIX.

LXIX.

Tal era o Povo rude, e tal usança
 Se lhe vê praticar no vicio illuso:
 Tudo nota Diogo, na esperança
 De corrigir por fim tão cego abuso.
 No lugar da cabana, em que descança
 Menos da gente, e multidão confuso,
 Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
 De rica, e mole pluma entre tecida.

LXX.

Mas eis que hum grande numero o rodea
 De emplumados feissimos Salvagens:
 Ouve-se a casa de clamores chea;
 Costume antigo seu nas hospedagens.
 Qualquer chegar-se a Diogo ainda recea,
 Por ter visto as horrificas passagens;
 Mas *mair ma apadu* de longe explicação, (11)
 E *bem vindo o estrangeiro* significação.

LXXI.

Por costumado obsequio os mais luzidos
 Tomão Diogo nos braços; e no peito
 A frente lhe apertavão comedidos:
 Sinal entr'elles do hospital respeito.
 Tirão-lhe em pressa as roupas, e vestidos;
 E pondo-o sobre a rede, como em leito,
 Sem mais dizer-lhe nada, e sem ouvillo,
 Tudo se affasta, e deixão-no tranquillo.

E

LXXII

LXXII.

Com maior cerimonia outra visita
 Festiva celebrava o seu cortejo ;
 Feminea turba, que o costume incita
 A offerecer-se honesta ao seu desejo ;
 Senta-se sobre os pés, e felicita,
 Cobrindo o rosto a mão, como por pejo ;
 Vestidas vem de folhas tão brilhantes,
 Que o que falta ao valor, tem de galantes.

LXXIII.

Parece ser da meza o dispenseiro
 Hum Salvagem, que o nome lhe pergunta :
 Se tem fome, lhe diz ; ou se primeiro
 Queria beber ? e logo ajunta,
 Sem mais resposta ouvir, sobre o terreiro
 A comida que trouxe em cópia munta :
 Põe-se-lhe Uiçu de peixe, e carne crua ; (12)
 E o mimoso Cauin, que he paixão sua.

LXXIV.

Todos com gula comem furiosa,
 Sem olhar, sem fallar, nem distrahir-se :
 Tanto se absorbem na paixão gulosa,
 Que mal pudera ao vellos distinguir-se,
 Se são feras, ou homens. Vergonhosa,
 Triste miseria humana ! confundir-se
 Hum peito racional c'hum bruto feio
 No horrendo vicio, donde o mal nos veio.

LXXV.

LXXV.

Acabada a comida, a turba bruta
O estrangeiro bem vindo outra vez grita;
 E a tropa feminina, que isto escuta,
 Cobre a face com as mãos, e o pranto imita:
 Gupeva pois que o hospede reputa,
 Causa do seu prazer, e author da dita;
 O Sacro fogo a roda lhe ateava,
 Ceremonia hospital, que o povo usava. (13)

LXXVI.

Bem presumia Diogo, no que explora,
 Que algum mysterio se occultava interno;
 Lembra-lhe a chamma, que o Caldeu adora;
 O fogo das Vestaes recorda eterno;
 Nem duvidava que de origem fora
 Costume da Nação, rito paterno;
 Trazido, se he possível que se crêa,
 Na dispersão das gentes, da Caldêa.

LXXVII.

Perguntallo dos barbaros quizera;
 Mas como o acceno, e lingua muito engana,
 Acaso soube que á Gupeva viera
 Certa Dama gentil Braziliãna:
 Que em Taparica hum dia comprehendêra
 Boa parte da lingua Lusitana;
 Que Portuguez escravo alli tratara, (14)
 De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

E 2

LXXVIII.

LXXVIII.

Paraguaçu gentil (tal nome teve)
Bem diversa de gente tão nojosa ;
De côr tão alva, como a branca neve ;
E donde não he neve, era de rosa :
O nariz natural, boca mui breve ,
Olhos de bella luz, testa espaçosa :
De algodão tudo o mais, com manto espesso ,
Quanto honesta encobrio, fez ver-lhe o preço.

LXXIX.

Hum Principal das terras do contorno
A bella Americana tem por filha ;
Nobre sem fasto, amavel sem adorno ;
Sem gala encanta, e sem concerto brilha :
Servia aos Carijós, que tinha em torno ,
Mais que de amor, de objecto a maravilha :
De hum desdem tão gentil, que a quem olhava,
Se mirava immodesto, horror causava.

LXXX.

Foi destinada de seus Pais valentes ,
Esposa de Gupeva; mas a Dama
Fugia de seus olhos impacientes ,
Nem prenda lhe acceitou, porque o não ama :
Nada sabem de amor barbaras gentes ,
Nem arde em peito rude a amante chama ;
Gupeva, que não sente o seu despeito ,
Tratava-a sem amor; mas com respeito.

LXXXI.

LXXXI.

Deseja vella o forte Lusitano ;
 Porque interprete a lingua , que entendia ;
 E toma por mercê do Ceo sobrano
 Ter como entenda o idioma da Bahia :
 Mas quando esse prodigio avista humano ,
 Contempla no semblante a louçania :
 Pára hum , vendo o outro ; mudo , e quedo ,
 Qual junto de hum penedo outro penedo .

LXXXII.

Só tu , Tutelar Anjo , que o acompanhas ,
 Sabes quanto a virtude alli se arrisca ,
 E as furias da paixão , que accende estranhas
 Essa de insano amor doce faisca ;
 Ansias no coração sentio tamanhas ;
 (Ansias , que nem na morte o tempo risca)
 Que houvera de perder-se naquell' ora ,
 Se não fôra Christão , se Heroe não fora .

LXXXIII.

Mas desde o Ceo a Santa Intelligencia
 Com doce inspiração mitiga a chamma ;
 Onde a amante paixão ceda á prudencia ,
 E a razão póde mais , que a ardente flamma :
 Em Deos na natureza , e na consciencia
 Conhece , que quer mal quem assim ama ;
 E que fora sacrilego episodio
 Chamar á culpa amor , não chamar-lhe odio .

LXXXIV.

LXXXIV.

No raio deste heroico pensamento
 Em tanto Diogo reflectio consigo,
 Ser para a lingua hum commodo instrumento
 Do Ceo mandado na donzella amigo:
 E por ser necessario ao Santo intento,
 Estuda no remédio do perigo,
 Que póde ser? sou fraco: ella he formosa...
 Eu livre... ella donzella... será esposa.

LXXXV.

Bella (lhe disse então) gentil Menina,
 (Tornando a si do pasmo, em que estivera)
 Sortê humana não he, mas he Divina,
 Ver-me a mim; verte a ti na nova esfêra:
 Ella a frase, em que fallo, aqui te ensina;
 Ella, se não me engana o que alma espera,
 Hum fogo em nós accende, que de resto
 Eterno haja de arder, se arder honesto.

LXXXVI.

Desde hoje se a meus olhos corresponde
 O meigo olhar das lucidas pupilas;
 Se amor he... porq' amor quem he q' o esconde,
 Se por'elle essas lagrimas distillas:
 Com que chammass meu peito te responde,
 Com mão de Esposa poderás sentillas;
 Disse; estendendo a mão, offereceo-lha;
 Ella que nada diz, sorrio-se, e deo-lha.

LXXXVII

LXXXVII.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixára;
 E ou de amante, ou também de vergonhosa,
 Hum tão bello rubor lhe tinge a cara,
 Como quando entre os lirios nasce a rosa:
 Tres vezes quiz fallar, tres se calára;
 E ficou do soçobro tão formosa,
 Quanto elle ficou cégo; e em tal porfia,
 Nem hum, nem outro então de si sabia.

LXXXVIII.

Mas reflectindo logo o Heróe prudente,
 Fixou no coração com fé segura,
 Não cumprir as promessas de presente,
 Antes que lhe entre n'alma a formosura:
 Rende-lhe o seu amor, mas innocente,
 E faz-lhe prometter, que com fé pura,
 Em quanto se não lava, e regenera,
 Em continencia vivirão sincera.

LXXXIX.

E esta fé (diz-lhe) Esposa em Deos querida,
 Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
 Até banhar-te n'agua promettida,
 Por candida affeição de amor fraterno:
 Amor, que sobreviva á propria vida;
 Amor, que prezo em laço sempiterno,
 Arda depois da morte em maior chamma;
 Que assim trata de amor, quem por Deos ama.

XC.

XC.

Espozó (a bella diz) teu nome ignoro ;
Mas não teu coração , que no meu peito
Desde o momento , em que te vi , que o adoro :
Não sei se era amor já , se era respeito :
Mas sei do que então vi , do que hoje exploro ,
Que de dous corações hum só foi feito.
Quero o Baptismo teu , quero a tua Igreja ,
Meu Povo seja o teu , teu Deos meu seja.

XCI.

Terme-has , caro , terme-has sempre a teu lado :
Vigia tua , se te occupa o somno ;
Armada sahirei , vendo-te armado ;
Tão fiel nas prizões , como n'hum throno :
Outrem não temas , que me seja amado :
Tu só serás , Senhor , tu só meu dono :
Tanto lhe diz Diogo , e ambos jurarão ;
E em fé do juramento , as mãos tocarão.

(1) *Anhangá*. Nome do Demonio, em lingua Brazilica, conhecido daquelles Barbaros pelo uso da Nigromancia.

(2) *Montanhas*. Persuadem-se os Brazilienses, que além das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, seja o Paraíso. Vide *Martinieri Diccionario Geografico* verb. *Brazil*, onde se lerá a maior parte da Historia dos ritos, e costumes do Brazil, que aqui, e na serie do Poema escrevemos,

(3) *O corpo humano*. Razão sufficiente, porque he illicito comer a carne humana por principios Theologicos na presente Oitava, e na seguinte pelos Naturaes.

(4) *Paiaias*. Nome honorifico em lingua Brazilica, equivalente a *Nobres*, ou *Senhores*. O Poeta conforma-se ao costume destas gentes, entre as quaes os Principes fazem longas fallas aos seus Compatriotas, exhortando-os pelos principios, que aqui se tocão.

(5) *Imboába*, Voz, com que os Barbaros nomeão os Europeos.

(6) *Salmoneo*. Este Principe pertendia imitar o raio para espantar os Gregos, então barbaros, e semelhantes aos nossos Brazilienses. Tanto se pôde crer do Rei de Creta, que aquelles Insulares chamáráo Jupiter.

(7) *Hercules*. Os Heróes dos tempos fabulares forão sem duvida semelhantes aos nossos primeiros Descobridores, feitos celebres pela rudeza, e ignorancia dos seus tempos. Observamos este paralelo para preoccupar a censura de quem acaso estimasse a materia, e objecto desta Epopeia, indigna de comparar-se á que escolhêrão os antigos Poetas Epicos.

(8) *Causada*. He certo que a Idolatria dos Gregos teve grande occasião nos Inventores das Artes: e vimos outro tanto nos Americanos, dispostos a crer immortaes os Europeos.

Hum

(9) *Hum plano.* Descrição das Tabas , ou Aldéas Brazilicas.

(10) *Dentro.* O Padre Martiniere , célebre Crítico, e testemunha ocular , attesta parte destes costumes ; outros, Ozorio , Vasconcellos , Pitta , que não citamos, por serem especies vulgares.

(11) *Mas mair.* Nas hospedagens costumão assim os Brazilianos ; e do Padre Martiniere copiámos as palavras, que então proferem , e a sua interpretação.

(12) *Uiçu.* Farinha , a que reduzem a carne torrada , ou o peixe. *Cavin* , bebida semelhante á que já dissemos da Catimpoeira.

(13) *Ceremonia.* Tinhão esta cerimonia como Religiosa , persuadidos que faz fugir o Demonio.

(14) *Portuguez escravo.* Ficção Poetica sobre o verosimil , não sendo difficil que algum dos Portuguezes deixados por Cabral , ou por outros Capitães na costa , para aprenderem a lingua , communicassem parte della aos habitantes.

CANTO III.

I.

JA' nos confins extremos do Horizonte
 Dourava o Sol no occaso rubicundo
 Com tibio raio assima do alto monte ;
 E as sombras cahem sobre o valle fundo :
 Hia morrendo a côr no prado , e fonte ;
 E a noite , que voava ao novo Mundo ,
 Nas azas traz com viração suave
 O descanso aos mortaes no somno grave.

II.

Só com Gupeva a Dama , e com Diogo
 Gostosa aos dous de interprete servia ;
 E perguntado sobre o Sacro fogo ,
 A qual fim se inventára ? a que servia ?
 Deo-lhe simples razão Gupeva logo :
 Suppre de noite (disse) a luz do dia ;
 E como Tupá ao Mundo a luz accende ,
 Tanto fazer-se aos hospedas emprende.

III.

III.

Se peccando o máo espirito solevas,
 Succede que talvez cruel se enoje;
 E como he Pai da noite, e Author das trévas,
 Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge:
 Porém se á Luz eterna o peito elevas,
 Não ha furia do Averno que se arroje;
 Talvez por lhe excitar tristes idéas,
 Das chammas, que tiverão por cadeas.

IV.

Admira o pio Heróe, que assim conheça
 A Nação rude as legiões do Averno; (1)
 Nem já duvida que do Ceo lhe desça
 Clara luz de hum Principio sempiterno.
 Disse-me, Hospede amigo, se professa
 Este teu Povo, diz, com culto externo
 Adorar algum Deos? qual he? onde ande?
 Se seja hum Deos sómente, ou ã outros mande?

V.

Hum Deos (diz) hum Tupá, hum ser possante(2)
 Quem poderá negar que reja o Mundo,
 Ou vendo a nuvem fulminar tonante;
 Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
 Quem enche o Ceo de tanta Luz brilhante?
 Quem borda a Terra de hum matiz fecundo?
 E aquella sala azul, vasta, infinita,
 Senão está lá Tupá, quem he que a habita?

VI.

VI.

A chuva, a neve, o vento, a tempestade
 Quem a rege? a quem segue? ou quem a move?
 Quem nos derrama a bella claridade?
 Quem tantas trévas sobre o Mundo chove?
 E este espirito amante da verdade,
 Inimigo do mal, que o bem promove,
 Cousa tão grande, como fora obrada,
 Senão lhe dera o ser, quem vence o nada?

VII.

Quem seja este grande Ente, e qual seu nome,
 (Feliz quem saber pôde) eu cego o ignoro;
 E sem que a empreza de sabello tome;
 Sei que he quem tudo faz, e humilde o adoro:
 Nem duvido que os Ceos, e Terra dome,
 Quando nas nuvens com terror o exploro,
 Deixando o mortal peito em vil desmaio,
 Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII.

Só pasmo se nos fez, como não veio,
 Devendo amar o que obra de mão sua,
 Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio.
 A livrar o Homem dessa besta crua!
 Como he possivel que não dêsse hum meio,
 Com que a mente ignorante, enferma, e nua
 Tratar com elle possa, quando he claro
 Que o Pai não deixa o filho em desamparo!

IX.

IX.

Sinto bem remorder dentro em meu peito
Lembrança, que me accusa: por mim fica
Se mais bem do que faz, me não tem feito,
Que he nescio quem o ingrato beneficia.
Outro Povo talvez mereça eleito
A assistencia dos Ceos de graças rica;
Nem contra Deos se justifica a queixa,
Que costume deixar, quem o não deixa.

X.

Mas se do Throno Celéstial, e Eterno
A pezar da malicia nos visita;
Quem sabe se por zelo hoje paterno
A nosso bem mandar-te aqui medita.
Pois creio bem que contra o fogo Averno
Trazes a chamma, que a do raio imita,
Ou que vens como luz, do Ethereo assento,
Por levar-nos contigo ao Firmamento.

XI.

Pasmava o Lusitano da eloquencia
Com tão alto pensar n'huma alma rude;
Notando como a Eterna Sapiencia
A face a todos mostra da virtude.
E reputava por maior clemencia,
Que a quem, se a fé conhece, ingrato a allude;
Negasse Deos a luz, que os outros vião;
~~Porque tendo-a maior, mais cegarião.~~

XII.

XII.

Não deixa nunca os seus o Ceo piedoso
 (Diogo respondeu) que á terra indigna
 Manda o seu Unigenito glorioso,
 Que offreça, a quem o invoca, a mão benigna:
 Mas se antevisse no Homem pernicioso (3)
 Huma livre eleição sempre maligna,
 Por dar-lhe menos pena em menor falta
 Em sombra, como á voz, deixa tão alta.

XIII.

Tendes em tanto hum claro sentimento,
 Que espirito immortal se nos concede... (4)
 Sim, diz Gupeva, que o decide attento,
 Quem tudo quanto sente parte, ou mede:
 Mas mirando ao seu proprio pensamento,
 Vê que a medida sempre intacto excede;
 E sendo indivisivel desta sorte,
 Como póde a razão soffrer a morte?

XIV.

Quantas vezes em mim, se ser pudesse,
 Hum pensamento d'alma eu dividira;
 Que todo o mal em fim que o homem padece,
 Vem d'imagem cruel, que dentro gyra.
 Mas a interna impressão tanto mais cresce,
 Quanto o peito ansiado mais suspira:
 E vejo que ha em mim mesmo occulto, e interno
 Entre a mente, e a verdade hum laço eterno. (5)

XV.

XV.

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
Ao apagar-se a luz no extremo dia;
E antes de ser punida, ou premiada,
Huma alma justa, ou ré pereceria;
Sempre em desejos, nunca saciada;
Má sem castigo; e sem fortuna pia;
Sem chegar ao seu fim perder a essencia...
Como he crível, q̃ Deos tem Providencia? (6)

XVI.

Se o fim do inerte bruto se inquirisse,
No contexto das obras respondêra,
Que fora feito, porque nos servisse;
E que eterno destino não tivera:
Onde era bem que a morte destruísse
Quem para immortal fim nunca nascêra;
Porque lhe dera, a tello, o Ceo Divino
Outro corpo, outra forma, outro destino.

XVII.

Que o bruto elege, pensa, que discorre
Do que o vemos obrar fica evidente;
Mas cada especie a hum curto fim concorre,
Sem órgãos, e aptidão com que outro intente.
O homem tudo quer, por tudo corre,
Tem órgãos para tudo, e tudo sente;
Infinito em pensar, e no que vejo
Maior que no pensar no seu desejo.

XVIII.

XVIII.

Tudo domína só, tudo governa,
 Sem que a outro animal servir costume;
 Toda outra especie á sua he subalterna,
 E se immortal nascêra, fora hum Nume: (3)
 Arbitrio Universal, Razão Eterna,
 Capaz de receber o immenso lume,
 E fôra mais, se a morte o dissipára,
 Que se Ceo, Terra, e Inferno anniquilára.

XIX.

Pasmado Diogo do que attento escuta,
 Não cré que a singular Filosofia
 Passa ser da invenção da gente bruta:
 Mas a interprete bella lhe advertia,
 Que a antiga Tradição nunca interrupta
 Em cantigas, que o Povo repetia,
 Desde a idade infantil todos comprehendem,
 E que dos Pais, e Mães cantando o aprendem.

XX.

Que crão pedaços das Canções, que então (9)
 As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)
 Que em Poetico estilo doces são
 Feitas por Sabios de sublime estudo.
 Que alguns entre elles com tal estro voão,
 Que envolvendo-se o harmonico no agudo,
 Parece que lhe inflamma a fantasia
 Algum Nume, se o ha, da Poesia.

F

XXI.

XXI.

Tendo Paraguaçu dito discreta,
Prosegue então Gupeva os seus assumptos:
Que se as almas morressem, que indiscreta
A memoria seria dos defuntos?
A que servíra a Lei, que nos decreta, (10)
Que no sepulchro se lhe ponhão juntos
Comidas, arcos, frechas? quem resiste
A quem depois da morte não subsiste?

XXII.

O inimigo Anhangá, logo que deixa
A nossa alma esta carne, em furia a invade,
E do mal, que cá fez, cruel se queixa,
Até que em sombras entre, ou claridade:
O Rito do Sepulchro expresso deixa,
Que enterrando-se em pé, na Eternidade
O fim buscamos, a que Deos nos cria;
E que antes de o alcançar, se segue a via.

XXIII.

Deste principio nasce, que com prantos
Noite, e dia se chora o seu decesso;
Louvão-se nos Congressos como Santos,
E põe-se no sepulchro hum marco expresso:
Tantas memorias pois, officios tantos
A que fim se a alma acaba, eu não conheço:
A expiação, e obsequio era frustrado,
Se ella não vive, ou purga algum peccado.

XXIV.

XXIV.

Costumes são da occulta Antiguidade,
 Que o Grão Tamandaré desde alta origem (11)
 A's gentes ensinou, com que á piedade
 Todas no Mundo as almas se dirigem:
 E quando algum conteste esta verdade,
 Provão-na os Anhangás, que nos affligem,
 Pedindo aos Nigromantes que a alma vendão,
 No que huma alma immortal nos recommendão.

XXV.

Que he desde nossos Pais fama constante,
 Que aonde o Sol se põe nessas montanhas (12)
 Ha hum fundo lugar, de que he habitante
 O perfido Anhangá com crueis sanhas:
 Alli de enxofre a escuridão fumante
 Com portas encerrou Tupá tamanhas,
 Que as não póde forçar, nem todo o Inferno:
 A morte he a chave; e o cadeado he eterno.

XXVI.

Dentro nada se vê na sombra escura;
 Mas no vislumbre funebre, e tremendo
 Distingue-se com vista mal segura;
 Hum Antro vasto, tenebroso, e horrendo:
 Ordem nenhuma tem: tudo conjura
 Ao sempiterno horror, que alli comprehendo:
 Mutuamente mordendo-se de envolta,
 Hum n'outro agarra, se o primeiro o solta.

XXVII.

Se viste onda sobre onda procellosa
Quando bate escumando a arêa funda,
Como esta aquella engolle; e mais furiosa
Montanha d'agua vem, que ambas affunda:
Tal na caverna lobreja horrorosa
Onda, e onda de fogo os mãos inunda:
Este sóbe; este desce; e hum cataclismo
Alaga as nuvens, e descobre o abysmo.

XXVIII.

Aqui o fero Anhangá cahio, (se conta)
Quando do Grão Tupá rompia o jugo;
E vem dos Astros, que soberbo monta,
A ser em pena vil, do homem verdugo:
Alli com mão cruel, com furia prompta
Pune da nossa especie o vil refugo;
E em vez de mãos as miserandas gentes;
Enrosca em laços de crueis serpentes.

XXIX.

Alli do Grão Tupá por Lei severa,
No incendio está, que o tempo não apaga,
Quem torpe incesto faz; quem adultera:
Quem he réo da lascivia infame, e vaga:
Cada hum, como a culpa commettera,
Tanto, e no proprio membro o crime paga:
Fere-se a quem ferio; mas o homicida
Só porque morra mais, não perde a vida.

XXX.

XXX.

Sentada em meio da morada horrenda,
 Branca de cans, e immovel na manobra,
 Immensa sombra faz, que a cauda prenda
 Dentro na boca horrivel huma cobra:
 Com rouca voz, e intimação tremenda
 Ao tempo prezo na viperea dobra
 Diz, retumbando em éco a cavidade:
 Oh vida! oh tempo! oh morte! oh eternidade!

XXXI.

Além da grã montanha, em que se occulta (13)
 O carcere das sombras horroroso;
 De mil delicias n'hum terreno exulta
 Quem vive justo, ou quem morreo piedoso:
 Não se acha imagem nesta terra inculta,
 Que seja sombra do Paiz ditoso;
 O templo alli da Paz foi levantado,
 Sempre aberto ao prazer, e á dor fechado.

XXXII.

Ha do ameno jardim na vasta entrada
 Huma grã porta de safiras bellas,
 Onde da etherea Luz reverberada,
 Se pinta em vasto fundo hum mar de estrellas;
 Toda ella em torno, em torno decorada
 De floridas bellissimas capellas:
 Junto voragem ha de hum precipicio,
 Que sorve a quem se encosta infecto em vicio.

LIV.

XXXIII.

Vem-se dentro campinas deleitosas,
Geladas fontes, arvôres copadas;
Outeiros de crystal, campos de rosas,
Mil fructiferas plantas delicadas:
Cuberto o chão das fructas mais mimosas,
Com mil formosas cores matizadas,
E á maneira, entre as flores, de serpentes
Vão volteando as liquidas correntes.

XXXIV.

Latadas de martyrios ha sombrias,
Que com a rama, e flor formão passeios;
Onde paixão sem calma os claros dias,
Gozando sem temor de mil recreios:
Chuvas alli não ha, nem brumas frias,
Nem das procellas horridas receios;
Nem ha na Primavera, e verdes Maios
Quem receie o trovão, nem tema os raios.

XXXV.

Entre o susurro alli das fontezinhas,
Harmonica se escuta a voz sonora,
Com que mil innocentes avezinhas
Entoão a alvorada á fresca Aurora:
Muitas com vôos vão ao Ceo vizinhas;
Outra segue o Consorte, a quem namora,
E mil doces requiebro gorgendo,
De raminho em raminho vai saltando.

XXXVI.

XXXVI.

Huma ave entre outras ha que se discorre, (14)
 Ou fama certa seja, ou voz fingida,
 Que do jardim a nós, de nós lá corre,
 Como fiel correio da outra vida:
 Dizem que vòa, quando algum cá morre,
 E exprime no seu canto enternecida
 O que alma passa nas eternidades,
 E que nos leva, e traz doces saudades.

XXXVII.

Neste ameno jardim vivem contentes
 As almas, que no Mundo valerosas
 A Santa Lei guardárão diligentes
 Obrando acções na vida gloriosas:
 Os que forão na guerra mais valentes,
 E a Patria com acções guardão honrosas;
 E os que em bellico horror com peito forte
 Temem mais huma affronta, do que a morte.

XXXVIII.

Aqui do Grão Tupá no amado seio
 Conversão, dança, jogão sem fastio;
 Huns dos males passados sem receio
 Cantão da crua guerra o caso impio:
 Outros da propria morte o golpe feio,
 Recordão sem pavor, contão com brio,
 Que o recordar hum mal, que he já passado,
 Dá depois mais prazer, que então cuidado.

XXXIX.

XXXIX.

Alli dos Pais as almas venturosas
Unidas sempre estão ao Filho amado;
E o premio das fadigas laboriosas
Gozão no seio hum d'outro sem cuidado:
A Mãi abraça as filhas amorosas;
Como o esposo a Consorte em puro agrado;
Sem guerra, sem contenda, sem porfia
Passão tranquilla a noite, e alegre o dia.

XL.

Mas o que he mais suave, o que he mais doce,
He gozar-se entre tanta amenidade
De todo o bom desejo a inteira posse;
Nem ter de cousa vã necessidade:
Oh quem de tanto bem possessor fosse!
Grato Paiz! amavel liberdade!
Onde por Graça de Tupá infinita
Ninguém padece, teme, ou necessita.

XLI.

Dizendo assim, Gupeva enternecio-se,
Sentindo a força, que o mortal levanta
A' Bemaventurança: commoveo-se
Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
Tão pouco de Deos sabe: a todos deo-se
O eterno lume, copia da Lei santa;
Mas bem que de esplendor inunde hum pégo,
Quem he indigno de Deos, fica mais cego.

XLII.

XLII.

Que valem (disse ao barbaro ignorante)
 Jardins, flores, dilicias, e prazeres,
 Faltando o Objecto em fim mais importante,
 Que he a face de Tupá? pois de a não veres,
 Todo outro bem, que gozes por brilhante,
 Por bello, por maior, que o conceberes,
 Para a nossa cubiça mal saciada,
 He vil, he vão, he pouco, he fumo, he nada.

XLIII.

Finge que possa o Homem gozar junto
 Destes bens cá da terra hum vasto rio;
 Quanto Deos crear pôde, tudo e munto;
 Quem delle não gosar, fica vasio:
 Se o Mundo a huma alma basta, eu não pergunto;
 Que ella goze infinitos, sempre eu fio;
 Que qual hydropesia verdadeira,
 Quantos mais possuir, tantos mais queira.

XLIV.

Toda essa gloria, que me tens pintado,
 Sem mais q̃ hum bem do Mundo circumscripito,
 Não he, Gupeva meu, mais que hum bocado,
 Para quem só se farta do infinito:
 E quando tudo o mais se haja logrado,
 Se he hum bem transitorio, se he finito,
 Em breve has de sentir, e sem remedio
 Do futuro ansia, e do passado tedio.

XLV.

XLV.

Deos, caro amigo meu, he Deos sómente
Quem pôde saciar nossa vontade:
Chegar á parte aonde o ver contente,
E vello alli por toda a eternidade:
Todo o bem nelle está summo, e eminente,
Honra, gloria, grandeza, magestade:
Esta he, se discorreres em bom siso,
A idéa, que has de ter de hum Paraíso.

XLVI.

Porém narra-me em tanto o que se pensa
Entre vós dos principios deste Mundo:
Quando? como? por quem na idéa immensa
Se tomou a medida ao Ceo profundo?
Qual foi o Homem primeiro, e de qual crensa?
Ou se noticia tens do Adão segundo?
De qual origem sois, ou de qual gente?
Ou quem veio a provar tal continente?

XLVII.

Memoria nunca ouvi (Gupeva disse) (15)
Onde o homem nascesse; mas comprehendo,
Que houve principio em fim que o produzisse,
Que sem fim, e principio eu nada entendo.
Como o creou não sei: e bem que o visse,
Não pudêra entendello; conhecendo
Que entre o nada, e o ser ha tal distancia,
Que a ti te creio igual nesta ignorancia.

XLVIII.

XLVIII.

O primeiro Homem na geral lembrança,
 A Tradição dos velhos mais antigos,
 Antes do grão Diluvio não alcança:
 Sabemos só que huns homens inimigos,
 Do forte braço na fallaz confiança,
 Enchêrão todo o Mundo de perigos,
 E dêrão causa, que o Diluvio extenso
 N'hum pégo sepultasse a terra immenso.

XLIX.

Do renovado Mundo o Patriarca
 Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
 Depois que a grã canoa, e immensa barca,
 Em que ao alto subio, foi fundo tendo;
 Na prole immensa dominou Monarca,
 E as varias Tribus dividido havendo
 Por Continentes, e Ilhas do mar fundo,
 De toda a gente he Pai, que habita o Mundo.

L.

Predisse o Justo Velho o grão castigo,
 E os Homens exhortando á penitencia;
 Nem á vista do proximo perigo
 Chamallos pôde á justa obediencia:
 Cançado então Tupá da paz amigo
 Do cruel latrocinio, e da violencia,
 Quiz por vingar-se o Padre Omnipotente
 Com aguas apagar a chama ardente.

LI.

LI.

Faz que se abraão do Ceo, que águas encerra,
As catadupas, como immensos rios,
E que a face innundando-se da terra,
Se affoguem bons, e máos, justos, e impíos:
Os elementos em desfeita guerra
Confundem-se em medonhos desafios;
Cahe hum mar desde o Ceo, e na mesma hora
Manda a terra do centro outro mar fóra.

LII.

Já rota a margem, que nas brancas praias
A's ondas posto tinha o Grão Sobrano,
Passão as aguas das extremas raías,
Onde se ajunta com o monte o plano:
O peixe nadador nas altas faias
No ninho está do aligero tucano;
E em seios as balêas ver puderas,
Covis dos Tigres, e antros de Pantheras.

LIII.

Hião em tanto os Homens miserandos
De hum monte a outro por fugir das aguas,
E sem destino algum bandos, e bandos
Correndo gritão com piedosas magoas:
E os Ceos deprecão, que os escutem brandos;
Mas a ira de Tupá com justas fragoas
Fulminando sentelhas, e coriscos,
Faz maiores os damnos, do que os riscos,

LIV.

LIV.

Via-se em longa taboa mal segura
 Nadar sobr'agua a Mãe desventurada;
 E tendo ao collo appensa a creatura,
 Ora he n'agua abatida, ora elevada;
 Quem desde o alto das casas se pendura
 Quem fábrica de lenhos a jangada;
 Qual da fome mortal horror concebe,
 E crê que he menos mal, se a morte bebe.

LV.

Tamandaré porém de Tupá amigo,
 Em quanto a grã procella horrivel soa,
 Salva o naufrago Mundo pelo abrigo,
 Que aos filhos procurou na grã canoa:
 E a barca por memoria do castigo
 Elevada deixou sobre a corôa
 Das altas serras, que na fama claras,
 Tem nome semelhante ao das Araras. (16)

LVI.

Daqui por varias terras espalhados
 Os Homens forão, que seus netos cremos;
 Huns que a fronte de nós deixou queimados,
 O claro Sol, que nasce em seus extremos: (17)
 Outros, que habitão climas apartados,
 Dessa cor branca, que em teu rosto vemos;
 Divididos do mar, por onde as proas
 Endireitão a nós vossas canoas.

LVII.

LVII.

Se sois de nós, se nós das vossas gentes,
São cousas, que nós todos ignoramos;
Pois do paterno chão sempre contentes,
D'outras terras, e tempos não cuidamos:
Mas vós, que os mares passeais ingentes,
Podereis inferir, se os que aqui estamos,
Depois que de hum Pai só todos nascemos,
Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII.

Que se em vós houve, ou ha quem assim trate; (18)
Quem se governe assim, quem edifique,
Ou quem com armas, como nos combate,
Quem todo á caça, como nós se applique:
Se ha quem devore os Homens, quando os mate;
A quem o feroz vulto imberbe fique,
Desde Tamandaré, que he Pai das gentes,
Podemos crer que são nossos Parentes.

LIX.

Conserva-se n'hum Povo o antigo rito,
Se o não altera o rito do estrangeiro;
E sempre algum vestigio fica escripto
Por Tradição do seculo primeiro.
Vós sabereis, se a Historia tenha dito,
Que houve tempo, em q' o Mundo quasi inte iro,
Sem sabermos huns d'outros se habitasse;
E como nós erramos, tudo errasse.

LX.

LX.

Se os mares nunca d'antes navegados
 Discorrestes por climas differentes ;
 Sabereis d'outros Homens separados ,
 Descubertos talvez das vossas gentes :
 Que por estreitos , póde ser , gelados ,
 Transitarão nos nossos Continentes :
 Vós direis , se Homens ha na roxa Aurora
 Nós , e pintados , como nós agora ?

LXI.

E porque saibas mais nosso costume ,
 Onde julgues melhor da antiga origem ,
 Dirte-hei como , seguindó o impresso lume ,
 As prudentes Nações cá se dirigem :
 Nem do vicio de muitas se presume
 Contra aquellas , que sabias se corrigem ;
 Que tambem entre vós creio se escuta ,
 Quem tem boas leis , tem má conducta.

LXII.

De Tupá , que o trovão com fogo manda ,
 Trememos , como vês , espavoridos ;
 Mas quando vemos que a procella abranda ,
 Ficão os homens de Tupá esquecidos :
 E bem suspeito que nes'outra banda
 Succeda assim , se o horror vem dos sentidos :
 E que entre vós tambem gente se veja ,
 Que não temem Tupá senão treveja.

LXIII.

LXIII.

Quem o blasfeme, affronte, ou quem o chame
 A ser-lhe testemunha, quando mente,
 Nunca se ouve entre nós com furia infame, (19)
 E só de o imaginar se assombra a gente.
 He raro quem o adore, ou quem o ame;
 Mas mais raro será quem insolente
 Tenha do Summo Ser tão céga incuria,
 Que trate o nome seu com tanta injuria.

LXIV.

De externo culto a Deos ha pouco indicio;
 Senão he no que estimas bruto engano
 De fazermos cruento sacrificio,
 Não do sangue brutal, porém do humano. (20)
 Vejo á luz da razão, que he feio vicio,
 Que ao instincto repugna por tyranno;
 Mas matar quem nos mais o crime atiga,
 Não he victima digna da Justiça!

LXV.

A Justiça do Ceo reconhecemos
 Contra quem delinquente a profanasse;
 Pondo supplicios contra os máos extremos,
 E em justo sacrificio a pena dá-se.
 O malfetor, o réo, quando o prendemos,
 Com sacro rito a cerimonia faz-se:
 Que quem no sangue impio a Deos vindica,
 Este o aplaca sómente, e sacrifica. (21)

LXVI.

LXVI.

A fôrma do governo por abuso
 Anarquico entre nós sem lei se offrece ;
 Mas nos que fazem da razão bom uso ,
 Justa Legislação reinar parece :
 Nem nos tomes por Povo tão confuso ,
 Que hum publico poder não conhecesse ;
 Ha Senado entre nós sabio , e prudente , (22)
 A quem o nobre cede , e a humilde gente.

LXVII.

Vagamos sempre , e nunca hum firme assento
 Nos deixão ter da caça os exercicios :
 Buscamos nella os proprios alimentos ,
 E habitamos onde a ha , ou della indicios :
 E estes são de ordinario os fundamentos
 De occupar-nos em bellicos officios :
 Verás as gentes em continuo choque
 Sobre a quem o terreno , ou praia toque.

LXIII.

Em varias castas , e Nações diversas
 Dividido o Sertão vagar costuma ;
 E bem que vagabundas , e dispersas ,
 Confederão-se as Tabas de cada huma : (23)
 Em guerra , e paz , e em sedições perversas
 Ao Patrio nome não se nega alguma ;
 E se o Senado o quer , por justos modos
 Põem-se todos em paz , e armão-se todos.

G

LXIX.

LXIX.

São nos Senados membros, e cabeças
Os Velhos Sabios, Capitães valentes;
Os que tem soccorrido em grandes pressas
Com conselhos á Patria mais prudentes:
Destes as ordens dimanando expressas,
Hum só se não verá nas nossas gentes,
Que rompa, não cedendo a Potestade,
Este laço da humana sociedade.

LXX.

Destes huns da Suprema Divindade
Ministros são, que nos festivos dias, (24)
Fazendo-se qualquer solemnidade,
O Povo exhortão com lembranças pias:
Honrão cantando a eterna Magestade,
Com sons, que para nós são melodias:
Cousas, que se Anhanhá corrompeo tanto,
Vê-se que nascem de Principio Santo.

LXXI.

Estes Chefes do culto venerando
Mantem-nos a oblação do Povo crente:
São Mestres santos, e por nós orando,
O lume da razão mostra evidente,
Que em tão sublime officio ministrando,
Tem direito a que o Publico os sustente:
Pois nelles he mais justo que a lei valha
De comer cada hum donde trabalha.

LXXII.

LXXII.

Punimos o homicidio: quem mutila,
 Quem bate, ou fere, não evita a pena:
 A sentença elle a dá. Deve subila (25)
 Qual foi a culpa, com justiça plena:
 Quem matou, morrer deve: assim se estila
 Por Lei Sagrada, que a Equidade ordena:
 Quem cortou pé, ou mão, braço, ou cabeça,
 No pé, no braço, e mão tanto padeça.

LXXIII.

A fé do matrimonio bem declara, (26)
 Que o vago amor a Lei offenderia,
 Se se pudera usar sem que hum casára,
 Quem he que neste Mundo casaria?
 Deve morrer quem quer que adulterára;
 Sem isso quem seu Pai conheceria?
 E o que extermina a Patria Potestade,
 Quem não vê que repugna a Humanidade.

LXXIV.

Quem Pai, ou Mãe conhece com incesto,
 Ou quem corrompe a Irmã, padece a morte:
 Nos officios dos Pais he manifesto, (27)
 Que confusão nascêra desta sorte:
 Ser a filha mulher, não fora honesto,
 Dominando em seu Pai como consorte:
 Se o Irmão no Matrimonio á Irmã seguira,
 Sempre o Genero Humano mal se unira.

LXXV.

Deve a humana geral sociedade,
 Para gozar da paz com doce laço,
 Vincular dos mortaes a variedade (28)
 De hum consorcio feliz no caro abraço:
 Deo-nos o Ceo por orgão da amizade,
 Deo-nos como outra mão, como outro braço
 A consorte, em que o amor com fé excite;
 Não por pasto brutal de hum appetite.

LXXVI.

E houverá sem prizão, que he tão suave,
 Dominando entre os homens desde o Averno
 A discordia cruel, e a inveja grave,
 A conter-se o hymineo no amor fraterno:
 Nasce do amor a paz; o amor he a chave;
 He o doce grilhão, vinculo eterno,
 Que se o vil interesse algum desune;
 Os peitos abre, e os corações nos une.

LXXVII.

Movidos deste fim por são costume
 Julgárão nossos Pais na antiga idade,
 Que se offende no incesto o impresso lume,
 Como contrario á paz da sociedade:
 E se do Ceo preside o Santo Nume,
 Ao socego da triste Humanidade;
 Quem duvída que estime pouco honesto
 Conhecer-se os Irmãos com feio incesto?

LXXVIII.

LXXVIII.

Entre nós quem elege a Esposa amada,
 Pede ao Pai, ou Parente; e sem pedilla,
 Não se julgára a fêmea desposada,
 Por deixar a familia assim tranquilla:
 Que se orfã fosse acaso abandonada,
 Só pertence ao vizinho o permitilla;
 E convindo ou seu Pai, ou seu Parente,
 He sem mais matrimonio de presente.

LXXIX.

Furto entre nós não ha: de que ha de havello?
 O que ha, come-se logo; e sem que o enfade,
 Hum tira d'outro o que acha, por comello;
 E anda ao pé da pobreza a caridade:
 A calumnia, a traição, o amargo zelo
 Tem por pena a commua inimizade:
 Nem ha, se o entendo bem, maior castigo,
 Que o Mundo todo ter por inimigo.

LXXX.

Outra Lei depois desta he fama antiga,
 Que observada já foi das nossas gentes;
 Mas ignoramos hoje a que ella obriga,
 Porque os nossos Maiores pouco crentes,
 Achando-a de seus vicios inimiga,
 Recusárão guardalla, mal contentes:
 Mas na memoria o tempo não acaba,
 Que a prégara Sumé Santo Imboaba. (29)



LXXXI.

LXXXI.

Homem foi de semblante reverendo,
Branco de cór, é como tu, barbado,
Que desde donde o Sol nos vem nascendo,
De hum Filho de Tupá vinha mandado:
A pé sem se affundar (caso estupendo!)
Por esse vasto mar tinha chegado;
E na santa doutrina, que ensinava,
Ao caminho dos Ceos todos chamava.

LXXXII.

Com grande mágoa ignora-se o que disse;
Mas não se ignora, que da santa boca
Hum conselho utilissimo se ouvisse
De plantar, e moer a mandioca:
Que havia de tornar, tambem predisse,
Desde o Ceo, a que amigo nos convoca,
E na Terra, ou no Ceo, que elle estivera,
Eu o iria á encontrar, se elle não viera.

LXXXIII.

Contão que quando aos nossos cá prégava,
Podet mostrára tal nos Elementos,
Que ás ondas punha lei, se o Mar se irava,
E de hum aceno só domava os ventos:
Os matos se lhe abríão, quando entrava,
E os Tigres feros a seus pés attentos;
Parecião ouvir, como a outra gente,
Festejando-o co'a cauda brandamente.

LXXXIV.

LXXXIV.

As aguas donde quer, em rio, ou lago,
 Se as chegava a tocar com pé ligeiro,
 Não parecião do elemento vago,
 Mas pedra dura, ou solido terreiro:
 Só com chamar seu nome, cessa o estrago,
 Se o furacão com horrido choveiro,
 Quando na nuvem negra se levanta,
 Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV.

Porém negando ás prégações o ouvido,
 Vinha o Caboclo do Sertão mais bruto
 Contra o justo Sumé de Deos querido
 A matallo, e comello resoluto:
 Pudéra elle fazer, sendo offendido,
 Que elles colhessem da cegueira o fruto;
 Mas pede só prostrado a Deos que o crêe,
 E que a ignorancia aos miseros perdoe.

LXXXVI.

Os féros pois na furia contumazes
 Tomão as fréchas, e bramindo atirão;
 (Mas quanto pelos teus, Tupá, não fazes!)
 Contra quem atirou pelo ar se virão:
 E nem assim se mostrão mais capazes
 Dos annuncios de paz, que em tanto ouvirão,
 Deixa-os Sumé, e hum rio aborda cheio,
 E só com pôr-lhe hum pé partio-o ao meio.

LXXXVII.

LXXXVII.

Contão (e a vista faz que a gente o crêa)
Que onde as correntes d'agua arrebatadas,
Se vão bordando com a branca arêa,
Ficarão de seus pés quatro pégadas:
Vem-se claras, patentes, sem que a vêa
As tenha d'agua no seu ser mudadas:
E enxerga-se mui bem sobre os penedos
Toda a forma do pé com planta, e dedos.

LXXXVIII.

Assim Gupeva concluio, dizendo,
Nem mais tempo ao discurso haver podia
Por aviso, que os campos vem batendo
Turba inimiga em vasta companhia:
A's armas, grita, ás armas, e o éco horrendo,
Retumbando nas arvores sombrias
Fez que as mãis, escutando os murmurinhos,
Apertassem no peito os seus filhinhos.

LXXXIX.

Não te espantes, Diz Diogo; não alteres
A paz dentro as cabanas bellicosas;
Em quanto novas certas não souberes,
Basta pôr guardas nos confins forçosas:
De noite não te empenhes, se temeres
Que te invadão com tropas numerosas,
Põe-te na defensiva; e bem que treme,
Quem te busca de noite, he quem te teme.

XC.

XC.

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
 Contra teus inimigos neste affogo;
 Nem duvides que logo que o disparo,
 Tudo em chammas não vá, tudo arda em fogo:
 Disse, e ao favor sahio de hum luar claro,
 Disparando o mosquete em marcio jogo;
 E em quanto atira, todo o bosque atroa
 Pelo horror da bozina, com que soa.

XCI.

Qual dos monos talvez tropanojosa
 Sahio do interior mato em negro bando;
 E se a frécha hum derriba, vai medrosa
 Em fuga pelas arvores saltando:
 Tal ouvindo a bozina pavorosa,
 E o arcabuz com trovão relampagueando,
 Correm, cahem, despenhão-se na estima
 De que o Ceo todo lhe cahia em sima.

(1) *Legiões do Averno.* He constante o conhecimento que tem os Barbaros da America dos espiritos infernaes. De quem o aprenderão? Quem lhes inspirou estes sentimentos? Respondão os Materialistas, e Libertinos? Como era possível que concordassem com as outras gentes estas Nações ferinas, e sem algum commercio? Como era factível que conservassem depois de tantos seculos tão clara noção de espiritos separados?

(2) *Hum Deos.* He injuria que se faz por alguns Authores aos Brazilienses, suppondo-os sem conhecimento de Deos, Lei, e Rei. Elles tem a voz *Tupá* com especial significação de hum Ente Supremo, como sabemos dos Missionarios, e dos peritos dos seus Idiommas.

(3) *Mas se antevisse.* Não admittimos em Deos sciencia condicionada, e exploratoria; mas he certo que com determinado conhecimento conhece nos objectos as suas condições, e que na execução ao menos priva da sua Graça alguns, que antevê que abusarão livremente della.

(4) *Espirito immortal.* Os Barbaros Americanos tem distincta idéa da Immortalidade da alma, do Paraíso, do Inferno, da Lei, etc. Veja-se Martiniere, Ozorio de rebus *Emmanuelis*, e outros. Grande argumento contra os Libertinos, e Materialistas. Pois quem lhes transfundio estes conhecimentos, senão a antiga Tradição dos tempos Diluvianos, e a harmonia, que estas Tradições tem com a natureza?

(5) *Laço eterno.* A verdade, e indelevel impressão que della sentimos no espirito, he hum grande argumento da Immortalidade, a que recorrêrão maiormente Platão, Santo Agostinho, etc. Convence-se dos costumes, e ritos dos Brazilienses a antiga persuasão, que tem da Immortalidade da alma.

Pro-

(6) *Providencia.* O argumento da pena, e castigo, que se deve aos injustos, e do premio, que se concede aos bons, he prova innegavel da Immortalidade da alma, supposta a Divina Providencia, porque vemos morrer sem premio a piedade de muitos, e sem castigo a injustiça.

(7) *Destino.* He esta a invencível, e universal prova de ser mortal a alma do bruto; porque por experiencia, e pela sua organização vemos que tem hum fim limitado, temporal, e ordenado a servir o Homem na vida mortal. Tudo ao contrario o Homem mesmo.

(8) *E se immortal nascêra.* A Immortalidade por natureza, e essencia he privilegio da Divindade. Adão nasceo immortal por graça.

(9) *Canções.* Sei que Martiniere affirma não ter ouvido nas Canções Brazilienses indícios de Religião. Mas supponho bem que não veria todas; e creio que seja impossivel terem elles conservado as Tradições, que o mesmo Author confessa, sem este, ou igual meio.

(10) *Que nos decreta.* Todos estes ritos, que subsistem nos Americanos, convencem que as almas sobrevivem aos corpos, e que são por tanto immortaes.

(11) *Tamandaré.* Noé, segundo as noções do Diluvio, que depois veremos.

(12) *Montanhas.* Crem os Brazilienses que no meio das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, ha valles profundissimos, aonde são punidos os impios. Idéa expressa do Inferno, em que concordão com todas as gentes, e dão claro sinal nesta persuasão de saberem-no por Tradição original dos primeiros, que povoárão a America. Não pôde haver argumento mais convincente para encher de confusão os Deistas, Libertinos, e Materialistas. Huma Tradição tão antiga, tão firme nestes barbaros, he ella huma invenção por ventura de alguns

guns homens supersticiosos, e impostores das nações d'Asia, ou da nossa Europa?

(13) *Além da grã montanha.* Os Barbaros crem que haja lugar destinado para premio dos bons, e collocão-no além das montanhas do Perú.

(14) *Huma ave.* Persuadem-se os Brazilienses haver huma ave, que chamão Colibri, a qual leva, e traz noticia do outro Mundo. Argumento innegavel da sua crença sobre a Immortalidade da alma.

(15) *Memoria.* Não tem os Indigenas do Brazil idéa da Creação, mas só de Noé, e do Diluvio, e mui confusa dos homens ante-diluvianos. Tudo argumento para convencer os Incredulos da Historia Sagrada, e do Diluvio universal nella referido. Veja-se Sebastião da Rocha Pitta, e Francisco de Brito Freire na Historia Brazilica.

(16) *Araras.* Entende o Poeta os montes Ararat, onde ficou a Arca.

(17) *O claro Sol.* Entende os Africanos, que ficão ao Oriente da America.

(18) *Que se em vós houve.* A maior parte destes sinais se achão nos Tartaros da Coréa, e em outros Salvagens fronteiros a California. Nem duvidamos que estes, gelando-se alli os mares, passassem ao continente da America pela parte mais Septentrional.

(19) *Nunca se ouve.* O juramento, blasfemia, e impreciação são vícios ignorados entre os nossos Salvagens; e rarissimos entre os Tartaros.

(20) *Do humano.* Não ha indício de Sacrificio nos Indigenas Brazilienses; mas sendo as victimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras Nações da America, persuadimo-nos que a solemnidade dos homicidios nos habitantes do Sertão he hum vestigio dos Sacrificios costumados entre os mais Americanos.

Sa-

(21) *Sacrificio.* O Sacrificio he com effeito huma destruição da victima ; e, como expiatorio , satisfazia á justiça com o sangue.

(22) *Ha Senado.* Todos os que escrevem os costumes dos Brazilianos, confissão que presidem ao seu governo os Anciãos, e os Principes das Tabas, ou Aldêas : e que outra cousa he o Senado ?

(23) *Tabas.* Assim chamão os Brazilienses ás suas Aldêas. Veja-se o Diccionario da Grammatica, e lingua Brazilica na voz *Taba*.

(24) *Ministros são.* Especie de Sacerdocio nos Brazilianos : e consta que os Póvos concorrem para o seu sustento com offertas.

(25) *A sentença elle a dá.* Os Authores da Historia Brazilica descobrem nos Barbaros do Sertão a Lei célebre de Talião. Da mesma sorte lhes attribuem Leis para punir o adulterio, e o incesto em primeiro, e segundo gráo.

(26) *A fé do matrimonio.* Martiniere affirma que os Brazilienses Celibes não guardão alguma honestidade. Será dissolução da gente barbara ; mas a constante Tradição de conjugarem-se em matrimonio he argumento, de que repugna aos seus costumes a Venus vaga, e sem freio.

(27) *Nos officios dos Pais.* He a razão sufficiente por onde se faz illicito o incesto. Repugna á Patria Potestade servir á Esposa, e entregar-lhe o poder sobre o seu corpo, sendo ella sua Filha ; isto he, inteiramente sujeita ao seu dominio.

(28) *Dos mortaes a variedade.* Razão sufficiente, por onde repugna aos Direitos da Sociedade o incesto em segundo gráo. Impediria o commercio, e confederação do Genero Humano o restringirem-se os matrimonios aos irmãos : e naturalmente se restringirião pela occasião, se fossem licitos.

Su-

(29) *Sumé.* O Padre Nobrega, primeiro, e insigne Missionario do Brazil, refere quanto aqui dizemos do Apostolo S. Thomé. Veja-se o Padre Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, escrevendo a vida do mesmo Nobrega.

CANTO IV.

I.

ERA o Invasor nocturno hum Chefe errante,
Terror do Sertão vasto, e da marinha,
Príncipe dos Caetés, Nação possante,
Que do Grão Jararaca o nome tinha:
Este de Paraguaçu perdido amante,
Com ciumes da donzella, ardendo vinha:
Impeto que á razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume, e accende as brazas.

II.

Dormindo estava Paraguaçu formosa,
Onde hum claro ribeiro á sombra corre;
Languida está, como ella, a branca rosa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buscando a frescura delectosa
De hum grão maracujá, que alli discorre,
Recostava-se a bella sobre hum posto,
Que encobrando-lhe o mais descobre o rosto.

III.

III.

Respira tão tranquilla, tão serena,
E em languor tão suave adormecida,
Como quem livre de temor, ou pena,
Repousa, dando pausa á doce vida:
Alli passar a ardente sésta ordena,
O bravo Jararaca a quem convida,
A frescura do sitio, e sombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada.

IV.

No diaphano reflexo da onda pura
Avistou dentro d'agua buliçosa,
Tremulando a bellissima figura,
Pasma, nem crê que imagem tão formosa
Seja cópia de humana Creatura:
E remirando a face prodigiosa,
Olha de hum lado, e d'outro, e busca attento,
Quem seja Original deste portento.

V.

Em quanto tudo explora com cuidado,
Vai dar co's olhos na gentil donzella;
Fica sem uso d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem se occupa em vella:
Ambos fóra de si, desacordado
Elle mais, de observar cousa tão bella,
Ella absorta no somno, em que pegára,
Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

VI.

VI.

Quizera bem fallar, mas não acerta;
 Por mais que dentro em si fazia estudo:
 Ella de hum seu suspiro olhou, desperta;
 Elle daquelle olhar ficou mais mudo:
 Levanta-se a donzella mal cuberta;
 Tomando a rama por modesto escudo:
 Poz-lhe os olhos então, porém tão féra;
 Como nunca a belleza ser pudéra.

VII.

Voa, não corre pelo denso máto
 A buscår na cabana o seu retiro;
 E indo elle a suspirar, vê que n'hum acto,
 Em meio ella fugio do seu suspiro:
 Nem torna o triste a si por longo trato,
 Até que dando á magoa algum respiro,
 Por saber donde habite, ou quem seja ella,
 Seguio; voando, os passos da donzella.

VIII.

De Taparica hum Principe possante,
 Que domina, e dá nome á fertil Ilha,
 Veio em breve a saber o cégo amante
 Ter nascido a formosa maravilha:
 Pedio-lha Jaraçá, vendo diante,
 Ao lado de seus Pais, a bella filha:
 Convem todos; mas ella não consente,
 Porque a mais aguardava o Ceo potente.

H

IX.

IX.

Ardendo, parte o bravo Jararaca
D'ansia, de dor, de raiva, de despeito;
E quanto encontra, embravecido ataca
Com sombras na razão, fúrias no peito:
E vendo a chamma, o Pai, que não se aplaca,
Por dar-lhe Esposo de maior conceito,
Por Consorte Gupeva lhe destina,
Com quem no sangue, e estado mais confina.

X.

Logo que por cem bocas vaga a fama
Do Esposo eleito a condição divulga,
Irado o Caeté, raivando brama;
Arma todo o Sertão, guerra promulga;
Tudo accendendo em bellicosa chamma,
Investir por surpresa astuto julga,
Com que a causa da guerra se conclua,
Ficando Praguaçu ou morta, ou sua.

XI.

Mas sendo de improviso em terror posto,
E ouvindo do arcabuz a fama, e effeito,
Não permite que o susto assome ao rosto,
Mas reprime o temor dentro em seu peito:
Convoca hum campo das Nações composto,
Com quem tinha alliança em guerra feito;
E excitando na plebe a voraz sanha,
Cobre de Legiões toda a campanha.

XII.

XII.

Em seis brigadas da vanguarda armados,
 Trinta mil Caetés vinhão raivosos, (1)
 Com mil talhos horrendos deformados,
 No nariz, face, e boca monstruosos:
 Cuidava a bruta gente que espantados
 Todos de vellos, fugirão medrosos;
 Feios como Demonios nos accenos,
 Que certo se o não são, são pouco menos.

XIII.

Da gente fêra, e do brutal commando
 Capitão Jararacá eleito veio;
 Porque na catadura, e gésto infando
 Entre outros mil horrendos he o mais feio;
 Que huma horrível figura peleijando,
 He nos seus bravos militar aceio;
 E traz entre elles gala de valente,
 Quem só co'a cara faz fugir a gente.

XIV.

Dez mil a negra côr trazem no aspecto,
 Tinta de escura noite a fronte impura;
 Negreja-lhe na testá hum cinto preto,
 Negras as armas são, negra a figura.
 São os feros Margates, em qué Alecto
 O Averno pinta sobre a sombra escura;
 Por timbre nacional cada pessoa
 Rapa no meio do cabello a corôa.

H 2

XV.

XV.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto Esquadrão da erua gente;
Cupaiba, que os miseros que abraça,
Devora vivos na batalha ardente:
A' roda do pescoço hum fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia hum dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que he já mais que cordão longo vestido.

XVI.

Urubú, monstro horrendo, e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma; (2)
Por toda a parte lhe encubria tudo
Com terrivel figura a hirsuta coma:
Monstro disforme, horrendo, alto, e membrudo,
Que a imagem do Leão rugindo toma,
Tão feio, tão horrivel por extremo,
Que he formoso a par d'elle hum Polyfemo.

XVII.

Fogem todo o commercio da mais gente;
Ou se se vissem a tratar forçados,
Que lhe possam chegar nenhum consente;
Senão trinta, ou mais passos apartados:
Se alguns se chegão mais, por imprudentes,
Como Leões, ou Tigres esfaimados,
Mordendo investem os que incautos forão,
E a carne crua, crua lhe devorão.

XVIII.

XVIII.

Sambambaia outra turma conduzia,
 Que as aves no fréchar tão certa vexa,
 Que nem voando pela etherea via
 Lhe erravão tiro da volante frécha:
 Era de pluma o manto, que o cubria;
 De pluma hum cinto, que ao redor se fecha;
 E até grudando as plumas pela cara,
 Nova especie de monstro excogitára.

XIX.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
 Que em cultivar mandioca exercitada,
 Não menos util he na agricultura,
 Que valente em batalhas com a espada:
 Tomarão estes, como proprio cura,
 De viveres prover a gente armada;
 Quaes torravão o Aipí; quem mandiocas; (3)
 Outros na cinza as candidas pipocas.

XX.

O bom Sergipe aos mais confederado
 Comsigo conduzia os Petiguaes;
 Que havendo pouco d'antes triunfado,
 Tem do doente inimigo amplos collares:
 Seguem seu nome em guerras decantado
 De gentes valerosas dez milhares,
 Que do ferreo madeiro usando o estoque;
 Disparavão com balas o bodoque.

XXI,

XXI.

Nem tu faltaste alli, Grão Pecicava,
Guiando o Carijo das aureas terras;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras:
Torrão, que do seu ouro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito em fim baixo, e mal prezado,
O nome teve de ouro inficionado. (4)

XXII.

Muitos destes he fama que trazião
Desde alto cerro, que habitavão d'antes,
Com pedras, que nos beiços embotião
Formosos, e bellissimos diamantes:
Outros aureos topasios lhe ingerião;
Alguns safiras, e rubins flammantes;
Pedras, que elles desprezão, nós amamos:
Nem direi quaes de nós nos enganamos.

XXIII.

O feroz Sabará move animoso
Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
Homens de peito em armas valeroso,
Que de sangue em batalhas nada parcos,
Deixarão seu terreno deleitoso,
Por mátos densos, pantanosos charcos;
E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
Passarão desde o mar ás minas do ouro.

XXIV.

XXIV.

Seguia-se nas forças tão robusto,
 Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
 Hum, que com fogo sobre o torpe busto
 Dous Tigres esculpira combatendo:
 Este he o bravo Tatú, que enche de susto
 Tudo, c'o Grão Tacape accommettendo: (5)
 E que mil cutiladas dando espessas,
 Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV.

Debaixo do seu mando em dez fileiras
 Doze mil Itatis formados hião;
 Surdos, porque habitando as cachoeiras,
 Com o grão rumor d'agua ensurdecião:
 Pendem os seus marraques por bandeiras (6)
 De longas astes, que pelo ar batião,
 Supprindo nos inconditos rumores
 O ruído dos bellicos tambores.

XXVI.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
 Que no horror da figura assombra tudo,
 Trazem por armas huma massa ingente,
 Tendo de duro lenho hum forte escudo:
 Frechas, e arco no braço armipotente;
 Nas mãos hum dardo de páo santo agudo;
 Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
 Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

XXVII.

XXVII.

Quarenta mil de côr todos vermelha,
Conduz ao campo o forte Sapucaia:
Dez mil que tem furada a longa orelha,
São Amazonas de feminea laia:
He o amor conjugal que lhe aconselha
A descer dos Sertões á vasta praia,
Por achar-se nos lances mais temidos,
Ao lado sem temor dos seus maridos.

XXVIII.

Brava matrona de córagem cheia,
A quem o marcio jôgo não perturba,
Na fórma bella, mas pôr arte feia,
Vai commandando na feminea turba:
Derão-lhe o nome os seus da Grã Baleia;
Nome, que ouyido os barbaros disturba;
De namorados huns, que a tem por bella;
Mas outros com mais causà por temella.

XXIX.

Ouve-se rouco som, que o ouvido atroa,
Retumbando com éco a voz horrenda
De hum grosseiro instrumento, q̃ a arma soa,
Com que se inflama entre elles a contendà:
E quando o horriovel som mais desentoa,
Faz que no peito mais furor se accenda;
De retrocidos páos são as cornetas;
De ossos humanos frantas, e trombetas.

XXX.

XXX.

Com batalhões a espaços separados
 Triplicado cordão se vê composto ;
 E em silencio admiravel ordenados ,
 Ao redor vão do outeiro em meio posto ;
 Costuma hum Orador fallar-lhe a brados ,
 E ardendo-lhe mil fúrias sobre o rosto ,
 O ar co-a espada furibundo corta ,
 E a combater valente a turba exorta.

XXXI.

Jararaca no mando então primeiro ,
 Ao Sacro , e Civil rito presidia ,
 E no mais alto do sublime outeiro
 Entre hum Senado ancião se distinguia :
 Aos outros na estatura sobranceiro
 A's costas de hum Tapuia , que o trazia ,
 De hum lado a outro magestoso corre ,
 E com geral silencio assim discorre.

XXXII.

Paiaias generosos , hoje he o dia ,
 Que aos vindouros devemos mais honrado ;
 Em que mostreis que a vossa valentia
 Não receia o trovão , subjuga o fado ;
 Sabeis que de Gupeva a cobardia
 Por Filho do trovão tem acclamado ,
 Hum Imboaba , que do mar viera , (7)
 Por hum pouco de fogo que accendêra.

XXXIII.

XXXIII.

Postrado o vil aos pés desse Estrangeiro,
Rende as armas com fuga vergonhosa,
E corre voz que o adora lisongeiro;
E até lhe cede com o sceptro a Esposa:
E que póde nascer do erro grosseiro,
Senão que em companhia numerosa
As nossas gentes o Estrangeiro aterre,
E que a huns nos devore, outros desterre!

XXXIV.

Se o Sacro ardor, que ferve no meu peito,
Não me deixa enganar, vereis que hum dia
(Vivendo esse impostor) por seu respeito
Se enchêra de Imboabas a Bahia:
Pagarão os Tupis o insano feito,
E vereis entre a bellica porfia
Tomar-lhe esses estranhos já vizinhos,
Escravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV.

Vereis as nossas gentes desterradas
Entre os Tigres viver no Sertão fundo,
Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
Levando para além do mar profundo
Nossos filhos, e filhas desgraçadas;
Ou quando as deixem cá no nosso Mundo,
Poderemos soffrer Paiaias bravos,
Ver filhos, mãis, e pais feitos escravos?

XXXVI.

XXXVI.

Mas teme o seu trovão: e tanto opprime
 O medo áquelle vil, que não pondera
 Que por esse trovão, que não reprime,
 Ha de ver cheia de trovões a esfera?
 Que grande mal será, se o raio imprime?
 Se o Mundo por hum raio se perdêra,
 Susto podera ter, cobrar espanto:
 Porém morre de medo, que he outro tanto.

XXXVII.

Eu só, eu proprio no geral desmaio
 Ao relampago irei sem mais soccorro;
 E quando elle dispare o falso raio,
 Ou descubro a impostura, ou forte morro:
 Será de nigromancia hum torpe ensaio,
 Com que o astuto pertende, ao que discorro,
 Fazer que a nossa tropa desfalleça,
 Antes que a causa do terror conheça.

XXXVIII.

Que se fôr (que o não creio) o estrondo infando
 Do sublime Tupá triste ameaça,
 Fará como costuma, trovejando,
 Que matando hum, ou outro a mais não passa:
 Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando,
 A hum homem como eu, nada embaraça:
 Se fôr mortal quem causa tanto aballo,
 Por meio ao proprio raio irei matallo.

XXXIX.

XXXIX.

Sú, valentes; sú, bravos companheiros,
Tomai córagem: que será no extremo?
Embora seja hum raio verdadeiro:
Senão he Deos que o lança, eu nada temo.
Seja quem quer que fôr o author primeiro,
Como não seja o Creador Supremo,
Não ha forças creadas que nos domem;
Que sobre tudo o mais domina o Homem.

XL.

Disse o Grão Chefe assim, e entre os furores,
Com a mão, que já tinha levantada,
Bate na espada aos Principes maiores,
E dá-lhes, *Ornú* dizendo, huma palmada: (8)
Huns nos outros as derão não menores,
Que assim se incita a multidão armada:
Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
Bem que forão seus raios verdadeiros.

XLI.

Jararáca depois (que he Sacro Rito)
Lança furioso as mãos a quanto abrange;
E abrindo a enorme boca em fero grito,
E escuma, e freme, e ruge, te os dentes range;
Como do mal Herculeo o enfermo afflicto
A convulsão a retrocer constrange:
Depois fallando aos Principes, bafeja,
E o espirito de força lhe deseja.

XLII.

XLII.

Ceremonia esta foi do patrio uso,
 Vestigio nacional da antiga idade;
 Que acaso corrompeo magico abuso,
 Tendo talvez principio na piedade:
 Retumba do marraque o som confuso;
 E pondo em alto o seu, com gravidade,
 A' insignia, no chão tudo se inclina,
 Como a sinal de cousa mais Divina. (9)

XLIII.

Corresponde o belligero instrumento
 Da feral frauta ao barbaro marraque;
 E promulgando a marcha áquelle accento
 Tudo em ordem se poz ao fero ataque:
 Marchão contra Gupeva, com intento
 De metter nas cabanas tudo a saque;
 E porque tudo assombrem com terrores,
 Rompem o ar com bellicos clamores.

XLIV.

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
 Sendo a invasão nocturna rechaçada,
 Convocão reclutas, fazem leva
 De Tropa nacional, e da alliada.
 Em quanto Diogo, a quem a acção releva,
 Toma na gruta a polvora guardada,
 E em varios fogos, que arrojou volantes,
 Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV.

XLV.

Era a Bahia então, donde imperava
O bom Gupeva, povoada em roda;
Pelos Tupinambás, de quem contava
Trinta mil arcos, brava gente toda:
Taparica seis mil valente armava;
É por cumprir-se a promettida boda,
Mil Amazonas mais á guerra manda:
Paraguacú gentil todas commanda.

XLVI.

Paraguacú, que de Diogo Esposa
(Porque mais Jararaca se confunda)
Hia a seu lado a combater briosa,
Nem teme a multidão, que o campo inunda:
Usa com ella a Tropa bellicosá
Da vulgar setta, do bodoque, e funda;
Leva a Amazona hum rigido colete,
E co'a espada de ferro o capacete.

XLVII.

Com estas forças só (que mais recusa)
Sahe Diogo á campanha guarnecido,
Nem soffre a fórma do marchar confusa;
Mas tudo tem com ordem repartido:
Outro corpo maior de que não usa
Deixa em guarda das Tabas prevenido;
Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras, (10)
Tumimvis, Tamviás, Canucajara.

XLVIII.

XLVIII.

Não mais de duas leguas adiantando ,
 O arraial se alojava de Diogo ;
 Quando o ardente Planeta vai queimando
 A torrida região com vivo fogo ;
 E em quanto espira no ar Zefyro brando ,
 Buscando n'hum sombra o desaffogo ,
 Medita a grande acção, mede o perigo ,
 Nem despreza por barbaro o inimigo.

XLIX.

Vê bem que espanto causa a invenção nova ;
 Mais que o tempo consome a novidade ;
 Tem sim hum peito d'aço feito á prova ;
 Mas vendo do inimigo a immensidade ,
 Por mais que balas o mosquete chova ,
 Reconhece em vencer difficuldade ;
 Tendo notado já na bruta gente ,
 Que era tão contumaz , como valente.

L.

Pensava assim com reflexão madura ,
 Quando á roda do outeiro divisava
 Densa nuvem de pó, que em sombra escura
 A multidão confusa levantava :
 Não cessa hum ponto mais : tudo assegura ,
 E sem temer a turba que observava ,
 Marcha a ganhar o alto ; e posto á frente ,
 Deo á Tropa em cordão por centro o monte.

LI.

LI.

Já se avistava o barbaro tumulto:
Das inimigas tropas em redondo;
E antes que emprendão o primeiro insulto,
Levanta-se o infernal medonho estrondo:
Os marraques, uapis, e o brado inculto (11)
Todos hum só rumor, juntos compondo,
Fazem tamanha bulha na esplanada,
Como faz na tormenta hum trovoada.

LII.

Tu, rápido Pagé, foste o primeiro,
De quem o negro sangue o campo inunda;
Que com seres no salto o mais ligeiro,
Mais ligeira te colhe a cruel funda:
Paraguaçu lh'atira desde o outeiro;
Chovem as pedras, de que o monte abunda;
E do lado, e de cima do cabeça,
Tudo abatem com tiros de arremeço.

LIII.

Não ficou no combate em tanto ociosa
A frécha do inimigo, que o ar encobre;
Começa Jararaca a acção furiosa,
Dando estímulo ousado ao valor nobre;
E a turba de Diogo receosa
Foge do Grão Tacápe, onde o descobre:
Que tanto estrago faz, que qualquer fera
Maior entre cordeiros não fizera.

LIV.

LIV.

Mas quando tudo com terror fugia ;
 O bravo Jacaré se lhe põe diante :
 Jacaré, que se os Tigres combatia,
 Tigre não ha, que lhe estivesse avante.
 Treme de Jararaca a companhia,
 Vendo a formã do barbaro arrogante,
 Que com pele cuberto de panthera,
 Ruge com mais furor, que a propria fera.

LV.

Avista-se hum co'outro : a massa ardente
 Deixão cahir com barbaro alarido ;
 Corresponde o clamor da bruta gente,
 E treme a terra em roda do mugido :
 Aparou Jacaré no escudo ingente
 Hum duro golpe, que o deixou partido ;
 E em quanto Jararaca se desvia,
 Quebra a massa no chão, com que o batia.

LVI.

Nem mais espera o Caeté furioso,
 E qual Onça no ar, quando destaca,
 Arroja-se ao contrario impetuoso,
 E hum sobr'outro co'as mãos peleja ataca :
 Não póde discernir-se o mais forçoso ;
 E sem mover-se em torno a gente fraca,
 Olhão luctando os dous no fero abraço,
 Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

1

LVII.

LVII.

Porém em quanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorregá
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega:
Sobre o chão hum com outro ás voltas hia;
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca hum golpe atira,
Com que rota a cabeça o triste espira.

LVIII.

Nem mais esperá de Gupeva a gente;
Porque voltando em rapida fugida,
Deixão nas mãos do barbaro potente
Toda a batalha n'huma acção vencida:
Não tarda mais Diogo já presente;
E tendo ao lado a Esposa protegida,
Do outeiro desce, donde tudo observa,
E invade armado a barbara caterva.

LIX.

Quem poderá dizer da turba imbelle
Quantos a forte mão talha em pedaços?
Paraguagú valente ao lado delle,
Muitos mandava aos lugubres espaços:
Semeando por donde o golpe impelle
Troncos, bustos, cabeças, pernas, braços;
Nem hum momento a fraca gente aguarda,
Vendo-a brandir a lucida alabarda.

LX.

LX.

O membrudo Pai com tres potentes
 Robustos filhos degollou co'a espada;
 E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
 Tendo a mão para o golpe levantada,
 Com dous revézes, que lhe atira ardentes,
 Deixou pendentes no ar co'a mão cortada;
 Babú de hum talho que a assaltalla veio,
 Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI.

Muitos sem nome despojou da vida,
 E a quanto encontra o ferro não perdoa:
 Qual se os cachorros perde embravecida,
 No caçador se arroja a fera Leoa;
 E entre mil dardos, de que a tem cingida,
 Dando-lhe azas a dor, saltando voa,
 E ruge, e morde, e no q̃ encontra embarra;
 E onde não póde dente, imprime a garra.

LXII.

Tal a forte donzella move a espada,
 Ou talvez lança mão do dardo agudo,
 E de mil, e mil golpes fulminada,
 Rebate todos no colete, e escudo:
 As Amazonas, de que vem rodeada,
 Vendo sobre a Heroína correr tudo;
 Onde quer que os contrarios se apresentam,
 Accommettem, degollão, e affugentão.

LXIII.

Por outro lado o valeroso Diogo
A multidão dos barbaros subjuga,
E huns precipita no tartareo fogo,
Outros obriga com terror á fuga:
Mas huns detem co'a espada, outros com rogo
Urubú, que do sangue a fronte enxuga:
E oppendo-se entre os mais a Diogo ardente,
Restitue a batalha, e anima a gente.

LXIV.

Urubú que na brenha exercitado
Hum Tigre, que na caça á mão roubára,
Tendo-o junto de si domesticado,
A combater consigo acostumára:
Lança-o a Diogo: o monstro arrebatado
Entre as prezas cruéis, que arreganhára,
Hia apezar dos ferreos embaraços,
Com garra, e dente a pollo em mil pedaços.

LXV.

Mas o Heróe bem que de outros investido,
Em quanto a fera no ar saltando tarda,
Tendo-se ao fero assalto prevenido,
Dispara-lhe na fronte huma espingarda:
E qual raio da nuvem despedido,
Quando a fera que o impeto retarda,
Tremula ao golpe a vacillar começa,
Salta-lhe em cima, e corta-lhe a cabeça.

LXVI.

LXVI.

Ao estrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
 A' fumaça do tiro occasionada;
 Ao ver o busto sobre o chão tremendo,
 E a terrivel cabeça sobre a espada;
 A immensa multidão que o estava vendo,
 Cahe por terra sem animo assombrada;
 E alguns, que em pé tremendo se suspendem,
 Ao Grão Caramurú todos se rendem.

LXVII.

Jararaca entre tanto que seguira
 Os que fugirão no primeiro insulto,
 Por encontrar Gupeva tudo gyra,
 Que nas cabanas se emboscara occulto:
 Hia-o buscando o barbaro, que ouvira
 D'aquella parte o bellico tumulto,
 Com tenção de expugnar a Taba ingente,
 Matar Gupeva, e cativar-lhe a gente.

LXVIII.

Na toca algum das arvores immensas,
 Algum em meio as ramas se escondia;
 Muitos se emboscão pelas selvas densas,
 Outro em covas profundas que sabia:
 Porque andando em continuas desavensas,
 Qualquer ao noto asylo recorria;
 Onde entrando o inimigo, sem prevello,
 Sahem de toda a parte a accommettello.

LXIX.

LXIX.

Em quanto a selya passeava escura
De immortaes arvoredos rodeada,
Foi Jararáca que a cuidou segura,
Ferido sobre o pé de huma frechada:
Ficou-lhe a planta sobre a terra dura,
Em tal maneira com o chão cravada
Que por mais que arrancalla dalli prove,
Despedaça-se o pé, mas não se move.

LXX.

Corre a turba a salvallo, e em continente
Voão mil settas desde a espessa rama,
E cad'arvore alli do bosque ingente
Hum chuvaireiro de tiros lhe derrama:
Cada tronco he hum castello: ao lado, e frente
A occulta multidão bramindo clama;
E o resto, que em cavernas se escondia,
Ao rumor da victoria concorria.

LXXI.

Já mal resiste o Caeté cercado;
E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
Hum corpo de reserva trouxe armado,
Que á inclinada batalha invicto corre.
Jararáca, que o pé tinha encravado,
Vendo que outro remedio o não soccorre,
Por ter a vida, e liberdade franca,
Deixa parte do pé, e a setta arranca.

LXXII.

LXXII.

Nos braços vai dos seus mal defendido ;
 Mas com a massa , que meneia horrenda ,
 Reprime forte o barbaro atrevido ,
 Porque não haja quem se acoste , e o prenda ;
 E tendo a sorte o caso decidido ,
 Cede raivoso da cruel contenda ;
 E ao Sertão retirado não descança ,
 Maquinando em furor nova vingança .

LXXIII.

Paraguaçu porém de gloria avara
 Seguia na victoria o genio activo ;
 E incauta de Diogo se apartára ,
 Cortando a retirada ao fugitivo :
 Anima a multidão , que se emboscára ,
 Pessicava potente , por motivo ,
 Se prevalesce a força do contrario ,
 De acudir ao soccorro necessario ,

LXXIV.

Este vendo a donzella valerosa
 Turbar com furia a gente amedrontada ,
 Desde o alto lança de arvore frondosa
 Grosso ramo , que cahe de huma pancada .
 Debaixo delle a Heroína valerosa ,
 Co' grande pezo pelo chão prostrada ,
 Ficou falta de alento , e semiviva ,
 Nas mãos do cruel barbaro cativa .

LXXV.

LXXV.

Corre a turba feroz contra a donzella,
Que depois que das armas deixa o pezo,
Descobre a todos a presença bella,
E fica quem a prende ainda mais prezo.
Da rude multidão, que corre a vella,
Ha quem de a ver tão linda fica accezo,
Outro que de a ter visto em guerra armada,
Ainda a teme com vella desmaiada.

LXXVI.

Logo que respirou, novo ar tomando,
Sente no coração mais desaffogo,
E alento pouco a pouco vai cobrando,
Até que entrando em si, chama o seu Diogo:
Mas na turba que a cerca reparando,
Conhece-se cativa, e desde logo
N'outro fero desmaio fica absorta,
E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVII.

Salvagem ha que cuida de comella,
Nem muito se está morta se assegura;
E com furia voraz contra a donzella,
A gula accende com a chamma impura:
Nem prezar-se costuma a fôrma bella
No fero coração da gente dura;
E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
Chorão muito, e depois assão-no, e comem.
LXXVIII.

LXXVIII.

Paté com este intento a degollára,
 Se a bella Mangarita que isto via
 Desde o máto escondida o não frechára,
 Deixando-lhe suspensa a mão que erguia:
 Hum troço de Amazonas volta a cara,
 E a peleja de novo se accendia;
 Sendo Paraguaçú, que jaz no meio,
 O preço da victoria neste enleio.

LXXIX.

Cotia, que marchára sempre ao lado
 Da desmaiada Heroína em paz, ou guerra,
 Por vingar, ou remir o corpo amado,
 Co'fulmineo Tacape o campo aterra:
 Piã, Cipô, Açû deixou prostrado,
 E faz que a Grã Balêa morda a terra,
 Balêa, que accommette vingativa,
 Por guardar a donzella semiviva.

LXXX.

Nem tu, Guarapiranga, á mão formosa
 Pudeste evadir na horrivel lucta,
 Que em quanto a Inubiã soas horrorosa, (12)
 Com que ás armas se accende a gente bruta.
 Cotia com a espada valerosa,
 A musica feral que se te escuta,
 Nos Antros retumbar te faz do Averno;
 Melodia, que he digna só do inferno.

LXXXI.

LXXXI.

Tudo cede a Amazona, e já salvava
Paraguaçu mortal da gente fera,
Quando o Grão Pessicava, que observava
O estrago, que a Amazona alli fizera:
Accommette o esquadrão com furia brava,
E tudo affugentando o tempo espera,
Em que a impulso do braço alcance forte
Degollar a Cotia de hum só córte.

LXXXII.

Espera ella sem medo, apenas víra
Do barbaro feroz o golpe incerto;
E veloz a huma toca se retira,
Que tinha em duro tronco o tempo aberto;
Porém repete alli com maior ira
Pessicava outro golpe, e por acerto
Na valerosa Paca imprime o tiro,
Que tomou com Cotia este retiro.

LXXXIII.

Em quanto entrava o barbaro, e na lucta
Hum, e outro se abraça; o forte Diogo
Que o caso da sua bella infausto escuta,
Toma a espingarda, e parte em furia logo:
Qual polvora encerrada dentro á gruta,
Quando na occulta mina se deo fogo,
Arroja penha, e monte, e o que tem diante;
Tal se envia em furor o afflicto amante.

LXXXIV.

LXXXIV.

Tinha affogado Pessicava em tanto
 A Amazona infeliz, e a mão lançava
 Já de Paraguaçu, que no quebranto
 Apenas levemente respirava :
 E eis-que inventando Diogo hum novo espanto,
 Traz hum tambor, que horrisono soava ;
 E logo que o arcabuz com bala atira,
 Cahe Pessicava, e morde o chão com ira.

LXXXV.

Mais não espera a tímida manada,
 Ouvindo o estrondo, e os horridos effeitos :
 Quem parte logo em furia declarada ;
 E quem lhe rende humilde os seus respeitos :
 Paraguaçu porém desassombrada,
 Sendo os contrarios com terror desfeitos,
 Acordou n'hum suspiro, e solta vio-se ;
 E conhecendo Diogo, olhou-o, e rio-se.

Cae-

(1) *Caetés*. Gêntio ferocíssimo, que infestava o Sertão da Bahia.

(2) *Ovecates*. Nação feríssima.

(3) *Aipi*. Raiz de que se faz huma especie de farinha. *Mandioca*, outra semelhante. *Pipocas* chamão o milho, que lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas.

(4) *Inficionado*. Povo importante das Minas do Mato dentro; chamado assim, porque o ouro, que tinha mui subido, perdeu os quilates mais altos, e ficou chamando-se ouro inficionado. Assim o soube o Poeta dos antigos daquelle Parochia, de que elle he natural.

(5) *Tacápe*. Espada de páo ferro, ou semelhante, de que usão os Barbaros.

(6) *Marraque*. He huma haste, de que pende hum cabaço, ou coco cheio de pedras miudas, que sacudindo-o, fazem rumor. He insignia Sacerdotal, e Militar entre estes Barbaros.

(7) *Imboaba*. Nome, que dão aquelles Barbaros aos nossos Europeos.

(8) *Palmada*. Rito Militar, com que se exhortão á guerra.

(9) *Divina*. Usão nas suas solemnidades os Barbaros de hum marraque, ou haste (já em outra parte descrita) que pelas circumstancias parece insignia religiosa.

(10) *Tupiniquis*, etc. Nomes das Nações do Sertão.

(11) *Uapis*. Instrumento, que toçao nas batalhas.

(12) *Inubia*. Especie de corneta usada dos Brazilianes.

CANTO V.

I.

DEBIL em tanto a luz sobre o horisonte,
 Os seus tremulos raios apagava,
 E desde o Occidental immenso monte,
 A noite pelas terras se espalhava:
 Morfeo deixando os antros de Aqueronte,
 No seio dos mortaes se derramava;
 Mas da barbara gente que fugia,
 Só s'entregava ao somno a que morria.

II.

Fatigado Diogo ao lado estava
 Da bella Esposa n'huma grã floresta;
 Nem ao preciso somno lugar dava
 Na attenção de a guardar da gente infesta:
 Hum de outro os successos escutava,
 Nutrindo em novo fogo a chamma honesta;
 Que depois que hum triunfa do inimigo.
 Faz-se doce a memoria do perigo.

III.

III.

Ao resplendor da Lua que sahia,
Misturava-se o horror com a piedade,
Porque em lagos de sangue só se via
Sanguinolenta horrivel mortandade:
O valle igual ao monte parecia,
E do estrago na vasta immensidade,
O outeiro estava, donde foi o assalto,
Com montes de cadaveres mais alto.

IV.

Não póde vello a bella Americana,
Sem que a tocasse hum triste sentimento;
E ou fosse condição da gente humana,
Ou do seu sexo hum proprio movimento:
Chorou piedosa a sorte deshumana,
Dos que apartados do terreno assento
Jazião, como ouvira de Diogo,
Nas lavaredas de hum eterno fogo.

V.

E como (compassiva disse) he crível
Que hũ Deos, como me pintas, bom, e amavel,
Sabendo o que ha de ser, e o que he possivel,
Nos crie para fim tão miseravel?
Antevendo hum successo tão terrivel,
Não parece crueldade inexcusavel
Dar-lhe o ser, dar-lhe a vida, dar-lhe a mente
Para vellos arder eternamente?

VI.

VI.

Quantos crear podéra que o servissem,
 Deixando de crear quem o aggravasse;
 Onde todos a vello ao Ceo subissem,
 E as obras que produz todas salvasse?
 Nossos pais se dos filhos tal previssem,
 Quanto fora cruel quem os gerasse?
 E creremos da excelsa Grã Bondade
 Que ceda a nossos Pais na humanidade?

VII.

Segredos são (diz Diogo) da inscrutavel
 Magestade de Deos: que saberemos
 Do seu modo de obrar sempre ineffavel,
 Se o que somos, e obramos não sabemos?
 Faltando-nos razão clara, e provavel
 Nos conselhos de Deos, que occultos vemos,
 He bem que toda a dúvida se acabe,
 Porque elle póde mais, do que o Homem sabe.

VIII.

Más se ha lugar á humana conjectura
 Dos possiveis na longa immensidade,
 Não se podia achar huma creatura,
 Que goze d'impeccavel liberdade:
 Huma firme innocencia he graça pura;
 He mercê liberal da Divindade;
 E quem em tanto a perguntar se atreve,
 Porque lha não quiz dar, quem lha não deve?

IX.

IX.

Desde a Origem da immensa Eternidade,
Que tudo sem principio ordena, e rege,
Devemos presumir da Divindade,
Que onde o Optimo encontra, em tudo o elege:
E sendo em nós tão grande a iniquidade,
Não temos cousa, que a qualquer se inveje;
Onde se os mais possiveis vendo fores,
Nós fomos os eleitos por melhores.

X.

Embora seja assim; (disse a donzella)
Mas que culpa tem estes, que o ignoravão?
Não cuida acaso Deos, ou pouco zela
As almas, que entre nós se condemnavão?
E senão, porque causa aos mais revela
As doutrinas, que aos nossos se occultavão?
Distava mais do Ceo a nossa gente,
Porque medea o mar d'Este a Poente?

XI.

Tornai a culpa a vós; e a vós sómente
(o Heróe responde assim) Se com estudo
Procurais sobre a Terra o bem presente,
Porque não procurais o Author de tudo?
Para o mais tendes lume, instincto, e mente;
Sómente contra Deos buscais o escudo
Em a vossa ignorancia á brutal culpa!
Essa ignorancia he crime, e não desculpa.

XII.

XII.

Porém já da fadiga desvelada
 Cerrava Praguaçu seus olhos claros,
 Tendo-a Diogo na fé mais confirmada,
 Com responder prudente aos seus reparos:
 Em quanto a bruta gente aprisionada,
 Mostrando-se da vida nada avaros,
 Dançam, e bebem com tripudio forte,
 E esperão, como boda, a cruel morte:

XIII.

Gupeva triunfante na Grã Taba
 O infausto prisioneiro á morte guia,
 E antevendo que a vida se lhe acaba,
 A mulher cada hum lhe offerecia:
 Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
 Brindando-lhe o licor, que a taça enchia,
 Até que quando menos se recorda,
 Dous Salvagens o prendem n'hum corda.

XIV.

Soltas as mãos lhe ficão, que manêa;
 Nem o tem mais que em meio da cintura
 A soga de algodão, como cadêa,
 Que de huma parte, e de outra os assegura:
 Qual Leoa feroz na Maura arêa,
 Quando o laço no ventre a tem segura,
 Toda da frente a cauda se retorçe,
 E ruge, e vibra a garra, e o corpo torce.

K

XV.

XV.

Muitos então da furibunda gente
Dizem-lhe injurias mil, com mil insultos,
Que elle se esforça a rebater valente,
Sem que reçe os barbaros tumultos:
Algun alli chegando ao paciente
(Que tem por cousa vil morrer inultos)
Dá-lhe hum cesto de pedras recalcado,
Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI.

Embiára, e Mexira, dous possantes
Mancebos Caetes de hum parto vindos,
Que Ainubá dera á luz tão semelhantes,
Como tenros na idade, e em gésto lindos:
Muitas donzellas, que os amirão dantes,
Os bellos dias seus choravão findos;
Mitigando o desgosto de perdellos
Com a intenção que tinham de comellos.

XVII.

Estes na corda tem os da Bahia,
Dispostos a morrer no torpe abuso,
De celebrar com sangue o fausto dia
Das victimas triunfaes ao Patrio uso:
Embiára, que com arte a pedra envia,
Muitas no Povo disparou confuso,
E apezar dos escudos, que põe diante,
Alguns ferio da turba circumstante.

XVIII.

XVIII.

Huma grã pedra ao ar nas mãos levanta;
 E erguendo os braços sobre a fronte a atira:
 Lança por terra alguns, outros quebranta,
 E esmaga com o pezo o grão Tapira:
 Outras tres arrojou com furia tanta,
 Que se d'atorno a gente não fugira,
 Com os tiros, que o bravo lhe dispara,
 Em vingança cruel no chão ficára.

XIX.

Mexira n'outro lado era detido
 Com o duro cordão; porém sem medo,
 Ao barbaro Pyri, que o tem cingido,
 Esmigalha a cabeça c'hum penedo:
 Foge o Povo com pedras rebatido;
 Mas Mexira na corda atado, e quedo,
 Com tres pedaços de huma ingente roca,
 Huns derriba no chão, e outros provoca.

XX.

Sahe então Tojucâne em campo ardente,
 E ao som dos seus marraques applaudido;
 Hum cinto tem de plumas sobre a frente,
 Manto ao hombro de pluma entretecido:
 Tinto de negro todo, a côr sómente
 Traz natural no vulto enfurecido;
 E por metter no horror maior respeito,
 Com o beijo inferior varria o peito.

XXI.

A cara, peito, braços (vista horrenda!)
Traz com golpes crueis acutilados:
Golpes, com que o valor se recommenda,
Feitos da propria mão com talhos dados:
Onde se a chaga apodreceo tremenda,
Em meio do asco, e horror desfigurados,
Vendo a gente brutal que hum não se doe,
Este então (que ignorancia!) he o seu Heróe.

XXII.

Desta arte Tojucáne armado vinha,
Posto ao vello em silencio, em pasmo tudo;
Atira-lhe Embiárà (que ainda o tinha)
Hum penedo, que rompe o forte escudo:
O Tacápe elle então desembainha,
Que de plumas ornou com bello estudo,
E encostando-se ousado á longa corda,
Aos dous fortes irmãos fallando aborda.

XXIII.

Não sois vós (disse o barbaro) traidores,
Os que a matar-nos com furor viestes,
E sem respeito aos miseros clamores,
Os nossos tenros filhos já comestes?
Somos (disserão) nós: os teus furores
Sem o laço, em que agora nos prendestes,
Souberamos domar: e assim cativo,
A ver-me solto, te comêra vivo.

XXIV.

XXIV.

Vivo, nem morto a mim me não tocáras,
 Porque se braço a braço te mediras,
 Ou immovel de espanto em pé ficáras,
 Ou de hum só golpe (diz) no chão cahíras:
 Verias bem, se agora nos soltáras,
 Como logo (responde) me fugíras:
 Não queira de valente ser louvado,
 Quem pertende triunfar de hum desarmado.

XXV.

Esse vão pensamento melhor fora
 Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
 Mas tu (diz Tojucâne) na mesma hora
 Te viste combatido, e foste escravo:
 Como te atreves a gloriar-te agora
 Com vil jatancia, com soberbo gavo?
 A quem de resistir falta a constância,
 Não fica mais lugar para a jactancia,

XXVI.

Dizendo assim na frente a espada ingente,
 Deixa o fero cahir com golpe horrendo;
 Cahe por terra Embiára, ainda vivente;
 Mexira morto já, porém tremendo:
 Mordeo aquelle o chão com furia ardente,
 E em cima o matador co-pé batendo:
 Morre, soberbo, diz, e serás vasto
 Para nosso troféo vingança e pasto.

XXVII.

XXVII.

Qual se diz que a Tifeo subjuga hum monte,
Tal a planta cruel Embiára opprime;
E como a cobra faz, se junto á fonte
Toda em nós quebrantada se comprime:
Retorcendo em mil voltas cauda, e fronte,
Que ergue, vibrando a lingua, no ar sublime,
Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
E o espirito exhalado ás sombras manda.

XXVIII.

Chega ás cruentas victimas chorosa
Feminea tropa, que com dor lamenta;
E urlando todas com a voz maviosa,
Tudo vai repetindo a plebe attenta:
Depois d'aquella lastima enganosa,
Qualquer junto aos cadaveres se assenta,
E vão talhando pés, cabeças, braços,
E as victimas fazendo em mil pedaços.

XXIX.

Chamão *moquem* as carnes, que se cobrem,
E a fogo lento sepultadas assão;
Tudo em sima com terra, e rama encobrem,
Onde o fogo depois com lenha fação:
Em tanto as voltão, cobrem, e descobrem,
Até que do calor se lhe repassão:
Detestavel empreza, que escondião
Da indignação de Diogo, a quem temião.

XXX.

XXX.

Foi avisado o Heroe do acto execrando,
 Horrivel pasto da nação perversa,
 E a maneira opportuna meditando
 Da barbara função deixar dispersa:
 Mil fogos de artificio hia espalhando,
 De horrivel fórma, e de invenção diversa:
 Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje,
 Deixa o pasto cruel, e ao máto foge.

XXXI.

Confusa a infame gente do successo,
 Do Grão Caramurú temia a vista,
 Foge Gupeva de terror oppresso,
 Nem sabe, em que maneira ao mal resista:
 Mas o novo pavor na gente impresso
 Mitiga Praguaçu, que o damno avista,
 Se, como teme, o Povo de espantado,
 O terreno deixasse abandonado.

XXXII.

Jararáca entre tanto conduzido
 Dos bravos Caetés á Taba nota,
 Diligente curava o pé ferido,
 E em reparar cuidava a grã derrota:
 E havendo no conselho a liga unido,
 As forças representa, os meios nota,
 E Nigromante crê por perda tanta
 O Grão Caramurú, que o fogo encanta.

XXXIII.

XXXIII.

Já na grã Taba os barbaros se ajuntão,
Onde contra Diogo arte se estude,
E por Magos famosos, que perguntão,
Recorrião de encantos á virtude:
Os Nigromantes vem que os corpos untão,
E nos susurros do seu canto rude
Esperão que tambem ao forte Diogo,
Matando privem do temido fogo.

XXXIV.

Hum delles, que por sabio se acredita,
Não ha (disse) quem possa a ardente fragoa
Apagar no trovão, que o raio excita,
Lastimosa occasião da nossa mágoa:
Que se o antidoto ao fogo se medita,
Mais natural não ha que lançar-lhe agua:
Dentro n'agua se apaga o fogo ardente:
E este he o meio, que occorre de presente.

XXXV.

Contra as vossas canoas não se atreve
O Filho do Trovão, se desce ao porto;
Vós o vereis sem força em tempo breve
Sahir, qual já sahio das aguas morto:
Ninguem ha, que não saiba como esteve,
Quando o encontramos naufrago no porto:
Nem usou do trovão, que espanta em terra,
Nem fez com fogo n'agua a horrivel guerra.
XXXVI.

XXXVI.

São n'agua, terra, e mar mui differentes
 Os Anhangás, que reinão divididos:
 Huns, que só no ar, e fogo são potentes,
 Causão ventos, trovões, raios temidos;
 O terremoto, e pestes sobre as gentes
 Movem outros na terra conhecidos:
 Este porém, que ao estrangeiro acode,
 N'agua não poderá, se em fogo póde.

XXXVII.

Parece á rude gente este discurso,
 Segundo os seus principios concludente;
 E ouvido com applauso no concurso,
 Votão na execução concordemente.
 Toma a guerra por tanto hum novo curso,
 E ao mar se envia a bellicosa gente;
 Nem Capitão ha mais, nem ha pessoa,
 Que não se embarque em rápida canoa.

XXXVIII.

Chamão canoa os nossos nesses mares
 Batel de hum vasto lenho construido,
 Que excavado no meio, por dez pares
 De remos, ou de mais voa impellido:
 Com tropas, e petrechos militares,
 Vai de impulso tão rápido movido,
 Que ou fuja da batalha, ou a accommetta,
 Parece mais ligeiro que huma setta.

XXXIX.

XXXIX.

Concorrendo as Nações do Sertão junto,
Trezentas, ou mais arma Jararaca;
E tendo escolha, porque o Povo he munto,
Deixa em terra das gentes a mais fraca.
E sendo da Bahia tão conjuncto
O ilheo de Taparica, este se ataca,
Na esperanza que Diogo acudiria,
Vendo o sogro em perigo, que o regia.

XL.

Repousava sem susto Taparica;
E confiado em Diogo, e na victoria,
Gozava de huma paz tranquillã, e rica,
Depois que a guerra terminou com gloria;
E quando a rouca Inubia arma pública,
Tão longe tinha as armas da memoria,
Que ignorando em socego os seus perigos,
Nas mãos se foi metter dos inimigos.

XLI.

Prendem o inerme Chefe de improvisó,
Accomettendo a Taba descuidada:
A chamma, e fumo dão infausto aviso
Ao bom Diogo da barbara assaltada:
Nem impulso maior lhe era preciso,
Vendo a Ilha dos Barbaros tomada:
Occupa em pressa as armas, e as canoas,
Sem mais que Praguaçu com cem pessoas.

XLII.

XLII.

Vinte bombas de polvora tem cheas,
 De que huma parte já das náos salvára;
 Quatro ferreos canhões, que entre as arêas
 Por nadadores bons do mar tirára:
 Metralhas, palanquetas, e cadêas,
 Pistolas, e fusions, que preparára;
 Canoas tres de polvora, e resina,
 Que lançar nas contrarias determina.

XLIII.

Forma-se em meia Lua a vasta armada,
 Cuidando de encerrar Diogo em meio,
 E com nuvem de fréchas condensada
 A aurea luz do Sol a impedir veio:
 Firme estava do Heróe a turba irada;
 E coalhando-se o mar de lenhos cheio,
 Retumba o éco na Bahia toda
 Pela gente brutal, que urlava em roda.

XLIV.

Até que a tiro os vê do bronze horrendo;
 E sem mais esperar, dispara fogo,
 Que tudo com metralha hia varrendo,
 E a pique dez canoas metteo logo:
 Saltão muitos de horror no mar, tremendo:
 Alguns deixando o remo, as mãos de Diogo
 Com bombas ardem, que feroz lhe lança,
 Outros a espada de vizinho alcança.

XLV.

XLV.

Confusas entre si vão fluctuando
As canoas, que a gente não regia;
E huma vai sobr'outras embarrando
Na desordem, que todas confundia:
As tres incendiarias arrojando,
Hum diluvio de fogo n'agua ardia,
Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
Que cubrindo-se o ar, fervem as aguas.

XLVI.

Qual, se na Selva densa o fogo atêa,
Em columnas de fumo voa a chamma,
E a lavareda, que pelo ar ondêa,
Traspassando se vai de rama em rama:
Tal na Bahia de canoas chea
Hum diluvio de fogo se derrama;
E o Barbaro de horror, de espanto, e mágoa
Foge á morte do fogo, e escolhe a d'agua.

XLVII.

Jararaca entretanto em terra estava,
Donde prendêra o incauto Tapariça,
E raivoso das praias observava
Toda a frota naval, que em cinzas fica:
Foge dispersa a tropa, que levava;
E logo que a victoria se publica,
Toda a Ilha, que as armas arrebatá,
O timido Caeté subjuga, ou mata.

XLVIII.

XLVIII.

Nem já dos inimigos se descobre
 Huma canoa só no lago ingente;
 E o mar de mil cadaveres se cobre,
 Sem que saiba aonde fuja a infeliz gente.
 Que Gupeva entre tanto a praia encobre,
 Embarçando a fuga ao Continente;
 Grande parte desde a agua o braço estende,
 E a liberdade com a vida rende.

XLIX.

Não assim Jararaca, que na praia
 Põe por escudo o infausto Taparica;
 E ameaça matallo, quando saia
 Em terra Diogo, que suspenso fica.
 Vê o transe a filha, e sobre as mãos desmaia
 Do caro Esposo, e pelo Pai supplica:
 E vê-se Diogo em lance embarçado,
 Sem saber como salve o desgraçado.

L.

Atirar-lhe quizerá; mas duvida,
 Na intenção de matallo vacillante;
 Vendo do sogro ameaçada a vida,
 E quasi sem alento a Esposa amante:
 Tres vezes poz a mira dirigida;
 Tres vezes se deteve a mão constante;
 E em terra, e mar a hum tempo a acção retarda,
 Jararaca ao bastão; elle á espingarda.

LI.

LI.

Que mais espero (diz) ferillo he incerto;
Mas he claro na mão desse inimigo,
Que em qualquer caso em fim o damno he certo,
E cresce na tardança o seu perigo:
Disse, e toma por alvo descuberto,
A fronte do contrario, e neste artigo
Dispara o tiro, e a balla lhe atravessa
De hum parte á outra parte da cabeça.

LII.

Cahe Jararaca em terra ao mesmo instante;
Qual penhasco, que do alto se derroca,
Quando o raio, que o arroja fulminante,
Desde sima o arrancou da excelsa roca:
N'hum rio a terra se banhcou fumante
Do negro sangue, donde pondo a boca,
Morde raivoso a arêa, em que cahira,
E o torpe alento com a vida espira.

LIII.

Já neste tempo se encontrava amigo
Taparica, e Diogo em terno abraço,
Vendo por terra o perfido inimigo,
Que tremendo occupava hum vasto espaço:
Paraguaçu, que afflicta do perigo
Sem sentido ficou no horrivel passo,
Torna a si do desmaio, e vê piedoso
O Pai, que a tem nos braços, com o esposo.

LIV.

LIV.

Alegre vem do opposto Continente
 Em canoas Gupeva a Taparica,
 Congratular-se com o Heróe valente,
 Que morto Jararáca, em calma fica:
 Pasma de ver o estrago a insana gente,
 Que os arcos abatendo a paz supplica;
 E respeitando a suprior Potencia,
 Compensavão a paz com a obediencia.

LV.

Chegarão do Sertão dez mensageiros
 Em nome das Nações, que em guerra andavão,
 Confirmando com pactos verdadeiros
 A inteira sujeição, que ao Luso davão:
 Vem entr'elles os Principes primeiros,
 E com os ritos, que na Patria usavão,
 Principe acclamão com festivo modo
 O Filho do trovão, do Sertão todo.

LVI.

Nem duvidou Diogo imaginando,
 Quanto domar importa a gente bruta,
 Aceitar das Nações o excelso mando,
 E comsigo prudente os fins reputa:
 Ouve-se em nome seu publico bando,
 Que a barbara caterva humilde escuta;
 Em que todo o homicidio se prohibe,
 E com pena de morte a culpa inhibe.

LVII.

LVII.

Julga porém ao ver inveterada
A barbara paixão na gente cega,
Que a grave pena ao crime decretada,
Convém dissimular, se ao caso chega:
A tudo a gente barbara humilhada,
Só na gula cruel a emenda nega,
Por barbara vingança carniceira,
Que tanto póde a educação primeira.

LVIII.

Não tardou logo a occasião de vello,
Porque apenas deixára a companhia;
O proprio Taparica sem temello
Ao convite cruel se prevenia:
Bambú, que fora ao ponto de prendello,
Quem lhe lançára as mãos com ousadia,
Prezo em canoa o Regulo conserva,
Por pasto infando á barbara caterva.

LIX.

Estava o desditoso encadeado,
E exposto a mil insectos que o mordião,
Nem se lhe via o corpo ensanguentado,
Que todo os *mari-bondos* lhe cubrião: (1)
Corria o negro sangue derramado
Das crueis picaduras, que lhe abrião;
E elle immovel em tanto em tósco assento,
Parecia incensível no tormento.

LX.

LX.

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
 No modo de penar mais deshumano;
 Maior a tolerancia lhe parece,
 Do que possa caber n'hum peito humano:
 E como author do crime reconhece,
 Do cruel Sogro o coração tyranno,
 Offerece a Bambú, que a morte ameaça,
 Soccorro amigo na cruel desgraça.

LXI.

Perdes comigo o tempo (disse o Fero) (2)
 Ao que vês, e ainda a mais vivo disposto:
 A liberdade, que me dás, não quero;
 E da dor, que tolero, faço gosto:
 Assim vingar-me do inimigo espero,
 Disse; e sem se mudar do antigo posto,
 As picadas crueis tão firme atura,
 Como se penha fôra, ou rócha dura.

LXII.

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
 He porque escravo padecer reccias;
 E tens por menos mal este, em que gemes,
 Do que huma vida em miseras cadeias:
 Depõe o susto, que sem causa tremes:
 Penhor te posso dar, por onde creias,
 Depondo a obstinação do torpe medo,
 Que a vida, e liberdade te concedo.

L

LXIII.

LXIII.

Aqui da frente o barbaro desvia
Dos insectos co-a mão a espessa banda;
E a Diogo, que assim se condoia,
Hum sorriso em resposta alegre manda.
De que te admiras tu? Que sirviria
Dar ao vil corpo condição mais branda?
Corpo meu não he já, se anda comigo,
Elle he corpo em verdade do inimigo.

LXIV.

O espirito, a razão, o pensamento
Sou eu, e nada mais: a carne immunda
Forma-se cada dia do alimento,
E faz a nutrição, que se confunda:
Vês tu a carne aqui, que mal sustento?
Não a reputes minha: só se funda
Na que tenho comido aos adversarios;
Donde minha não he, mas dos contrarios.

LXV.

Da carne me pastei continuamente
De seus filhos, e Pai: della he composto
Este corpo, que animo de presente,
Por isso dos tormentos faço gosto.
E quando maior pena a carne sente,
Então mais me consolo, no supposto
De me ver do inimigo bem vingado,
Neste corpo, que he seu, tão mal tratado.

LXVI.

LXVI.

Impossível parece ao Sabio Heróe
 O que vê, e o que escuta, e que assim possa,
 Quando a carne mortal tanto se doe,
 Vencer-se a dor da fantasia nossa :
 Magoado interiormente se condoe
 De ver, que no infeliz nada faz môça ;
 Mostrando na brutal rara constancia,
 Com tal valor tão barbara ignorancia.

LXVII.

Tinhão disposto em tanto no terreiro
 As Nações do Sertão pompa festiva,
 Cteando Diogo Principal primeiro
 Com applauso geral da comitiva.
 Vê-se ornado de plumas o guerreiro,
 E como em triunfo a multidão cativa,
 E sobre os mais n'hum throno levantado
 Cingem de pluma o vencedor croado.

LXVIII.

A roda, cômô em circulo, postrados
 Sessenta Principaes das Nações feras
 Em nome de seus póvos humilhados,
 Submissões rendem com temor sinceras :
 Tujúcupápo, estando os mais calados,
 Grão filho do trovão (disse) que imperas
 Em terra, e mar com gloria combatendo,
 Tudo domaste com o raio horrendo.

LXIX.

Não te cedêra não dos nossos peitos
A varonil constancia em guerra humana ;
Nem da morte tememos os effeitos ,
Se a contenda não fora sobrehumana :
Rendemos-te fieis nossos respeitos ,
Depois que o teu valor nos desengana ,
Que em teus combates todo o Ceo te assiste ;
E a quem soccorre o Ceo , quem lhe resiste ?

LXX.

As Nações do Sertão já convencidas ,
Põe a teus pés os arcos , e as espadas :
Suspende o raio teu ; protege as vidas
Desde hoje ao teu imperio sujeitadas :
E se tens , como creio , submettidas
As procellas , as chuvas , e as trovoadas ,
Não espantês com fogo a humilde gente ;
Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI.

A teu commando estão sem replicar-te
Os povos deste vasto Continente ;
E farás com teu nome em qualquer parte ,
Que te obdeça a valerosa gente .
Faze com o favor que haja de amar-te ,
Como a tens com terror feito obediente ;
Que se troveja o Ceo na esfera escura ,
A Luz manda tambem formosa , e pura.

LXXII.

LXXII.

Não foi acaso (disse o Heróe prudente,
Respondendo ao discurso) foi destino
Querer o Goão Tupá que a vossa gente
A mão conheça do Poder Divino:
Do Ceo, que sobre vós brilha lusente,
Se receberdes o sagrado ensino;
Livres com gloria do tyranno Averno
Sobre elle reinareis n'hum solio eterno.

LXXIII.

Porém por serdes na ignorancia rude,
Incapazes de ouvir o mais em tanto,
Buscai com a razão maior virtude,
Implorando o favor do Throno Santo:
E quando a vossa fé pedillo estude,
Vereis da antiga serpe no quebranto
Floreecer nesta Patria d'improviso
Huma imagem do ameno Paraíso.

LXXIV.

Disse o Heróe generoso; a turba immensa
Em sinal de prazer com grata dança,
Vão em fileiras com a mão extensa,
Fazendo com os pés vária mudança:
Huma perna bailhando tem suspensa,
E turma sobre turma em modo avança,
Que idéa dão dos bellicos ataques,
Retumbando entre tanto os seus marraques.

LXXV.

LXXV.

Os Nigromantes, que o Brazil respeita,
Hum marraque descobrem venerado;
Insignia da Nação, que ao pavo acceita,
Considerão por Symbolo Sagrado:
O Sacerdocio, como turma eleita
No ministerio ao culto dedicado,
Poz o barbaro termo á função toda,
Bafejando nos Principes á roda.

(1) *Mari-bondos.* Especie de vespa mordacissima no Brazil.

(2) *Disse o fero.* Hum gravissimo Aulico da nossa Corte me asseverou ter succedido caso semelhante no Pará, em Reinado do Fidelissimo Rei o Senhor D. José I., aonde elle era contemporaneamente occupado em cargo distinctissimo do Real Serviço.

CANTO VI.

I.

DESCANÇAVA no seio então Diogo,
Extincta a guerra, de huma paz dourada,
E o pavor do sulfureo horrivel fogo
Trazia a gente barbara assombrada:
As remottas Nações concorrem logo,
Desde a interna região mais apartada;
E tendo-o do trovão por viva imagem,
Vinha todo o Sertão dar-lhe homenagem.

II.

Muitos delles, dos povos subjugados,
Que o effeito vírão da terrivel chamma;
Outros vinhão sómente convocados
Das heroicas acções, que conta a Fama:
Trazem plumas, e balsamos prezados,
E outra rude opulencia, que o povo ama,
E com os dons da Americana Ceres,
Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

III.

III.

Era antigo dos barbaros costume,
Quando algum Capitão foi bravo em guerra,
Ou se julgavão que o regía hum Nume,
Emparentallo aos Principaes da terra:
Qualquer que de nobreza então presume,
Do Grão Caramurú, que tudo aterra,
Procura, como nobre preminencia,
Ter na sua prosapia a descendencia.

IV.

Tuibae, dos Tapuias Chefe antigo,
Tiapira lhe offrece celebrada;
E com a mão da filha deixa amigo
Huma illustre alliança confirmada:
Xerenimbó trazia-lhe comsigo
A formosa Moema já negada
A muitos Principaes, por dar-lhe esposo
Digno do tronco de seus Pais famoso.

V.

Muitas outras donzellas Brazilianas
A mão do claro Diogo pertendião,
Ou por prendas, que notão soberanas,
Ou por grandes acções, que delle ouvião:
A todos elle deo mostras humanas
Sem a fé lhe obrigar, que pertendião;
Mas por não offender as brutas gentes,
Trata os Pais, e os Irmãos como parentes.

VI.

VI.

Paraguaçu porém com fé de Esposo
 Parecia estimar distinctamente,
 Mostrando-lhe no affecto carinhoso
 A sincera affeição que n'alma sente:
 Amava nella o peito valeroso,
 E o genio docil, com que á fé consente;
 Amor que occasionou, como he costume,
 Em algumas inveja, e n'outras ciume.

VII.

Todas á bella Dama aborrecendo,
 Conspiração feras em tirar-lhe a vida;
 Mas ella que o projecto alcança horrendo,
 Deixar pertende a Patria aborrecida:
 E na viagem de Europa discorrendo,
 Deseja renascer á melhor vida;
 Impulso santo, que com justa idéa
 Move Diogo a deixar aquella arêa.

VIII.

Agitado do vario pensamento,
 Na margem se entranhou do vasto rio,
 Que invocando o Serafico portento,
 Chama de S. Francisco o Luso pio:
 E estando o Sol no seu maior augmento,
 Quando sitio no ardor busca sombrio,
 N'huma lapa, que esconde alto mysterio, (1)
 Foi achar para a calma o refrigerio.

IX.

IX.

Por mil passos a penha milagrosa
Estende em roda o gyro dilatado;
Obra da Natureza prodigiosa,
Quando o Globo terraqueo foi creado:
Concavidade ha alli vasta, espaçosa,
Onde tinha o Creador delineado,
Com capella maior, nave, e cruzeiro,
Hum Templo, como os nossos, verdadeiro.

X.

Largo trinta e tres passos se estendia
O grão cruzeiro: a longitude da mole
Por mais de outros oitenta discorria;
Lugar que não pizara humana prole:
O prospecto extrior de pedraria,
O interior pavimento he terra molle:
De jaspe se levanta a grã portada,
Entre torres marmoreas fabricada.

XI.

Dentro vem-se magnificas Capellas,
Sustentadas de esplendidas columnas;
Pelo tecto entre nuvens gyrão estrellas,
E sobre o rio a hum lado tem tribunas,
Que servindo-lhe a hum tempo de janellas,
Dão luz a todo o Templo; e quando lhe unas
Quantos prodigios o lugar encerra,
Maravilha maior não cobre a Terra.

XII.

XII.

Capella alli se vê de entalho nobre,
 Obrado com desenho estranho, e vario,
 Onde effigiado em marmore, se cobre
 Hum natural bellissimo Calvario:
 Vê-se a base da Cruz, mas nada sobre;
 De jaspe ainda melhor que Egyzio, ou Pario:
 E ao lado hum posto em proporção distincta,
 Onde a mai, e Discipulo se pinta.

XIII.

Chegado Diogo a ver prodigio tanto,
 Pelo estranho espectaculo suspenso,
 Penetra-se no peito de horror Santo,
 Por não sei que Sagrado occulto senso:
 Depois rompendo n'hum devoto pranto,
 Prostrado em terra, adora o Deos immenso,
 Que quando ser ao mar, e á terra dava,
 O alicerce á grã fabrica lançava.

XIV.

Eis-aqui preparado (disse) o Templo,
 Falta a fé, falta o culto necessario;
 E quanto era de Deos, feito contempho
 Tudo o que he de salvar meio ordinario:
 Desta intenção parece ser exemplo
 Este insigne prodigio extraordinario;
 Onde parece que no Templo occulto,
 Tem disposto o lugar, e espera o culto.

XV.

XV.

Quiz mostrar nesta Imagem por ventura
Que esta gente brutal não desampara;
E que a qualquer humana creatura
O remedio da Cruz justo prepara;
Que a estes do seu sangue dera a cura,
Se aos instinctos, que tem, não repugnara;
Que Advogada nos deo de empreza tanta,
Preparando o lugar á Virgem Santa.

XVI.

Oh queira, Grã Senhor, vossa bondade
Supprir nelles, e em mim tanta miseria;
Pois de todos salvar tendes vontade,
Que por este sinal mostrais tão seria:
Que se olhais para a nossa iniquidade,
Achareis de punir tanta materia,
Que a antiga culpa pelos seus abrolhos
A ninguem deixa justo aos vossos olhos.

XVII.

Dalli surcando o rio caudaloso,
Vai o noto Reconcavo buscando,
Por ver se inchada véla o pêgo undoso
A rumo Oriental vai navegando:
Nem temeria o pélago espaçoso
Ir na leve canoa atravessando;
Se o perigo, que immenso considera,
Pelo damno da Esposa não temêra.

XVIII.

XVIII.

Ergue-se sobre o mar alto penedo,
 Que hum a angra á raiz tem, das náos amparo,
 Onde das ramas no intrechado enredo,
 Causa o verde prospecto hum gosto raro:
 Alli morro cuberto de arvoredos,
 A quem passeia o mar, serve de faro;
 Dão-lhe nome da Costa os exprientes,
 Do glorioso Apostolo das Gentes.

XIX.

Aqui vê Diogo hum casco, que encalhára,
 Onde n'agua se occulta hórrida penha,
 Porque ignorando a costa se arrojáa,
 Sem que esperança de soccorro tenha:
 Vê, como a chusma em terra se salvára,
 Que a brutal gente a cativar se empenha;
 E presumindo o que era, na canoa
 A defender os seus remando vóa.

XX.

E temendo que cedão enganados
 Ao barbaro cruel os naufragantes;
 Ou que fiquem sem armas cativados
 Nas mãos desses penhascos ambulantes;
 Faz-lhes sinaes, e deixa-os avisados,
 Fazendo ver as armas rutilantes,
 Da arêa infida, e do cruel perigo,
 E o seu soccorro lhe offrece amigo.

XXI.

XXI.

E quando a tiro de canhão se via,
Fez que se ouvisse a formidável tromba,
E ao eco do tambor que lhe batia,
Dispara ao tempo mesmo a horrível bomba:
Treme de espanto o barbaro, que ouvia;
E este pasma, outro foge, aquelle tomba;
E o Grã Caramurú já divisando,
Correm todos humildes ao seu mando.

XXII.

Unidos do bom Diogo á comitiva
Soccorrêm com presteza a vela rotã;
Onde a gente das aguas semiviva,
Vão leves conduzindo a praia nota:
Salvou-se-lhe a equipagem toda viva;
E para os preparar a grã derrota,
Faz que a barbara gente dando ajuda
A' afflicta multidão piedosa, acuda.

XXIII.

Paraguaçu porém com pio aviso
Cuida em prover de roupas, e sustento,
E quanto lhe he possível, de improviso
Restabece-lhe as forças co'alimento.
Depois que se saciãrão do preciso,
Diogo que o caso seu recorda attento,
Logo que a turba vê contente, e junta,
Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

XXIV.

XXIV.

Hum entre outros, que o Chefe parecia,
 E sobre os mais da chusma dominava,
 Depois de agradecer-lhe a cortezia
 Na Castelhana lingua, em que fallava
 Somos (disse) da nobre Andaluzia,
 Onde o chão Hispalense o Betis lava,
 Socios se ouviste o nome de Arelhano,
 E desde o Reino viemos Peruano.

XXV.

Se a Fama a vós chegou do valeroso
 Domador das Províncias Peruanas;
 E se Pizarro no Orbe tão famoso
 Não se ignora das Gentes Lusitanas:
 Fomos d'elle mandados pelo undoso
 Grão rio, que em correntes desce insanas,
 Desde a grã cordilheira, que imminente
 Aqui separa o Occaso do Oriente.

XXVI.

Novas Ilhas buscando, e novos mares
 Depois de longos dias navegámos;
 Já com procellas, já com brandos ares,
 Ao conhecido Oceano chegámos:
 Os perigos, os casos singulares,
 Que por mais de mil leguas tolerámos,
 Não contára, depois que no mar erro
 A ter peito de aço, e a voz de ferro.

XXVII.

XXVII.

De sessenta, e mais linguas differentes,
Vimos, descendo o rio, em curso immenso,
Incognitas Nações, barbaras gentes,
E hum Povo innumeravel, vasto, e denso.
Montanhas vimos, campos mil patentes,
E hum terreno nas margens tão extenso,
Que poderá elle só neste hemisferio
Formar com tanto Povo hum vasto Imperio.

XXVIII.

Mil vezes com canoas bellicosas
Combatemos no rio, e mil em terra;
Perseguidos de tropas numerosas,
Que occupavão talvez o valle, e a serra:
Nem cessava nas margens perigosas
De mil bravas Nações a dura guerra,
Até que entrando nas ardentes Zonas,
Chegamos á Região das Amazonas.

XXIX.

Discorre com furor pela ribeira,
Vasto esquadrão de tropa feminina,
Que em postura, e contendo de guerreira,
Assaltar nossa frota determina
Sobre o sexo viril, turba grosseira,
O feminino sexo alli domina,
Onde no rio, porque a fama o conte,
Recordamos o antigo Thermodonte.

XXX.

XXX.

E já o Hispano Leão domado houvera
 Das Amazonas o terreno infausto,
 Se no clima infeliz nos não morrêra
 De mil fadigas Arelhano exausto.
 A gente pois que o Capitão perdêra,
 Não podendo esperar successo fausto,
 Sobre este bergantim, que alli se adorna,
 Ao Solar Patrio, navegando torna.

XXXI.

Não duvideis, responde, o Heróe clemente
 De achar em mim soccorro poderoso;
 Que achais quem como vós do mar fremente
 Aprendeo na desgraça a ser piedoso:
 Tendes amiga mão, madeira, e gente,
 Com que o casco, que vedes ruinoso,
 Reformando-se torne do Ceo nosso
 A' desejada Hespanha, e Betis vosso.

XXXII.

Disse; e ordenando a turba Americana,
 Assiste ao fabro na naval fadiga;
 E quanto lhe permite a força humana,
 Faz que em breve o baixel seu rumo siga:
 Nem se demora mais a gente Hispana,
 Que a convida a monção, e o vento obriga:
 Soltão a branca véla ao fresco vento,
 E vão raspando o liquido elemento.

M

XXXIII.

XXXIII.

Felices vós, diz Diogo, affortunados,
A quem da cara Patria he concedido
Tornar hoje aos abraços desejados,
Depois de tanto tempo a ter perdido!
Em quanto eu nestes climas apartados
Me vejo de seguir-vos impedido;
Que fiar temo de tão debil lenho
Outra vida, que em mais que a propria tenho.

XXXIV.

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa não de Gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando,
E a prôa mette sobre a propria esteira:
Vem seguindo a canoa, e sinaes dando,
Até que aborda a embarcação veleira,
E de paz dando a mostra conhecida,
A's praias de Bahia a não convida.

XXXV.

A Gupeva entretanto, e Taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte Esposa
A intenção de levalla significa,
A ver de Europa a Região famosa:
Suspensa entre alvoroço, e pena fica
Paraguaçu contente, mas saudosa;
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lho enxuga.

XXXVI.

XXXVI.

He fama então que a multidão formosa
 Das Damas, que Diogo pertendião,
 Vendo avançar-se a não na via undosa,
 E que a esperança de o alcançar perdião:
 Entre as ondas com ansia furiosa
 Nadando o Esposo pelo mar seguião;
 E nem tanta agoa que fluctúa vaga
 O ardor que o peito tem, banhando apaga:

XXXVII.

Copiosa multidão da não Franceza
 Corre a ver o espectáculo assombrada;
 E ignorando a occasião da estranha empreza,
 Pasma da turba feminil, que nada:
 Huma, que ás mais precede em gentileza,
 Não vinha menos bella, do que irada:
 Era Moema, que de inveja geme,
 E já vizinha á não se apéga ao leme:

XXXVIII.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
 Porém o tigre por cruel que brame,
 Acha forças amor, que em fim o domem;
 Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
 Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
 Como não consumis aquelle infame?
 Mas pagar tanto amor com tédio, e asco...
 Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

XXXIX.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que he favor, dado a tempo, hum desengano:
Porém deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL.

Tão dura ingratidão menos sentíra,
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar não víra
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira,
Se não temêra de chamar Senhora
A vil Paraguaçu, que sem que o creia,
Sobre ser-me infrior, he nescia, e feia.

XLI.

Em fim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A hum aí sómente, com q̃ aos meus respondas:
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer o mais, cahe n'hum desmaio.

XLII.

XLII.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
 Pálida a côr, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,
 Entre as salsas escumas desce ao fundo:
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a apparecer desde o profundo;
 Ah Diogo cruel! disse com mágoa,
 E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa.

XLIII.

Chorarão da Bahia as Nynfas bellas,
 Que nadando a Moema acompanhavão;
 E vendo que sem dor navegação dellas,
 A' branca praia com furor tornavão:
 Nem pode o claro Heróe sem pena vellas,
 Com tantas provas, que de amor lhe davão;
 Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
 Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV.

Voava em tanto a náó na azul corrente,
 Impellida de hum Zefyro sereno,
 E do brilhante mar o espaço ingente
 Hum campo parecia igual, e ameno:
 Encrespava-se a onda docemente,
 Qual aura leve, quando move o feno;
 E como o prado ameno rir costuma,
 Imitava as boninas com a escuma.

XLV.

XLV.

Du Plessis, que os Francezes governava,
 Em huma noite clara á poppa estando,
 Os casos de Diogo, que escutava,
 Admira no naufragio memorando:
 Depois do Heróe prudente perguntava
 Quem achára o Brazil, o como, e quando
 Ganhára no recondito hemisferio
 Tanto thesouro o Lusitano Imperio?

XLVI.

Dous Monarcas (responde o Lusitano)
 Já sabes que no Occaso, e no Oriente
 Nóvos Mundos buscarão pelo Oceano,
 Depois de haver domado a Libya ardente:
 E que, onde não chegou Grego, ou Romano,
 Passea o forte Hispano, e a Lusa gente;
 Que instruidos na Nautica com arte,
 Descubrirão do Mundo outra grã parte.

XLVII.

Do Téjo ao China o Portuguez impéra,
 De hum pólo ao outro o Castelhana voa,
 E os dous extremos da redonda esféra,
 Dependem de Sevilha, e de Lisboa: (2)
 Mas depois que Colon sinaes trouxera,
 (Colon, de quem no Mundo a fama voa)
 Deste novo admiravel continente
 Discorda com Castella o Luso ardente.

XLVIII.

XLVIII.

Já se dispunha a guerra sanguinosa ;
 Porém o commum Pai aos dous intima
 Arbitrio na contenda duvidosa ,
 Que a parte competente aos Reis estima.
 Desde Roma Alexandre imperiosa ,
 Deixando ambos em paz á empreza anima ,
 E huma linha lançando ao Ceo profundo ,
 Por Fernando , e João reparte o Mundo.

XLIX.

Na vasta divisão , que ao Luso veio ,
 O precioso Brazil contido fica :
 Paiz de gentes , e prodigios cheio ,
 Da America feliz porção mais rica :
 Aqui do vasto Oceano no meio
 Por horriavel tormenta a prôa applica
 O illustre Cabral com fausto acaso
 Sobre grãos dezeseis do nosso Occaso.

L.

Da nova Região , que attento observa ,
 Admira o clima doce , o campo ameno ,
 E entre arvoredos immenso , a fertil herva
 Na viçosa extensão do aureo terreno :
 Cuberta a praia está de grã caterva
 De incognita Nação , que com o aceno ,
 Porque a lingua ignorava , á paz convida ,
 Erguendo-lhe o troféo do Author da vida.

LI.

LI.

Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta, que murchou no Inverno;
E quando a solar méta o tempo excita,
Em que o Rei triunfou da morte eterno:
Tão sagrada memoria a frota incita
A celebrar ao Vencedor do Inferno
O sacrificio, donde a fé venera,
A Paixão, que em tal tempo succedêra.

LII.

Em frondosa ramada o Lusitano
Hum Altar fabricou no prado extenso,
Donde assista ao Mystério soberano
Da Lusitana esquadra o povo immenso:
Ao Rei triunfante do infernal tyranno,
Odorifero fuma o sacro incenso,
E a victima do Ceo, que a paz indica
A' gente, e nova terra sanctifica.

LIII.

Notar o Americano alli contende
Do sacrosanto Altar o acto sublime;
E tanto a simples gente o aceno entende,
Que parece que a acção por santa estime:
Algun que olhava ao celebrante, emprende
O gesto arremedar, que orando exprime,
E as mãos une, e levanta, e talvez solta;
E quando o vê voltar, tambem se volta.

LIV.

LIV.

Como as nossas acções talvez espia
 O peloso animal, que o máto hospeda,
 E quanto vê fazer, como á porfia,
 Tudo posto a observar, logo arremeda:
 Tal o Gentio simples parecia,
 Que nem hum pé, nem passo dalli arreda,
 E ao santo sacrificio attento, e mudo,
 O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV.

Aqui depois que ás turbas eloquente
 Dicta o sacro Orador pio conceito,
 E a fé dispensa no animo valente
 Do nobre Povo a propagalla eleito:
 Participa da cea a Christã gente,
 E o dom recebem com fiel respeito;
 E he fama que Cabral, que os convocára,
 Montando sobre hum alto, assim fallára.

LVI.

Gloriosa Nação, que a terra vasta
 Vais a livrar do Paganismo immundo,
 A quem esse Orbe antigo já não basta,
 Nem a immensa extensão do mar profundo:
 Neste occulto Paiz, que o mar affasta,
 Tem teu zelo por campo hum novo Mundo;
 E quando tanta fé seus termos sonde,
 Outro Mundo acharás, se outro se esconde.

LVII.

LVII.

Oh profundo conselho ! Abysmo immenso
Do poder, e saber do Omnipotente !
Que estivesse escondida no Orbe extenso
Tanta parte do Mundo á sabia gente !
Sincoenta e sinco seculos sem senso
Das Nações deste vasto continente,
E em tanta indagação dos sabios feita,
Não cahir-nos na mente nem suspeita !

LVIII.

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta Providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdão ora;
Quando morre na Cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triunfadora
Tremolamos as Chagas com fé pia,
E nellas quiz á grei, que em sombras langue,
Vir neste dia a offerecer seu sangue.

LIX.

Goza de tanto bem, terra bemdita
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fruto da Paixão na Igreja,
Da fé renovo pelo fruto nobre,
Que o dia nos mostrou, que te descobre.

LX.

LX.

Dizendo assim ajoelha, e Cruz em tanto
 Sublime n'hum oiteiro se colloca;
 O exercito formado ao sinal santo
 Se prosta humilde, pondo em terra a boca:
 Pasma o Gentio, e admira com espanto
 A melodia, com que o Ceo se invoca,
 Hymno entoando á Cruz pios Cantores,
 E respondendo as trompas, e os tambores.

LXI.

Terra porém depois chamou a gente
 Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
 D'outro lenho nas tintas excellente,
 Se lembra menos do que o foi da vida:
 Assim ama o mortal o bem presente;
 Assim o nome esquece, que o convida
 Aos interesses da futura gloria,
 Aos bens attento só da transitoria.

LXII.

Observa o bom Cabral todo o prospéto
 Da immensa costa, e pelo clima puro:
 Pelo abordo tranquillo, e mar quieto,
 Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
 E olhando com saudade o doce objecto
 Do seu destino, se lamenta escuro,
 Que pela empreza a que mandado fora,
 Não permite na Armada outra demora.

LXIII.

LXIII.

Manda depois ao Luso Dominante
Hum aviso do clima descoberto;
Nem tarda Manoel então Reinante
A enviar hum Cosmografo, que experto
Da escóla fora, que o famoso Infante (3)
Para a Nautica sciencia tinha aberto,
E Americo dispõe, que ao Brazil parta,
De quem deo nome ao continente a Carta.

LXIV.

E por ter quem aos nossos intérprete
Do ignorado idioma a escura sorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte:
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito se atrevessem forte
A esperar no Sertão nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV.

Com acenos depois á gente bruta
Os seus que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Arma lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lhe a especie, que alli bem se commuta,
Em que possam tratar por comprá, e venda;
Espelhos, cascadeis, anzoes, cutélos,
Campainhas, fuzís, serras, martellos.

LXVI.

LXVI.

Nem se demora mais a forte Armada ;
 E convidando o vento , estende a véla ,
 Corre a barbara gente amontoada
 Ao embarque nas náos da Tropa bella :
 E , ao que póde entender-se , magoada
 Por saudade , que tem de mais não vella ,
 Com acenos , e voz enternecida
 Fazião a seu modo a despedida .

LXVII.

Mais saudosos os tristes desterrados ,
 Correndo immenso risco a lingua aprendem ,
 Recebendo alimentos commutados
 Pelas especies , que ao Gentio vendem :
 Talvez os tem co-a cithara encantados ;
 Talvez com cascaveis todos suspendem ;
 Mas o objecto que a vista mais lhe assombra
 He ver dentro do espelho a propria sombra :

LXVIII.

Extatico qualquer notando admira ,
 Dentro ao terso crystal a horriavel cara :
 Pergunta-lhe quem he , como se ouvira ;
 E crendo estar no inverso o que enxergára ,
 De hum a parte a outra parte o espelho vira ;
 E não topando o vulto na luz clara ,
 Tal ha que o vidro quebra , por ver dentro
 Se a imagem acha , que observou no centro .

LXIX.

LXIX.

Mas em quanto estes errão vagabundos,
Americo Vespucci, e o forte Coelho,
A longa costa, e os seios mais profundos
Demarcavão no Nautico conselho:
Descubridor tambem dos novos Mundos
Foi Jaques na Marinha experto, e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Esse ameno reconcavo, que vimos.

LXX.

Eu depois destes na occasião presente,
Quanto o vasto Sertão nos encubria,
Descubri, pondo em fuga a bruta gente,
O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vasta terra a turba ingente,
Que mais Europa toda não teria,
Se da grã cordilheira ao mar baixando,
Desde a Prata ao Pará se for contando.

LXXI.

Dá principio na America opulenta
As Provincias do Imperio Lusitano,
O Grã Pará, que hum mar nos representa,
Emulo em meio á terra do Oceano:
Foi descoberto já (como se intenta)
Por ordem de Pissarro, de Aneliano;
Paiz, que a linha Equinoecial tem dentro,
Onde a Torrida Zona estende o centro.

LXXII.

LXXII.

Em nove leguas só de comprimento,
 Vinte seis de circuito se espraia
 No vasto Maranhão d'agoa opulento,
 Huma Ilha bella, que se estende á praia:
 Regão-lhe quinze rios o aureo assento,
 É hum breve estreito, que lhe fórma a raia,
 Póde passar por Isthmo, que a encadea
 A' terra firme por mui breve arêa.

LXXIII.

O Ceará depois, Provincia vasta,
 Sem pórtos, e commercio jaz inculta;
 Gentio immenso, que em seus campos pasta,
 Mais fero que outros o Estrangeiro insulta:
 Com violento curso ao mar se arrasta
 De hum lago do Sertão, de que resulta,
 Rio, onde pescão nas profundas minas
 As brazilicas perolas mais finas.

LXXIV.

Da fertil Paraíba não occorre
 Que informe a gente vossa, sendo empreza
 Do commercio Francez, que alli concorre
 A lenhos carregar, que a Europa preza:
 Não mui longe da costa, que alli corre
 Huma Ilha vedes de menor grandeza,
 Que amena, fertil, rica, e povoada
 He d'Itamaracá de nós chamada.

LXXV.

LXXV.

A oito grãos do Equinocio se dilata
Pernambuco, Província deliciosa,
A pingue caça, a pesca, a fruta grata,
A madeira entre as outras mais preciosa:
O prospecto, que os olhos arrebatá
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o erro se escuse a meu aviso,
De crer que fora hum dia o Paraíso.

LXXVI.

Serzipe então d'ElRei: logo o terreno
De que viste a belleza, e prospectiva;
Nem cuido que outro visses mais ameno,
Nem donde com mais gosto a gente viva:
Clima saudavel, Ceo sempre sereno,
Mitigada na nevoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
Não ha depois do Ceo mais formosura.

LXXVII.

A quinze grãos do Sul na foz extensa
De hum vasto rio, por ilheos cortado,
Outra Província de cultura immensa,
Tem dos proprios ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro, a quem compensa
O espaço da Província limitado,
Outra de ambito vasto, que se assoma,
E do Espirito Santo o nome toma.

LXXVIII.

LXXVIII.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
 Por largas terras seu dominio estende,
 Famosa região pela enseada,
 Que hum a grã barra dentro em si comprende:
 Esta praia dos vossos frequentada,
 Que pomo de discordia entre nós pende,
 Custará, se presago não me engano,
 Muito sangue ao Francez, e ao Lusitano.

LXXIX.

S. Vicente, e S. Paulo os nomes dêrão
 A's extremas Provincias, que occupamos;
 Bem que ao Rio da Prata se estendêrão
 As que com proprio marco assinalamos;
 E por memoria de que nossas crão,
 De *Marco* o nome no lugar deixamos,
 Povoação, que aos vindouros significa,
 Onde o termo Hespanhol, e o Luso fica.

(1) *Lapa*. Esta he a celebre Igreja da Lapa, em que parece que a Natureza preparou á Graça hum admiravel edificio. Veja-se Sebastião da Rócha Pitta.

(2) *Sevilha*. Então Corte de Hespanha.

(3) *Do famoso Infante*. A Escóla Nantica, e Mathematica, fundada em Sagres pelo Senhor Infante D. Henrique, deo os ultimos lumes a Colon, Americo Vespucci, e outros Cosmographos estranhos, que em nenhuma outra Região da terra podião achar estudos áquelle tempo tão célebres, como os de Portugal.

CANTO VII.

I.

ERA o tempo, em que o Sol na vasta Esfera
 O claro dia com a noite iguala,
 E o velho Outono, que o calor modera,
 De seus pampanos tece a verde gala:
 E quando todo o monte Baccho altera,
 E os capazes toneis na adega abala,
 Tocava a Franca náu do claro Sena
 Na deliciosa foz a praia amena.

II.

Na grã Lutecia, Cápital do Estado,
 A ligeira falúa dava fundo,
 E esse Orbe na Cidade abbreviado,
 Enchia Diogo de hum prazer jucundo:
 Templos, torres, palacios, casas, prado,
 O famoso Atheneo mestre do Mundo,
 A Côte mais augusta, que se avista,
 Enche-lhe o coração, e assombra a vista.

III.

Paraguaçu porém, que já mais víra
Espectaculo igual, suspensa pára:
Nem falla, nem se volta, nem respira,
Immovel a pestana, e fixa a cara:
E cheia a fantasia do que admira,
Causa-lhe tanto pasmo a visão rara,
Que estúpida parece ter perdido
O discurso, a memoria, a voz, e o ouvido.

IV.

Qual pende o tenro Infante ao collo da ama,
Se hum novo, e bello objecto tem presente,
Que nem a doce mãe, que ao peito o chama,
Nem os mimos do pai pasmado sente:
Tod'a alma no que vê fixo derrama,
E só parece pelo olhar vivente:.
Não foi da Americana o ar diverso,
Vendo em París a summa do Universo.

V.

Por fama que se ouvio da novidade
A admirar o espectaculo se ajunta,
Curiosa do successo a grã Cidade,
E hũ se admira, outro o conta, algũ pergunta:
Cresce o vago rumor sobre a verdade;
E a plebe, que a Diogo acode junta,
Delle, e da Esposa divulgada tinha
Que era o Rei do Brazil, e ella a Rainha.

VI.

VI.

E já avistavão do Palacio Augusto
 Em bella perspectiva o Regio espaço,
 E o atrio vendo de troféos onusto,
 Entrão do Franco Rei no excelso Paço:
 Cinge as portas exercito robusto,
 Brilhante guarda, de que o invicto braço
 Ao lado sempre da Real Pessoa,
 Sustenta as Lises, e defende a Crôa.

VII.

Era alli Christianissimo Reinante
 Entre os Francezes o segundo Henrique,
 Méta então do Germano fulminante,
 Que oppôz de Carlos ás victorias dique:
 Orthodoxo Monarcha, da Fé amante,
 Que faz que em toda a França immevel fique
 O antigo culto, e Religião paterna,
 Que invadio de Calvino a Furia Avena.

VIII.

Senta-se ao Regio lado a grã Princeza,
 Formosa Lis, que do Arno Florentino
 Trouxe a França hum thesouro de belleza,
 E outro maior no engenho peregrino:
 Formoso par, que a sabia Natureza
 Não sem instincto conjugou Divino;
 Porque roubando Henrique a dura morte,
 Sustente França Catharina a Forte.

IX.

IX.

Ao Throno Christianissimo prostrado
 A Regia Mão dos dous Monarcas beija
 O bom Diogo, tendo a Esposa ao lado,
 E faz que attenta toda a Côrte esteja:
 E havendo por tres vezes humilhado
 A fronte aos Reis, que respeitar deseja,
 He fama, que com gesto reverente
 Fallára deste modo ao Rei potente.

X.

Tendes a vossos pés, Sire, invocando
 No throno da grandeza a Magestade,
 Estes dous peregrinos, que surcando
 Do procelloso mar a immensidade,
 No Imperio, que regeis com sabio mando,
 Buscão asylo na Real piedade;
 E a vós, e ao vosso Reino se dirigem,
 Donde tem Portugal o nome, e a origem.

XI.

O Brazil, Sire, infunde-me a confiança,
 Que alli renasça o Portuguez Imperio,
 Que estendendo-se ao Cabo da Esperança,
 Tem descoberto ao Mundo outro hemisferio:
 Tempo virá, se o vaticinio o alcança,
 Que o cadente esplendor do nome Hesperio
 O seculo, em que está, recobre de ouro,
 E lhe cinja o Brazil mais nobre leuro.

XII.

XII.

E Tu, que ao Luso Reino hum germe Augusto
 No grão Burgundo a propagar mandaste,
 Contempla, ó França Heroica, o Imperio justo,
 Como ramo do teu, que alli plantaste:
 E se o inculto Brazil, se o Cafre adusto
 Por teus famosos Netos subjugaste,
 Admitte ao throno do Solar primeiro
 Este teu não indigno aventureiro.

XIII.

E esta, que ao lado meu teu Sceptro beija,
 Princeza do Brazil, que hum tempo fora,
 No seio da Christã piedosa Igreja,
 Como Mãi pia regenera agora.
 He bem que a Mãi primeira o Brazil veja,
 Donde a gente nasceo, que lhe he Senhora;
 E quando a Lusitania lhe he Rainha,
 Tome o Brazil a França por Madrinha.

XIV.

Disse o Heróe generoso, e o Rei potente,
 Recordando os annaes de antiga Historia;
 Com vista magestosa, mas clemente,
 Deo sinal de agradar-lhe esta memoria:
 Com susurro entre tanto a aulica gente
 Celebra, como propria, a Lusa gloria;
 E impondo-lhe silencio alto respeito,
 Respondem com os olhos, e co' peito.

XV.

XV.

Mongomerí, que serve na assembléa
De interprete do Rei, fallou benigno;
Conforme na resposta á justa idéa,
De que o bom Diogo se mostrou tão digno:
Nem vendo a Lysia de conquistas cheia
Lhe inspira o impulso da ambição maligno,
A invejar-lhe já mais troféos tamanhos,
Que em prove sua não reputa estranhos.

XVI.

Ide, disse a Rainha, o par ditoso,
Que o banho santo, donde a culpa amára,
Se apague nesse peito generoso,
Comigo a França apadrinhar prepara.
E quando o Sol seu curso luminoso
Tres vezes repetir na Esfera clara,
Será das nodoas do Tartareo abysmo
Lavada a bella Dama no Baptismo.

XVII.

Era o dia, em que he fama, que o homem feito
De terra, foi na Estatua preciosa,
Em que Deos lhe infundira no seu peito
Do Soberano ser cópia formosa.
Dia do nosso rito ao culto eleito
De Simão, e Thaddeo, quando formosa
Entrou Praguaçu com feliz sorte
No banho Santo, rodeando-a a Côte.

XVIII.

XVIII.

A' roda o Real Clero, e grão Jerarca
 Fôrma em meio á Capella a Augusta linha;
 Entre os Pares seguia o bom Monarca,
 E ao lado da Neofyta a Rainha.
 Vê-se cópia de lumes nada parca,
 E a turba immensa, que das guardas vinha;
 E dando o nome a Augusta á nobre Dama,
 Põe-lhe o seu proprio, e Catharina a chama.

XIX.

Banhada a formosissima Donzella
 No Santo Crisma, que os Christãos confirma,
 Os Desposorios na Real Capella
 Com o valente Diogo amante firma:
 Catharina Alvres se nomea a bella, (1)
 De quem a gloria no troféo se afirma,
 Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,
 N'outro tempo, a confesa, e fundadora.

XX.

Prepara-se hum banquete com grandeza
 Em que a cópia compita co'a elegancia
 E aos dous Consortes se dispõe a meza
 No magnifico Paço em Regia estancia:
 Nem se dedigna a Soberana Alteza,
 Depois de os regalár com abundancia,
 De dar Rainha e Rei, de ouvir curiosos,
 Huma audiencia privada aos dous Esposos.

XXI.



XXI.

Depois (disse o Monarca) que informado
De meus Ministros tenho a Historia ouvido,
Como foste das ondas agitado,
Como da gente barbara temido:
Sabendo que os Sertões tens visitado,
E o centro do Brazil reconhecido,
Quero das terras, dos viventes, plantas,
Que a Historia contes de Provincias tantas.

XXII.

Mandas-me, Rei Augusto, que te exponha,
(Diz cheio de respeito o Heróe prudente)
E aos olhos teus em hum compendio ponha
A Historia natural da occulta gente:
Se esperas de mim, Sire, que componha
Exacta narração da cópia ingente,
Empreza tanta he, quando obedeça,
Que faz que o tempo falte, e a voz falleça.

XXIII.

Mil e sincoenta e seis legoas de Costa,
De valles, e arvoredos revestida,
Tem a terra Brazilica composta
De montes de grandeza desmedida:
Os Guararapes, Borborema posta
Sobre as nuvens na cima recrescida,
A serra de Aimorés, que ao pólo he raia,
As de Ibo-ti-catú, e Itatiaia.

XXIV.

XXIV.

Nos vastos rios, e altas alagoas
 Mares dentro das terras representa;
 Cuberto o Grão Pará de mil canoas
 Tem na espantosa foz, legoas oitenta.
 Por dezesete se desagoa boas
 O vasto Maranhão; legoas quarenta
 O Jaguaribe dista; outro se engrossa
 De S. Francisco, com que o mar se adoça.

XXV.

O Serzipe, o Real de licor puro,
 Que com vinte o Sertão regando correm,
 Santa Cruz, que no Porto entra seguro,
 Depois de trinta, que no mar concorrem:
 Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
 Que abrindo a vasta foz no Oceano morrem,
 O Rio Doce, a Cananea, a Prata,
 E outros sincoenta mais, com que arremata.

XXVI.

O mais rico, e importante vegetavel
 He a doce cana, donde o assucar brota,
 Em pouco ás nossas canas comparavel;
 Mas nas do milho proporção se nota:
 Com manobra expedita, e praticavel,
 Espremido em moenda o succo bota,
 Que acaso a antiguidade imaginava,
 Quando o nectar. e ambrosia celebrava.

XXVII.

XXVII.

Outra planta de muitos desejada ,
Por fragrancia que o olfacto activa sente ,
Herva santa dos nossos foi chamada ,
Mas tabaco depois da Hespana gente.
Pelo Franco Nicot manipulada
Expelle a bile, e o cerebro cadente
Soccorre em modo tal, que em quem o tome ,
Parece o impulso de o tomar que he fome.

XXVIII.

He sustento commum, raiz prezada ,
Donde se extrahе, com arte util farinha ,
Que saudavel ao corpo, ao gosto agrada ,
E por delicia dos Brazis se tinha.
Depois que em *bolandeiras* foi ralada, (2)
No *Tapiti* se espreme, e se convinha,
Fazem a *puba* então, e a *tapioca*,
Que he todo o mimo, e flor da mandioca.

XXIX.

Chama o Agricultor raiz gostosa
Aipi por nome ; e em gosto se parece
Com a molle castanha saborosa ,
De que tira o Paiz vario interesse.
Optimo arroz em cópia prodigiosa ,
Sem cultura nos campos apparece ,
No Pará, Cuiabá, por modo feito ,
Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX.

XXX.

Ervilhas, feijão, favas, milho, e trigo,
 Tudo a Terra produz, se se transplanta;
 Fruta também, o pomo, a pera, o figo
 Com bífera colheita, e em cópia tanta:
 Que mais que no Paiz que o dera antigo,
 No Brazil fructifica qualquer planta;
 Assim nos deo a Persia, e Lybia ardente,
 Os que a nós transplatamos de outra gente.

XXXI.

Nas comestiveis hervas he louvada
 O Quiabo, o Giló, os Maxixeres,
 A Maniçoba peitoral prezada,
 A Taióba agradável nos comerres:
 O palmito de folha delicada,
 E outras mil hervas, que se usar quizeres,
 Acharás na opulenta natureza
 Sempre com mimo preparada a meza.

XXXII.

Sensível chama-se herva pudibunda,
 Que quando a mão chegando alguém lhe ponha,
 Parece que do tacto se confunda,
 E que fuja o que o toca por vergonha.
 Nem torna a si da confusão profunda,
 Quando ausente o aggressor se lhe não ponha,
 Documento á alma casta, que lhe indica,
 Que quem cauta não foi, nunca he pudica.

XXXIII.

XXXIII.

D'hervas medicinaes cópia tão rara
 Tem no máto o Brazil, e na campina,
 Que quem toda a virtude lhe explorára,
 Por demais recorrêra á Medicina.
 Nasce a Gelapa alli, a sene amara,
 O filopodio, a malva, o páo da China,
 A Caroba, a Capeba, e mil que agora
 Conhece a bruta gente, e a nossa ignora.

XXXIV.

Tem mimosos legumes, que não cedem
 Aos que usamos na Europa mais prezados,
 Gingibre, Gergelim, que os mais excedem
 Mendubim, Mangaló, que usão guizados:
 Alguns medicinaes, com que despedem
 Do peito estilicidios radicados;
 Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata
 Mangarás, mangaritos, e batata.

XXXV.

Das flores naturaes pelo ar brilhante
 He com causa entre as mais Rainha a rosa,
 Branca sahindo a Aurora rutilante,
 E ao meio dia tinta em côr lustrosa:
 Porém crescendo a chamma rutilante,
 He purpurea de tarde a côr formosa;
 Maravilha que a Clieie competira,
 Vendo que muda a côr, quando o Sol gyra.

XXXVI.

XXXVI.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
 (Chamão de S. João) por bella passa
 Mais que quantas o prado alli comprênde,
 Seja na bella côr, seja na graça:
 Entre a copada rama, que se estende
 Em vistosa apparencia a flor se enlaça,
 Dando a ver por diante, e nas espaldas,
 Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

XXXVII.

Nem tu me esquecerás, flôr admirada,
 Em quem não sei, se a graça, se a natura
 Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
 Huma formosa, e natural pintura:
 Pende com pomos mil sobre a latada,
 Aureos na côr, redondos na figura,
 O âmago fresco, doce, e rubicundo,
 Que o sangue indica, que salvára o Mundo.

XXXVIII.

Com densa cópia a folha se derrama,
 Que muito á vulgar Era he parecida,
 Entre-sachando pela verde rama
 Mil quadros da Paixão do Author da vida:
 Milagre natural, que a mente chama
 Com impulsos da graça, que a convida,
 A pintar sobre a flor aos nossos olhos
 A Cruz de Christo, as Chagas, e os abrolhos.

XXXIX.

XXXIX.

He na fôrma redonda, qual diadema
De pontas, como espinhos, rodeada,
A columna no meio, e hum claro emblema
Das Chagas santas, e da Cruz sagrada:
Vem-se os tres cravos, e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr he branca, mas de um roxo exsangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

XL.

Prodigio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mysterio se retrata!
Onde em meio das trévas a fé brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana especie, Deos piedoso trata,
E faz que quando a Graça em si despreza,
Lhe pregue co' esta flor a natureza.

XLI.

Outras flores suaves, e admiraveis
Bordão com varia côr campinas bellas,
E em varia multidão por agradaveis,
A vista encantão, transportada em vellas:
Jasmins vermelhos ha, que innumeraveis
Cobrem paredes, tectos, e janellas;
E sendo por miudos mal distinctos,
Entretecem purpureos labyrinthos.

XLII.

XLII.

As assucenas são talvez frágrantes:
 Como as nossas na folha organisadas;
 Algumas no candor lustrão brilhantes,
 Outras na côr reluzem nacaradas.
 Os bredos namorados rutilantes,
 As flores de Courana celebradas;
 E outras sem conto pelo prado immenso,
 Que deixão quem as vê, como suspenso.

XLIII.

Das frutas do Paiz a mais louvada
 He o Regio Ananás, fruta tão boa,
 Que a mesma Natureza namorada
 Quiz como a Rei cingilla da corôa:
 Tão Grato cheiro dá, que humta talhada
 Surprende o olfacto de qualquer pessoa;
 Que a não ter do Ananás distincto aviso,
 Frangencia a cuidará do Paraíso.

XLIV.

As frágrantes Pitombas delicadas
 São, como gemmas d'ovos na figura;
 As Pitangas com cores golpeadas
 Dão refrigerio na febril seccura:
 As formosas Guaiabas nacaradas,
 As Bananas famosas na doçura,
 Fruta, que em cachos pende, e cuida a gente
 Que fora o figo da cruel Serpente.

o

XLV.

XLV.

Distingue-se entre as mais na fôrma, e gosto,
 Pendente de alto ramo o côco duro,
 Que em grande casca no exterior composto,
 Enche o vaso interior de um licor puro:
 Licor, que á competencia sendo posto,
 Do antigo nectar fora o nome escuro;
 Dentro tem carne branca, como a amendoa,
 Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI.

Não são menos que as outras saborosas
 As várias frutas do Brazil campestres,
 Com gala de ouro, e purpura vistosas,
 Brilha a Mangaba, e os Mocujes silvestres:
 Os Mamões, Morieis, e outras famosas,
 De que os rudes Caboclos forão Mestres,
 Que ensinarão os nomes, que se estillão,
 Janipo, e Cajú vinhos distillão.

XLVII.

Nas preciosas arvores se conta
 O cacáo, droga em Hespanha tão commua,
 Pouco n'altura mais que arbusto monta,
 E rende novo fruto em cada Lua:
 A Bainilha nos sipós desponta,
 Que tem no chocolate a parte sua,
 Nasce em bainhas, como páos de lacre,
 De hum succo oleoso, grato o cheiro, e acre

XLVIII.

XLVIII.

Optimo anil de planta pequenina
 Entre as brenhas incultas se recolhe ;
 Tece-se a roupa do algodão mais fina ,
 Que em cópia abundantissima se colhe :
 Que se a abundancia á industria se combina ,
 Cessando a inercia , que mil lucros tolhe ,
 Houvera no Algodão , que alli se topa ,
 Roupa , com que vestir-se toda a Europa.

XLIX.

O uruçú , fruto d'arvore pequena ,
 Como lima , em pyramide elevada ,
 De que hum extracto a diligencia ordena ,
 Que a escarlata produz mais nacarada :
 De immortal tronco a Tarajaba amena
 Rende a aurea côr dos Belgas desejada ,
 O páo Brazil , de que o engenhoso Norte
 Costuma extrahir côr de toda a sorte.

L.

Ha de balsamos arvores copadas ,
 Que por legoas , e legoas se dilatão ;
 Folhas cinzentas , como a murta , obradas ,
 E em grato aroma os troncos se desatão :
 Se nelles pelas Luas são sangradas :
 E uso vario fazendo os que contratão ,
 Lavrão remedios mil , e obras lustrosas ,
 Contas de cheiro , e caixas preciosas.

LI.

A Copaiba em curas aplaudida,
Que a Médica Sciencia estima tanto,
A Bicuiba no' oleo conhecida,
A Almecega, que se usa no quebranto.
A preciosa madeira appetecida,
Que o nome nos merece de Páo santo,
O Salfafraz cheiroso, de que as Praças
Se vem cubertas com formosas taças.

LII.

Quaes ricas vegetaveis amethystas
As agoas do Violete em varia casta,
O aureo Pequiá com claras vistas,
Que n'outros lenhos por matiz se engasta:
O vinhalico páo, que quando avistas,
Massa de ouro parece extensa, e vasta;
O duro páo, que ao ferro competira,
O Angelim, Tataipeva, o Supopira.

LIII.

Troncos varios em côr, e qualidade,
Que inteiriças nos fazem as canoas,
Dando a grossura tal capacidade,
Que andão remos quarenta, e cem pessoas:
E ha por todo o Brazil em quantidade
Madeiras para fabricas tão boas,
Que trazendo-as ao mar por vastos rios,
Póde encher toda a Europa de navios.

LIV.

LIV.

Nutre a vasta Região raros viventes
 Em numero sem conto, e em natureza
 Dos nossos animaes tão differentes,
 Que enchem a vista da maior surpresa:
 Os que tem mais communs as nossas gentes,
 Ignora esta porção da redondeza:
 O boi, cavallo, a ovelha, a cabra, e o cão;
 Mas levados alli sem conto são.

LV.

Todo o animal he fero alli; levado
 Donde tinha o seu pasto competente;
 Nem era lugar proprio ao nosso gado,
 Que fora o bruto manso, e fera a gente:
 Como entre nós he o Tigre arrebatado,
 Cruel a Onça, o Javali fremente,
 Feras as Antas são Americanas,
 E proprias do Brazil as Suraranas.

LVI.

Vem-se Cobras terriveis monstruosas,
 Que affugentão co'a vista a gente fraca;
 As Giboias, que cingem volumosas
 Na cauda um toro, quando o dente o ataca:
 Voa entre outras com forças horrorosas,
 Batendo a aguda cauda a Jararaca,
 Com veneno, a quem fere tão presente,
 Que logo em convulsão morrer se sente.

LVII.

LVII.

Entre outros bichos, de que o bosque abunda,
 Vê-se o espelho da gente, que he remissa,
 No animal tórpe de figura immunda,
 A que o nome puzemos da Pirguiza:
 Mostra no aspecto a lentidão profunda;
 E quando mais se bate, e mais se atiga,
 Conserva o tardo impulso por tal modo,
 Que em poucos passos mette hum dia todo.

LVIII.

Vê-se o Camaleão, que não se observa,
 Que tenha, como os mais, por alimento
 Ou folha, ou fruto, ou nota carne, ou herva,
 Donde a plebe affirmou, que pasta em vento:
 Mas sendo certo, que o ambiente ferva
 De infinitos insectos, por sustento
 Creio bem que se nutra na Campanha
 De quantos delles, respirando, apanha.

LIX.

Gyra o Sarehué, como pirata,
 Da criação domestica inimigo;
 A' Canção da Guariba sempre ingrata
 Responde o Guassinin, que o segue amigo.
 Da varia caça, que o Caboclo mata,
 A Narração por longa não prosigo,
 Veados, Capivaras, e Coatias,
 Pacas, Teús, Periás, Tatús, Cotias.

LX.

LX.

O mono, que a espessura habita astuto,
 De hum ramo n'outro buliçoso salta;
 E para não se crer que nasceu bruto,
 Parece que o fallar sómente falta:
 O riso imita, e contrafaz o luto;
 E a tanto sobre os mais o instincto exalta,
 Que onde a especie brutal chegar lhe veda,
 Tem arte natural, com que o arremeda.

LXI.

Entre as volateis caças mais-mimosa,
 A Zabelé, que os Francolins imita.
 He de carne suave, e deliciosa,
 Que ao Tapuia voraz a gula incita:
 Logo a Enha-popé, carne preciosa,
 De que a titela mais o gosto irrita,
 Pombas verás tambem nesses paizes,
 Que em sabor, fórma, e gosto são perdizes.

LXII.

Juritiz, Pararis, tenras, e gordas,
 A Hiraponga no gosto regalada,
 As Marrecas, que ao rio enchem as bordas,
 As Jacutingas, e a Aracan prezada:
 E se do lago na ribeira abordas
 De Galeirões, e patos habitada,
 Verás, correndo as agoas na canoa,
 A turba aquatil, que nadando voa.

LXIII.

LXIII.

Negou ás aves do ar a Natureza ,
Na maior parte a Musica harmonia ;
Mas compensa-se a vista na belleza ,
Do que póde faltar na melodia :
A penna do Tocano mais se preza ,
Que feita de ouro fino se diria ,
Os Guarazes pelo ostro tão luzidos ,
Que parecem de purpura vestidos .

LXIV.

Vão pelo ar loquazes Papagaios ,
Como nuvens voando em cópia ingente ,
Iguaes na formosura aos verdes Maios ,
Proferindo palavras , como a gente :
Os Periquitos com iguaes ensaios ,
O Canindé , qual Iris reluzente ;
Mas fallão menos da pronuncia avaras ,
Gritando as formosissimas Araras .

LXV.

Como Melros são negros os Bicudos ,
Mais déstros , e agradaveis no seu canto ,
Na terra os Sabiás sempre são mudos ;
Mas junto d'agoa tem a voz , que he encanto ;
Os Coleirinhos no entoar agudos ,
As Patatibas , que o saudoso pranto
Imitão , requebrando com sons varios ,
Os Colibres , e harmonicos Canarios .

LXVI.

LXVI.

Das especies maritimas de preço
 Temos perolas netas preciosas,
 Nem melhores aljofares conheço,
 Que os das Ostras Brazilicas famosas:
 Ambar Griz do melhor, mais denso, e espesso,
 Nas costas do Ceará se vê espaçosas,
 Madre-perolas, conchas delicadas,
 Humas parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII.

Piscoso o mar de peixes mais mimosos,
 Entre nós conhecidos rico abunda,
 Linguados, Saveis, Meros preciosos,
 A Agulha, de que o mar todo se inunda:
 Robalos, Salmonetes deliciosos,
 O Xerne, o Voador, que n'agoa affunda,
 Pescadas, Gallo, Arraias, e Tainhas,
 Carapáos, Encharrocos, e Sardinhas.

LXVIII.

Outros peixes, que proprios são do clima,
 Berupirás, Vermelhos, e o Garopa,
 Pampanos, Corimás, que o vulgo estima,
 Os Dourados, que préza a nossa Europa:
 Carepebas, Parus, nem desestima
 A grande cópia, que nos mares topa,
 A multidão vulgar do Chareo vasto,
 Que ás pobres gentes subministra o pasto.

LXIX.

LXIX.

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
Qual gigante marítimo a Balêa,
Que palmos vinte seis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda, e feia:
Opprime as agoas com a horriovel carga,
E de oleosa gordura em roda cheia,
Convida o pescador, que ao mar se deite,
Por fazer, derretendo-a, util azeite.

LXX.

Tem por espinhas ossos desmarcados,
O ferro as duras pelles representam,
Donde pendem mil busios apegados,
Que de quanto lhe chupão se sustentão:
Não parecem da fronte separados
Os vastos corpos, que na arêa assentão,
Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
Que ondas vomita, como aquatil bomba.

LXXI.

Na boca horriovel, como vasta gruta,
Doze palmos comprida a lingua pende,
Sem dentes; mas da boca immensa, e bruta
Barbatanas quarenta ao longo estende:
Com ellas para o estomago transmuta,
Quanto por alimento n'agoa prende,
O peixe, ou talvez carne, e do elemento
A fez immunda, que lhe dá sustento.

LXXII.

LXXII.

Duas azas nos hombros tem por braços,
 Que aos lados vinte palmos se diffundem,
 Com aza, e cauda os liquidos espaços
 Batendo remão, quando o mar confundem:
 E excitando no pélagos fracacos,
 Chorros d'agoa nas náos de longe infundem;
 E andando o monstro sobre o mar boiante,
 Crê que he Ilha o inexperto navegante.

LXXIII.

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
 Que, vendo prevenida a gente armada,
 Matar se deixa n'agoa combatendo,
 Por dar fuga, morrendo, á prole amada:
 Onde no filho o arpão cação mettendo,
 Com que attraindo a mãe dentro á Enseada,
 Desde a longa canoa se alancêa,
 Ao lado de seus filhos a Balêa.

LXXIV.

Sobre a costa o marisco appetecido
 No arrecife se colhe, e nas ribeiras
 As Lagostas, e o Polvo retorcido,
 Os Lagostins, Santólas, Sapateiras:
 Ostras famosas, Camarão crescido,
 Caranguejos tambem de mil maneiras,
 Por entre os Mangues, donde o tino perde
 A humana vista em labyrintho verde.

Tro.

(1) *Troféo*. Allude-se a Imagem de Catharina Alvares, pintada sobre a casa da polvora na Bahia.

(2) *Bolandeiras, e Tapitis*. Instrumentos, com que se fabrica a farinha de Mandioca. Puba (ou fubá) he a flor da mesma farinha.

CAN-

CANTO VIII.

I.

TRES vezes tinha o Sol no gyro obliquo
A carreira dos Tropicos voltado,
E tres de Europa pelo Clima aprico,
Tinha as plantas o Abril resuscitado:
Depois que do Brazil se tinha rico,
A' França o nobre Diogo transportado,
Buscando nas viagens meio, e lume,
Com que reforme o barbaro costume.

II.

Mas da misera gente na lembrança,
Que lhe excita da Esposa a cara imagem,
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a Brazilica viagem:
Na generosa empreza não descança
De instruir a rudeza do salvagem,
E cuida com razão que he humanidade,
Amansar-lhe a cruel barbaridade.

III.

III.

Em quanto não, e embarque negoea,
Do amigo Du-Plessis solicitado,
Foi-lhe do Rei Francez proposta a idéa,
De erguer as Lizes no paiz buscado:
Terás (lhe disse, e he facil que se crea,
Que lho dizia do seu Rei mandado,)
Terás da França auxilio, e Tropa immensa,
E maior que o serviço a recompensa.

IV.

Que se o empenho te occupa generoso
De amansar do Gentio a mente impia,
Trazendo a França hum povo numeroso,
Melhor se amansará na companhia:
Que engano fora á Europa pernicioso,
Quando colonias derramando envia,
Extinguir sem remedio a infeliz gente,
E despovoar-se com a Tropa ausente.

V.

Desta arte Roma o Imperio seu fazia,
Que as Colonias pelo Orbe derramando,
Do paiz conquistado outras unia,
Com que hia a falta propria reparando:
N'hum seculo, que o barbaro vivia,
Na grã Roma Romano hia ficando,
E neste arbitrio de pensar profundo,
Foi Mundo Roma, e foi Romano o Mundo.

VI.

VI.

Este meio por tanto eu te suggiro, (1)
 Que se a tua prudencia hoje executa,
 Verás em pouco tempo, como aspiro,
 Franceza pelo trato a gente bruta:
 Vive sempre brutal no seu retiro,
 Quem ninguem communica, e nada escuta,
 Nem o Salvagem tiráras da toca,
 Se outro paiz não trata, e o seu não troca.

VII.

E em tanto que o terreno nosso habita,
 Transmigrada a infeliz Gentilidade,
 A gente, que perdemos infinita,
 Supprirá com commua utilidade:
 Assim a Agricultura mais se excita,
 Cresce a plebe no campo, e na Cidade,
 E a turba inerte; que corrompe a terra,
 Ou se deixa emendada, ou se desterra.

VIII.

Disse o Francez prudente, e o nobre Diogo,
 Leal á amada Patria respondendo,
 Sábio projecto dás (replicou logo)
 Sobre a população; nada o contendo:
 Mas não posso convir no exposto rôgo,
 Sendo fiel ao Rei, Portuguez sendo,
 Quando o Luso Monarca julgo certo
 Senhor de quanto deixa descoberto.

IX.

IX.

Vivendo ex lege hum povo na Anarquia,
 Tem direito o vizinho a sujeitallo,
 Que a Natureza mesma inspiraria,
 Ao que fosse mais proximo a amansallo:
 Deixo que o Ceo parece que o quera, (2)
 Dando a Cabral o instincto de buscallo,
 E o ser em caso tal commum conceito,
 Que quem primeiro o occupa, tem direito.

X.

E sem que offenda a França a minha escusa,
 He bem que esta conquista a Lisia faça;
 Mas em quanto a Bahia o não recusa,
 Ser-vos-ha no commercio a melhor praça:
 Cópia de drogas achareis profusa,
 E o lenho precioso alli de graça;
 E durando eu na Patria obediencia,
 Serei Francez na obrigação, e agencia.

XI.

Admirou Du-Plessis no peito nobre
 O generoso ardor, e o patrio zelo,
 Que a illustre condição no obrar descobre,
 Novo motivo para mais querello:
 Sem mais receio que o contrario elle obre,
 Na nova expedição quer socio tello;
 Mas antes de embarcar-se o heróe prudente,
 Avisa o Luso Rei da empresa ingente.

XII.

XII.

Já pelo salso Oceano navega
 A Franca náó, e o Cabo se divisa,
 Donde a Europa no Occaso ao termo chega,
 Tido do antigo nauta por balisa:
 A terra alli se vê, que o Minho rega,
 Correndo a costa da feliz Galisa;
 E o rumo então seguindo do Occidente,
 Ao meio dia se navega ardente.

XIII.

Não longe do Equador o mar cortava,
 Quando Paraguaçu, já Catharina,
 Como era seu costume, attenta orava,
 Implorando o favor da Mão Divina:
 E eis-qué á vista da turba, que a observava,
 Em quanto adora a Magestade Trina,
 Em somno fica suspendida, e absorta;
 E algum cuida que dorme, outro que he morta.

XIV.

Brilha no aspecto hum ar do affecto interno;
 Mas em funda abstracção com doce calma,
 Bem se lhe vê pelo semblante externo,
 Que occupa em grande objecto a feliz alma.
 Vê-se nella arraiar do lume eterno,
 Qué no Ceo goza, quem já logra a palma,
 Admiravel vislumbre, que suspende,
 E infunde hum pio affecto em quem o attende.

P

XV.

XV.

Assim por longas horas abstrahida
Deixava o caro esposo na anxiedade,
Se era somno, em que estava suspendida,
Se era effeito da cruel enfermidade:
Ora suspeita que perigue a vida,
Ora na Celestial tranquillidade
Crê que do claro Empyreo habitadora,
Immortal sobre o Ceo reinando mora.

XVI.

Até que a si tornada docemente,
Corre a turba co'a vista em grato gyro;
E como quem esta aura ingrata sente,
Rompe os longos silencios n'um suspiro:
Oh doce, (disse) oh Patria permanente!
Que escuro este ar parece, que respiro!
Feliz quem contemplando o Ceo formoso;
Vive no seio do celeste esposo!

XVII.

Pasmado Diogo, e a multidão, que a ouvia,
Calão todos no assombro de admirados,
Nem já duvidão que visão seria,
Em que ouvira os mysterios revelados:
Quando occultos segredos Deos confia,
Não devem ser (diz Diogo) propalados:
Mas se em parte, como este, he manifesto,
Temerario não sou, se inquirio o resto.

XVIII.

XVIII.

Narra-nos, feliz alma, a visão bella,
 Quem sabe se por ti nos manda aviso
 A Providencia, que ao governo vêla,
 Do mortal nos seus fins sempre indeciso:
 Não nos cales em tanto o que revela
 Por nosso lume, o excelso Paraíso,
 E a nossos rogos com memoria prompta,
 Dizendo quanto viste, tudo conta.

XIX.

Caláráo todos com ouvido attento,
 Pendendo da expressão de Catharina;
 E tomando na poppa em roda assento,
 Dão-lho sobre hum canhão, q' ao bordo inclina:
 Mandais-me (a Dama disse) que o portento
 Haja de expôr-vos da impressão divina:
 Quem poderá contar cousa tão alta,
 Quando o lume cessou, a sciencia falta?

XX.

Nem inculco em meu sonho hum sacro instincto,
 Que tudo fingir póde a fantasia;
 Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
 Por força natural se fingiria:
 Póde ser, se presaga a idéa sinto,
 Que sem extraordinaria profecia,
 Anteveja o successo, o tempo, e o praso,
 E depois não succeda, ou seja acaso.

XXI.

Vi, não sei s'era impulso imaginario,
Hum globo de diamante claro, e immenso;
E nos seus fundos figurar-se vario
Hum Paiz opulento, rico, e extenso:
E applicando o cuidado necessario,
Em nada do meu proprio o differença;
Era o aureo Brazil tão vasto, e fundo,
Que parecia no diamante hum Mundo.

XXII.

Fixo os olhos attenta no estupendo
Milagroso espectaculo, que via,
E em tres legoas de boca vi correndo
Por doze de diametro a Bahia.
Seis rios pelo golfo discorrendo;
Engenhos, povoações, que descubria,
Erão como ornamentos da Cidade,
De que se ergue no plano a Magestade,

XXIII.

Parecia em seis bairros dividida;
Com duas Praças de extensão formosa;
Fortaleza alli vi na barra erguida,
Outra a parte de terra magestosa:
A enseada por oito defendida,
E outra em Taparica poderosa;
Duas casas de polvora, e na entrada
Vi-me a mim de huma dellas retratada.

XXIV.

XXIV.

Dentro a hum Templo magnifico se via
 De seus Prelados turma numerosa ,
 De que hum ás mãos dos barbaros morria ,
 Outro a espada cingia valerosa :
 Muitos de alta virtude os matos via ,
 Com caridade discorrer zelosa ,
 Sem poupar tempo, estudo, ou vida, ou gasto,
 Por propagar a Fé no Sertão vasto

XXV.

No grão palacio em tintas retratados
 Os que o governo do Brazil tiverão ,
 Os Sousas na Bahia decantados ,
 Os nobres Costas , que depois vierão :
 Mas entre outros na guerra celebrados ,
 Por trofeos , que vencendo merecêrão ,
 Mendo de Sá de gloriosa fama ,
 Que Pai da Patria no Brazil se acclama.

XXVI.

Deste era prole o intrepido Fernando ,
 Que alli vi fulminando a forte espada ;
 E contra a feroz gente peleijando ,
 Deixou a morte com valôr vingada :
 Mas da Bahia os olhos levantando ,
 Vi discorrer no mar potente Armada ,
 Que as Ilhas occupando , e a vasta terra ,
 Movia no Brazil funesta guerra.

XXVII.

XXVII.

Parecia-me a frota bellicosa
Franceza gente, que o Brazil tentava;
Pedro Lopes de Sousa em furiosa
Naval batalha o mar lhe contestava:
N'outra acção com Esquadra numerosa
Luiz de Mello e Silva peleijava;
Christovão Jaques, que este mar corria,
Dous navios lhe afunda na Bahia.

XXVIII.

Era de França sim a adversa gente;
Mas por culto inimigo ao Rei contraria,
E ao rito Calvinistico adherente,
Enviava ao Brazil Tropa adversaria:
E protegida da facção potente
Com as forças, e Armada necessaria,
Querião para a infanda cerimonia
Fabricar a Calvino huma Colonia.

XXIX.

Cavalleiro de Malta, e Franco nobre
Era Villagalhon de forte peito,
Soldado antigo, que o valôr descobre,
E entre os Hugnotes do maior respeito:
De mil promessas o Partido cobre,
Havendo-o a empreza do Brazil eleito;
E abonada de hum Chefe de esperanza,
Dá-lhe a mão a Heresia em toda a França.

XXX.

XXX.

Este vi navegando a Cabo-Frio,
 Seguido de outras náos a forte empreza;
 E que tratando affavel co' Gentio,
 Explorava do sitio a natureza;
 Mostrava aos naturaes animo pio;
 E arguindo-lho a gente Portugueza,
 Induz a Nação bruta a que lhe assista
 Na empreza do commercio, e da conquista.

XXXI.

Voltou a França o Cabo diligente,
 Tendo de ricas drogas carregado,
 E convocando ás náos armada gente,
 Torna de turba ingente acompanhado:
 Nem tarda do Sertão cópia potente
 De hum povo, que nas armas alliado,
 Por amigo estimava mais sincero,
 Menos inculto sim, porém mais fero.

XXXII.

Alli Villagalhon, que o troço aloja,
 A's gentes do Sertão se confedera;
 E toda a costa a dominar se arroja,
 De donde os nossos expulsar já espera:
 Do seu commercio o Portuguez despoja,
 Na fertil Paraiba, em que util era;
 Nem ha na costa do Brazil enseada,
 Que o Hugonote não tenha bloqueada.

XXXIII.

XXXIII.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoso armára,
Com oito de commercio tem consigo,
Além das que em soccorro convocára:
E por ter força igual ás do inimigo,
Sobre longas canoas, que ajuntára,
Guia contra os Tamoios prepotentes
Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV.

Nhighe-teroi se chama a vasta encada,
Que estreita boca, como barra encerra,
Fechando em vasto porto á grande Armada
Hum lago, que em redondo cinge a terra:
Vê-se Ilha penhascosa sobre a entrada,
Com fortaleza, que disposta em guerra,
Por boca dos canhões rumor fazendo,
Fechava a barra ao valeroso Mendo.

XXXV.

Era a Ilha de rochas guarnecida,
Que em torno tem por natural muralha,
Donde a força das balas rebatida,
Faz inutil dos Lusos a batalha:
Tres dias foi dos nossos combatida,
Sem que o fogo incessante aos nossos valha,
Até que fatigado o invicto Mendo,
Invade á escala vista o forte horrendo.

XXXVI.

XXXVI.

Entre as fréchas, e balas destemido
 Na penha o Portuguez trepando salta;
 E deixando o Francez esmorecido,
 Degolla, mata, fere, invade, e assalta:
 Nem do antigo valor cede esquecido
 O Francez animoso, até que falta
 De sangue a brava gente na contenda,
 Faz a perda, e cansaço que a Ilha renda.

XXXVII.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
 Ao ver a gente adversa dissipada,
 E a excelsa fortaleza desfazendo,
 A costa visitou na forte armada:
 E tudo ao nome seu sujeito havendo,
 A' Bahia tornou, que illuminada
 Entre o som do clarim, e alegre trompa,
 Em triumpho a Mendo recebeo com pompa.

XXXVIII.

Mas a facção do Hugnote enfurecida
 Villagalhõn potente ao Brazil manda,
 Que a Ilha recobrando já perdida,
 Guerra intenta fazer por toda a banda:
 Vê-se a nossa Marinha combatida,
 E a forte Esquadra, que o Francez commanda,
 Dominante no Oceano por modo,
 Que impedia o commercio ao Brazil todo.

XXXIX.

XXXIX.

Mais não tolera a Lusa Monarquia,
Que ao Rei Christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia,
Armada põe na America potente:
Chefe Estacio de Sá prudente envia,
De válidos galeões com forte gente,
Que o Herege expulsando da enseada,
Deixe nova Cidade alli fundada.

XL.

Obsequioso abraçava o claro Mendo
O valeroso Chefe seu conjunto,
A's forças da Bahia unido tendo
As que trouxera sobre o mesmo assumpto:
Contra os esforços do Tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á Armada Lusitana
Vasto esquadrão da turba Americana.

XLI.

Chama-se Pão de assucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de hum salto tinha já sem medo
A turba militar desembarcado:
Nadava pelo mar vasto arvoredado
Do Gentio em canoas habitado;
E do ardente Francez luzida Tropa,
Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

XLII.

XLII.

Destes o Luso campo accommettido
 De dardos, frêchas, balas se embarça,
 Em sombra o seio todo escurecido,
 As náos occultão nuvens de fumaça:
 E ao echo dos canhões entre o ruído,
 Tudo está cego, e surdo em campo, e praça;
 E no horrivel relampago das peças
 Cahem por terra os bustos sem cabeças.

XLIII.

Voão as náos de chammas occupadas,
 Enchendo a enseada do infernal estrondo,
 As canoas dos nossos abordadas,
 E os galeões, que em linha se vão pondo:
 Os golpes, que retinem das espadas,
 O golfo, que arde em chammas em redondo,
 Erão na terra, e mar em sangue tinto
 Hum abysmo, hum inferno, hum labyrintho.

XLIV.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
 Dura a batalha com commum perigo,
 Cessando o impulso do contrario fogo,
 Todo o estrago apparece do inimigo:
 Tinha cedido da contenda logo
 Receoso o Tamoio do castigo;
 E os Francezes, que as náos mal sustentavão,
 Entre as penhas o asylo procuravão.

XLV.

XLV.

Não cessa o bravo Sá contra o Gentio,
E a forte tropa pelo mato avança;
Porque abatendo o orgulho, e insano brio,
Se apartasse o Sertão da infame alliança;
Nem receia o Tamoio o desafio,
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldêa ao mato, e gruta,
A liberdade ao Portuguez disputa.

XLVI.

Era aspero o combate, e lenta a guerra,
E sem effeito o assedio ao Francez posto;
E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
Tinha emboscada ao Portuguez disposto:
Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz levar, busca náos, e a gente incita,
E em auxilio dos seus partir medita.

XLVII.

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
E á vista do penhasco lança a amarra,
Pasma o rebelde, vendo a Armada á frente
Occupar numerosa a estreita barra:
Une-se a frota alli da Lusa gente,
E os mutuos casos vanglorioso narra,
Irmão a irmão, e o filho ao Pai, festivo
Por ter chegado são, e achallo vivo.

XLVIII.

XLVIII.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo ;
 E por festiva salva estrepitosa ,
 Faz que vomite o bronze o fogo horrendo ,
 Contra a Ilha , que avistão penhascosa :
 E largamente consultado havendo
 Os dous Chefes da empreza gloriosa ,
 Contra o penedo tentão no mais alto ,
 A peito descuberto , hum fero assalto .

XLIX.

Vem-se entre as penhas formidaveis bocas
 De canhões , e mosquêtes trovejando ;
 E nas quebradas espantosas rocas
 Do barbaro Tamoio o immenso bando :
 Muitos alli das asperas barrocas .
 Vão os nossos fuzís precipitando ,
 Outros da rota penha em meio ás gretas ,
 Cubrião contra nós todo o ar de settas .

L.

Não cessava o rebelde bellicoso
 Com vivo fogo o assalto rebatendo ,
 Em quanto sobe o Luso valeroso ,
 Trepando em furia no penedo horrendo ;
 Quem no meio do impulso impetuoso ,
 Cahe na ruina o proximo envolvendo ,
 Quem ferido da frécha , ou veloz bala ,
 Do mais alto da penha ao mar resvala .

LI.

LI.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Em quanto o mar em roda em chammass ferve,
Entre o fracasso, e fumo que sahia,
De nada o ouvido vale, e a vista serve:
A terra toda em roda estremecia;
E sem que a agoa do incendio se preserve,
Parecia ferver do fogo insano,
Escondendo a cabeça o Padre Oceano.

LII.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa
Parte do vasto monte involta em chamma:
A cinza cobre o Ceo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado, e tremebundo,
Crê que o Ceo caia, e que se funda o Mundo.

LIII.

Tal de Villagalhon na penha dura,
Do horrifico trovão fremente a tormenta,
E a chamma entre a fumaça horrenda, e escura
Do infernal lago as furnas representa:
Porém do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o Portuguez, que ataca incerto
A escala vista, e a peito descuberto.

LIV.

LIV.

E já no grão penedo tremulavão
 As Lusas Quinas pelo forte Estacio,
 E as Lises do penhasco se arrancavão,
 Onde a Villagallon se ergue hum palacio:
 Pela roca os Tamoios se arrojavão,
 E o valor Luso dando inveja ao Lacio,
 A guarnição Franceza investe á espada,
 E obriga em duro choque á retirada.

LV.

O valente Francez, que a bellica arte
 Já com valor na Europa professára,
 O peito á fuga oppõe por toda a parte,
 E vendo Estacio só junto ao Estandarte,
 Que por Chefe dos Lusos se declara,
 Cuida de hum golpe terminar a empresa
 No General da gente Portugueza.

LVI.

Não desfalece o Capitão valente;
 E de hum, e de outro lado accommettido,
 Rebate as balas sobre o escudo ingente,
 E arroja-se ao rebelde enfurecido:
 Lebrun despoja do mosquete ardente,
 Com que muitos de hum golpe tem ferido,
 Outros do ingreme posto ao mar despenha,
 E alguns expulsa da soberba penha.

LVII.

LVII.

E já fugia a tímida caterva,
Quando Roehefocó, que a pugna iguala,
Donde a viseira descuberta observa,
Lhe aponta desde longe ardente bala.
Calindo o heroe na espada, que conserva,
Adora humilde a Cruz, e perde a falla:
Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria
Regada a terra produziu victoria.

LVIII.

Porque em quanto em seguillo divertido,
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do Exercito subido,
A dar fim com victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço esclarecido;
E bem que do sobrinho o valor preza;
No juvenil ardor notou magoado
O tomar Chefe as partes de soldado.

LIX.

A Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no sangue heroico á terra dando,
Donde se erga immortal nova Cidade:
O caso acerbo aos posterós contando
Tenhão seus Cidadãos da heroicidade
Clara lição no Fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro,

LX.

LX.

Tal nome deo á enseada no recorde
 Do mez, que illustre foi por caso tanto,
 E á Cidade deixou com justo acordo
 A clara invocação de hum Martyr Santo:
 E havendo as Tropas recolhido a bordo,
 Descançadas do bellico quebranto,
 Faz immortaes no tempo transitorio
 Os Correas, e Sás no novo emporio.

LXI.

Em tanto do Tamoio a gente bruta,
 Mais feroz sempre na Marcial contenda,
 Contra a nova Cidade em fera luta,
 Movia guerra pelo mar tremenda:
 Mas Mendo para a barbara disputa
 Faz que hum Chefe Tapuia o mar defenda,
 Ararigboia aos seus nomea a fama,
 Martin Affonso por Christão se chama.

LXII.

Principe foi nas Tabas respeitado,
 Que ao nome Portuguez na guerra addicto,
 Tinha com Mendo os seus capitaneado,
 Sempre contra o Tamoio em campo invicto:
 Quatro guerreiras náos tinha avançado
 O rebelde, depois do grão conflicto,
 E em oito lanchas Ararig buscando,
 Do Cabo Frio a ponta hião dobrando.

LXIII.

Saltão da noite no silencio escuro
As bellicosas mangas guarneçadas,
De immensas chusmas do Tamoio duro,
Que obrar devião na campanha unidas:
E em quanto tem o campo por seguro,
Jazião pelas praias estendidas,
Para investir co'a luz, que já arraiava,
A aldea de Ararig, que os esperava.

LXIV.

Mas o bravo Tapuia bellicoso
Antevendo o descuido do inimigo,
Busca o manto da noite insidioso,
Para investillos no nocturno abrigo:
Convoca os seus guerreiros animoso;
E sem dizer-lhes mais do seu perigo,
Depois q hum breve espaço os olhou mudo,
Disse cheio de ardor, batendo o escudo.

LXV.

Sú valerosa, intrepida caterva;
Que esperamos no nosso alojamento?
Acaso até que o campo em chusma ferva,
E nos busque o Francez no proprio assento?
Sei por espia, que o seu campo observa,
Que dorme sobre as praias desattento,
Onde se o surprendermos de improvisio,
Sentirão todo o damno antes do aviso.

LXVI.

LXVI.

Basta que em marcha procedais quieta,
 E que invadindo a turba descuidada,
 Não cuideis de empregar a bala, ou setta,
 Mas que tudo leveis á pura espada:
 E quando o vasto campo se accommetta,
 Deixando-lhe ás canoas livre entrada,
 Antes que o ferro vibre os seus revezes,
 Desarmai, se puderdes, os Francezes.

LXVII.

Chamão corpo da guarda, onde o soldado
 Costuma pôr as armas nas vigias;
 Alli correi com impeto apressado,
 Seguindo o passo sempre das espías:
 Que nada o Francez póde desarmado,
 E sem as chammas que derrama impías,
 Ficar á desde o impeto primeiro
 Nas mãos da nossa Tropa prisioneiro.

LXVIII.

Disse o astuto Ararig, e a lento passo
 Cada um pela brenha vai disperso,
 Devendo a dado tempo, e a certo espaço
 Qualquer unir-se em batalhão diverso:
 E achando em somno descuidado, e lasso,
 Sem sentinellas ter, o campo adverso,
 Hum a hum, pé ante pé, em marcha tarda,
 Assaltão juntos a sopita guarda.

LXIX.

Juntas as armas de improviso apanhão,
 Matando as guardas meio adormecidas;
 E depois que a armaria toda ganhão,
 Quantos as vem buscar perdem as vidas;
 O somno com as mortes acompanhão;
 E outros vendo sem armas as partidas,
 Porque a causa não sabem do tumulto,
 Buscão as lanchas, por fugir do insulto.

LXX.

Ararigboia, como hum raio ardente,
 Huns dormindo degolla pela arêa,
 Outros sem armas, que rendidos sente,
 Prizioneiros com cordas encadea:
 A fiel Tropa pela praia ingente
 Toda deixa a campanha de horror chea,
 Cubrindo de cadaveres o plano,
 Alagado co'a espada em sangue humano.

LXXI.

E já nos Ceos risonha apparecia
 A Estrella d'alva as trevas apartando,
 E com tremula luz o incerto dia,
 No extremo do Horizonte hia arraiando:
 Quando o estrago da noite apparecia,
 E prezo, ou morto o Franco demonstrando,
 Nem as lanchas se salvão, que a vasante
 Em seco as poz na mão do triunfante.

LXXII.

LXXII.

Não cessava Martim contra a espantada
 Multidão de Tamoios, que se embrenha;
 E deixando-lhe a aldêa derribada,
 Não se lhe esconde algum no máto, ou brenha:
 Muitos no Averno lança com a espada,
 Fugindo outros ao mar n'agoa despenha,
 Nem fulminando a massa a algum perdoa,
 Occulto na cabana, ou na canoa.

LXXIII.

Fez este marte do Brazil constante.
 A' Nação dos Tamoios tanta guerra,
 Que elle só com a espada fulminante
 Lhe extingue o nome, e despoeva a terra:
 Mais não ousa o rebelde mariante,
 Em quanto Ararigboia no campo erra,
 Desembarcar na costa, sem que o bravo
 O deixe combatendo, ou morto, ou escravo.

LXXIV.

Vi que do excelso throno vinha em tanto
 Huma Augusta donzella adormecida,
 De quem brilhava sobre o aspecto santo
 A piedade, a abundancia, a sciencia, a vida.
 Do seio derramava do aureo manto
 A opulencia no mundo appetecida;
 E logo que foi vista sobre a terra,
 Submergio-se no Averno a infausta guerra.

LXXV.

LXXV.

Era a Divina paz, que o Ceo nos manda,
Premio de hum sceptro, que da fé zelante
Propaga o santo culto, onde commanda,
E as Leis defende da Justiça amante:
Sem os estragos de huma guerra infanda
Gozará o Brazil de paz constante,
Por setenta annos de hum governo justo,
Tendo tranquilla a terra, e o mar sem susto.

LXXVI.

Nem mais a espada, e bomba pavorosa
Se ouvirá na Marinha, e Sertão vasto,
A voz só do Evangelho poderosa,
Simples, sem artificio, industria, ou fasto:
A semifera gente viciosa
No jugo conterà de hum temor casto;
E ás mãos dos seus Apostolos se avista,
Com as armas da Cruz feita a conquista.

LXXVII.

Mas vi em tanto o Lusitano Imperio
Na Libya ardente em sangue submergido,
E o seu dominio no Indico hemisferio
Do Batávo nas agoas invadido:
E, ou por descuido do governo Hesperio,
Ou de mil contra-tempos combatido,
Cedeo no vasto mar por toda a banda
O Imperio do Brazil á fria Hollanda.

LXXVIII.

LXXVIII.

Dezeseis longos seculos contando,
 Com annos vinte quatro a vulgar Era,
 Vi a Batava esquadra o mar surcando,
 Onde Wilbekens General modera:
 Petre Petrid os mares assombrando,
 Por Almirante aos nauticos se dera,
 Poder que á India navegar fingia,
 E contra a expectação veio a Bahia.

LXXIX.

A fronte descubri da excelsa Praça,
 As armas governando o bom Furtado,
 Que antevendo os effeitos da desgraça,
 Tudo dispunha com valor frustrado:
 Convoca quanto encontra, e tudo abraça
 Por oppôr-se ao perigo ameaçado;
 Mas dissipa-se a gente sem batalha,
 Por faltar não valor, mas virtualha.

LXXX.

Dispunha assim o Batavo experiente,
 Antevendo que a turba mal unida,
 Sem cauta providencia que a sustente,
 Esfriando no ardor toma a fugida:
 E vendo a multidão menos frequente,
 E a plebe na tardança esmorecida,
 Quando menos o espera a chusma fraca,
 Occupando hum castello, o povo ataca.

LXXXI.

LXXXI.

Ruiter, e Ducho com legião potente
A porta invadem de S. Bento em furia ;
Mas rebatidos de impressão valente,
Cessão , fugindo da intentada injúria :
Mas tão funesto horror concebe a gente ,
Que a guerra ignora com profunda incuria ,
Que quando faz que Ruiter não se arroje ,
Deixa o terreno, e do vencido foge.

LXXXII.

Furtado de Mendonça, que não víra
Já mais do medo vil a fronte escura,
Com setenta sómente a face víra ,
E sem mais que o seu peito a praça mura :
O amor da Patria, que o furor lhe inspira,
Faz que da vida, desprezando a cura,
Se arroje o Luso ao Batavo, que o inunda,
E hum fira, hum despedace, outro confunda.

LXXXIII.

Mas vendo na manhã; que o Ceo descobre
A Cidade do povo abandonada,
Nem mais que o peito de Furtado nobre
Com poucos dos setenta na esplanada :
Teme que n'hum só peito o valor sóbre,
E que deixando a empreza retardada,
Soccorro venha, donde bom partido
Ao bravo Chefe se offereceo rendido.

LXXXIV.

LXXXIV.

Não tarda a fama a divulgar voando
 Da Capital Brazilica o successo,
 Em quanto o Belga, q̃ lhe occupa o mando,
 Recolhe da victoria o immenso preço:
 Treme em Madrid o throno, receando
 Que o Belgico Leão, com tanto excesso,
 Prostre o de Hespanha, e como o vulgo narra,
 No Mexico, e Perú lhe imprima a garra.

LXXXV.

Cobre-se o mar de Esquadras numerosas,
 Move-se a Lusa, e Hispana Fidalguia,
 Vão-se embarcando legiões famosas,
 Todo em nautica chusma o mar fervia:
 Fadrique as náos Hispanas poderosas,
 Menezes as de Lisia prevenia,
 Vendo-se terra, e mar no caso incerto,
 De petrechos, canhões, e armas cuberto.

LXXXVI.

Já pela barra entrava da Bahia,
 Com sessenta e seis náos soberba a Armada,
 Doze mil homens de alta valentia
 Occupavão sobre ellas a enseada:
 De tanto nome em militar porfia,
 Que a guarnição da Praça de assombrada;
 Bem que finja valor nesta Conquista,
 Antes que ao ferro se lhe abate á vista.

LXXXVII.

LXXXVII.

Dispõe-se em meia lua a Armada inteira,
Cerrando a fuga ao Belga esmorecido,
Occupa o forte exercito a ribeira
Em dous quarteis aos lados dividido:
Mas o Batavo Quif na acção primeira,
Tendo o campo a Fadrique accommettido,
Com sortida deixou no ardor insana
Suspensa a Lusa gente, e rota a Hispana.

LXXXVIII.

Cheio o Belga de orgulho na acção brava,
Porque mais prove pela Patria o zelo,
Contra a Esquadra, que os muros varejava,
Em dous baixéis arroja hum mongibelo:
Crê que he fuga o Menezes, que observava,
E move toda a Esquadra sem prevello,
E parece que Deos o impulso inspira,
Com que do occulto incendio as náos retira.

LXXXIX.

Hum gyro a Lua fez na azul esfera,
Em quanto os Belgas de valor já faltos,
Ceder dispunhão na contenda fêra
Ao furor incessante dos assaltos:
E quando mais soccorro não se espera,
Vendo que os mares se empollavão altos,
Cede o Batava humilde ao Luso Hispano
A Capital do Imperio Americano.

XC.

XC.

Fallando proseguia Catharina,
Tendo a assemblea no discurso attenta,
Quando com furia o bordo ao mar inclina
A não, batida de horrida tormenta:
Tudo á manobra o Capitão destina;
E vendo que onda horrivel se apresenta,
Lança-se o marinheiro á véla em pressa,
Acode Diogo, e Catharina cessa.

(1) *Este meio.* Projecto admiravel de fazer uteis as Conquistas á população das Nações que as fazem , pois he certo que com esta politica se formou, e cresceu a antiga Republica de Roma.

(2) Note-se que Colon não foi o descobridor do Brazil , mas Pedro Alvres Cabral : que ao mesmo Colon , então habitante na Madeira deo os roteiros , com que descobrio a America Francisco Sanches , o qual fazem huns Andaluz , outros Biscainho ; mas o Hespanhol Gomara , Author coevo, e que militou entre os soldados de Colon , attesta que era Portuguez. Não he por tanto occasião de notar-se a expressão : *dando a Cabral o instincto , etc.*

(3) *Os Correas , e Sás.* Esta he a rama nobilissima dos Condes de Penaguião , que passando ao Brazil , deo os primeiros Conquistadores áquelle Estado; familia que existe com a antiga gloria na Excellentissima Casa de Asseca , e nos dous dignissimos ramos da mesma os Excellentissimos Senhores Sebastião Correa de Sá , e João Correa de Albuquerque, Fidalgos que o Brazil deve considerar por seus perpetuos Pais , e Protectores.

CANTO IX.

I.

DEPOIS que o tempo torna bonançoso,
 E a noite vem tranquillã em branda calma,
 De ouvir o mais do sonho portentoso,
 Se accende a todos o desejo n'alma:
 E no empenho do Belga bellicoso,
 Desejando escutar quem teve a palma,
 Supplicação Catharina, que prosiga
 Na narração do sonho, e tudo diga.

II.

Vi (prosegue a Matrona) em Marte duro
 Confundir-se o Brazil, vagar potente
 O Batavo feroz; e o Reino escuro
 Encher Plutão da desditosa gente:
 Vi descendo as Milicias do Ceo puro,
 A' plebe inerme com o zelo ardente,
 Infundir valor tal, que conte a historia
 Por milagre do Ceo cada victoria.

III.

III.

Petrid e Iolo raios da Marinha,
Com Esquadras do pélagos Senhoras,
Qualquer do lado seu queimado tinha,
Com chammas o Brazil desoladoras;
Pedrid a frota que das Indias vinha
Com procellas de fogo abrazadoras,
E nas náos lavra, de thesouros cheias,
Ao infausto Brazil novas cadeas.

IV.

Máquinas move o Belga ambiciosas,
Supprindo os gastos com a immensa prata;
E armando em guerra Esquadras numerosas,
Occupar Pernambuco ao Luso trata:
Nem ás forças da Hollanda poderosas
Oppõem o Hispano com a nova ingrata,
Tal soccorro, que a Praça na contenda
Do grão poder dos Batavos defenda.

V.

Rege de Pernambuco a terra extensa
O intrepido Albuquerque, a tudo attento:
Guarnece a Praça, os Esquadrões condensa,
Dispõe ao fogo o bellico instrumento:
Quando á maneira de floresta densa
Se vio cuberto o liquido elemento,
Onde proas setenta o mar rompião,
E o Wandemburgo General seguião.

VI.

VI.

Chamão *Páo amarello* hum sitio ao lado
 Da Cidade, que a frota accommettia,
 Commodo ao desembarque, e mal guardado
 De Albuquerque, que as praias defendia:
 Alli com quatro legiões formado,
 A' bella Olinda o Batavo se envia,
 Onde com turmas de inexperta gente
 Se oppoz o Luso Chefe ao Belga ardente.

VII.

Nem muito dura ao fogo desusado
 O timido esquadrão da gente Lusa,
 Que do insolito horror preocupado,
 A fuga emprehende em multidão confusa:
 Hum sobre outro ao fugir precipitado,
 Render-se ao fero belga não recusa;
 E a Cidade infeliz deixando aberta,
 Qualquer se salva dondê mais o acerta.

VIII.

Entra o Hollandez na Praça abandonada;
 E quando de riqueza a cuidou chea,
 Em triste solidão desamparada;
 E acha sem premio a cubiçosa idéa:
 Vingão nos templos a intenção malvada,
 E o Altar profanão com infamia fea,
 Tratando o pio Rito, e o santo culto
 Com sacrilega mente, e horrendo insulto.

IX.

IX.

Mas não soffre da fuga o torpe medo
O valente fortissimo Temudo;
E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
A espada empunha, embaraçando o escudo:
Ao ver do sacco no funesto enredo
A fórma do Hollandez turbar-se em tudo,
Une alguns, que odiando a vil fugida,
Dão por preço da gloria a heroica vida.

X.

O', disse, honra immortal do nome Luso,
Corações valerosos, que em tal sorte
Fazeis da doce vida o melhor uso,
Comprando a gloria com a invicta morte:
Vedes sem fórma o Batavo confuso,
Da valerosa espada exposto ao córte:
Corra-se ás armas, que se os não vencemos,
Sem a Patria vingar não morreremos.

XI.

Disse; e empregando a fulminante espada,
Huma Esquadra invadio que discorria,
Com calices da Igreja profanada,
Que com insulto em derisão mettia;
De huns a fronte no chão deixou truncada,
De outros o peito com o ferro enfia,
De alguns, que insano accõmettendo freme,
Talhado o braço sobre a terra treme.

XII.

XII.

Azevedo entre os mais, que no chão lança,
 Tendo das balas empregado o impulso,
 Com fero golpe de alabarda alcança,
 De Ruiter, que o accommette, o horivel pulso:
 Despoja-o da arma, e furioso avança,
 Deixando-o em terra com tremor convulso,
 Cornelisten derriba, e o ferro emprega
 Em Blá, que todo o chão com sangue rega.

XIII.

Com furia igual, e impulso destemido
 Invade contra o Batavo a caterva,
 E bem que a legião em corpo unido,
 Em roda ao Luso disparando ferva:
 Resiste o Portuguez nunca rendido,
 Em quanto a vida com vigor conserva,
 Até que sobre os Belgas derribados,
 Cahirão mortos sim, porém vingados.

XIV.

Tem por nome Arrecife hum forte posto,
 Que hum Isthmo separou do Continente,
 Donde o Castello de S. Jorge opposto,
 Defende o passo ao transitto imminente:
 Alli fazia aos inimigos rosto
 O bravo Lima, que do Belga ardente,
 Sem mais que trinta invictos defensores,
 Trezentos sacrifica aos seus furores.

R

XV.

XV.

Pasmá de assombro Wandemburgo insano,
 Nem pôde crer, se o não convence a vista,
 Que com força tão pouca o Lusitano
 De dous mil Belgas ao furor resista:
 Sahe com todo o poder, e occupa o plano,
 E em fôrma regular tenta a conquista,
 E nem assim o Lima ao fogo cede,
 Em quanto auxilio ao General não pede.

XVI.

Recobrava-se entanto valerosa
 Do primeiro terror a Lusa gente,
 Que inexperta da pugna bellicosa,
 Cedêra no improviso do accidente:
 E acompanhando em tropa numerosa
 Do intrepido Albuquerque o ardôr valente,
 O Belga usurpador pelas ribeiras
 Cercarão com reductos, e trincheiras.

XVII.

Plantão depois hum forte acampamento,
 Donde se insulte o Batavo inimigo,
 Nem deixavão que hum só pudesse isento
 Sahir sem damno ao campo, ou sem perigo:
 Cortão-lhe o passo, e impedem-lhe o sustento,
 Nem lhe concedem no terreno abrigo;
 E occupando-lhe o gyro dilatado,
 O Belga cercador deixão cercado.

XVIII.

XVIII.

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
 Contra Albuquerque Wandenburg avança;
 Mas achavão os Lusos prevenidos
 Do seu valor na nobre confiança:
 Cahião das trincheiras rebatidos
 Do fogo os Belgas, ou da espada, e lança;
 E sem que combatendo a mais se arrojem,
 Em desordem do campo á praça fogem.

XIX.

Com quatro Companhias n'humã Armada
 Soccorro de Lisboa recebendo,
 Foi outra vez a Tropa reforçada
 Com gente, e munições n'outra de Oquendo:
 Mil mosqueteiros, Tropa exercitada,
 No duro jogo de Mavorte horrendo,
 S. Felice conduz Mestre de guerra; (1)
 Mas menos apto na que usava a terra.

XX.

Com soccorro maior de Hollanda armado
 Contra Itamaracá corre o inimigo:
 Duas vezes porém foi rechacado
 Com perda o Belga para o noto abrigo:
 A' Paraíba, e Rio Grande enviado
 Mudava de lugar, não de perigo;
 E já menos bisonha a Lusa Tropa,
 Põe em fuga o Hollandez, se em campo o topa.

R 2 XXI.

XXI.

A Wandemburgo no Hollandez Imperio
Succedêra Rimbach em guerras noto,
Que estimando dos Belgas vituperio,
Ser cada dia pelos nossos roto:
Em quanto celebrava attento, e sério
A Pascoa o campo em Procissão devoto,
Com todo o poder Batavo accommette,
E o campo em confusão, batendo, mette.

XXII.

Não se interrompe a cerimonia augusta,
Orando o Clero com o sexo pio,
Sahe o Orthodoxo contra a turma injusta,
Tomando por sagrado o desafio:
E fundando no Ceo confiança justa,
Peleijão com tal fé, com tanto brio,
Que matando Rimbach em feio estrago,
Derão aos Belgas da blasfemia o pago.

XXIII.

Mas o Ceo, que o flagello destinava,
Poder tão grande aos Batavos concede,
Que nada a Vandescop, que os moderava,
Depois desta campanha o curso impede:
Fica Itamaracá de Hollanda escrava,
Desfaz-se o campo, a Paraiba cede
Perde-se o Rio Grande, e n'outra empresa,
Rende o Luso o Pontal, e a Fortaleza.

XXIV.

XXIV.

Salva-se o resto da facção perdida,
 Nas Alagôas, sitio defensavel,
 Onde do fero Belga perseguida,
 Asylo busca a turba miseravel:
 Mas foi da Hespanha em breve soccorrida
 Com brava Tropa em frota respeitavel;
 Roxas de Borja a Pernambuco enviado,
 De Albuquerque o bastão tomou deixado.

XXV.

Roxas prompto no obrar, posto em batalha
 De Vandescop as Tropas investia;
 Mas o Belga Arquichofe a marcha atalha
 Com soccorro que valído trazia:
 Com tenebrosa sombra os lutos talha
 A noite, que começa, á morte impia,
 Dispondo Roxas em defesa armado,
 Esperar o soccorro convocado.

XXVI.

Mas logo que a manhã mostrou formosa
 Da batalha inimiga a fôrma unida,
 Mais não socega a chamma generosa,
 E investe ardente a Batava partida:
 Cobre os Ceos a fumaça tenebrosa,
 Perde o Hispano, e o Hollandez na empreza a vida,
 E nem este, nem o outro alli vencêra,
 Se o temerario Roxas não morrêra.

XXVII.

XXVII.

S. Felice na guerra Mestre astuto,
Succede no governo ao bravo Hispano,
E Brazilico Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o Lusitano:
Foi das palmas Batavicas producto
Governar o Paiz Pernambucano
O Conde de Nassau, que o Belga envia,
General das Conquistas que emprendia.

XXVIII.

Era Nassau nas armas celebrado,
Com que illustrava o excelso nascimento,
Principe então no Imperio respeitado,
Nutrindo igual ao sangue o pensamento:
Entrou de forte Armada acompanhado,
E no Arrecife situando o assento,
Levantou fortes, e em paizes bellos
Guarneceo as Colonias com Castellos.

XXIX.

Mas aspirando a empreza memoravel,
Todo o Exercito, e Armada prevenia,
E achando Pernambuco defensavel,
Invadió no reoncavo a Bahia:
S. Felice com resto miseravel
Alli novo soccorro ao Rei pedia,
Quando ao bravo Nassau dispunha a sorte
Hum Chefe nelle oppor prudente, e forte.

XXX.

XXX.

Tudo dispunha o Conde em fórma, e arte
De rebater do Batavo a interpretação,
Dispõe pela Cidade em toda a parte
Os meios, e instrumentos da defeza:
Faz grossas levas, e esquadrões reparte,
E tudo preparando á forte empresa,
Nada esqueceo de quanto na Milicia
Inventa a militar sábia pericia.

XXXI.

Entrava em tanto pela vasta enseada
Nassau, que as praias enche da Bahia,
Com a terrível magestosa Armada,
Que com quarenta náos linha fazia:
E ao som da trompa Marcial tocada
Em gratos écços de horrida harmonia,
Enche a horrenda procella em taes ensaios
A enseada de trovões, e o Ceo de raios.

XXXII.

Em tanto o claro Silva que occupava
Do supremo governo o excelso mando,
A S. Felice o posto renunciava,
Ficando por soldado ao seu commando:
Heróica acção, que pela Patria obrava,
Maior pericia em outrem confessando,
E merecendo nella em tanta empresa
Da Corte acclamações, do Rei grandeza. (2)

XXXIII.

XXXIII.

Desembarca Nassau com turba ingente
Junto de Tapagipe, e emprende o oiteiro,
Que nomear costuma a vulgar gente
Do antigo habitador, *Padre Ribeiro*:
Mas S. Felice, que o antevio prudente,
De posto o bate, que occupou primeiro;
E depois que seiscentos destro mata,
Em grande parte o Belga disbarata.

XXXIV.

Largos dias Nassau bate a trincheira,
Que lhe oppoz ao Quartel Banholo á frente;
Mas o Belga em batalha verdadeira
Por muitos dias se avançava ardente:
Cobre-se a terra em horrida maneira
De hum monte de cadaveres ingente,
Vendo os Belgas cahir, sem que desista
Nassau com tanto sangue da conquista.

XXXV.

E já desfeito o exercito se via,
Ferido o Official, e a gente morta,
Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
Que o S. Felice rege, e o Silva exorta:
Pede treguas Nassau nesta porfia,
E tudo com a Tropa as náos transporta,
Fugindo do perigo o infausto effeito,
Com perda igual de gente, e de conceito.

XXXVI.

XXXVI.

Dous dias na enseada por vingança
 Bate a Esquadra a Cidade sem perigo,
 Com balas, e granadas, que em vão lança,
 Parecendo mais salva, que castigo:
 Sobreveio ao Brazil nova esperança
 De expugnar com mais forças o inimigo;
 Mas foi o effeito das promessas vario,
 Impedindo o socorro o mar contrario.

XXXVII.

Vi neste tempo em confusão pasmosa
 A Monarquia em Lisia dominante,
 E a Casa de Bragança gloriosa
 Nos quatros Imperios triunfar reinante:
 A Bahia com pompa magestosa
 Festejar o Monarca triunfante,
 E o Pernambuco de desgfaças farto,
 Invocar Pai da Patria D. João Quarto.

XXXVIII.

Tratava o novo Rei com fé provada
 A Batavica paz, que sem justiça,
 Deixava ao mesmo tempo quebrantada
 O Belga injusto pela vil cubiça:
 Occupa o Maranhão Batava armada,
 E outra Esquadra em Sersipe o incendio atiga,
 Pertendendo occupar com falso engano
 Toda Africa, e Brazil ao Lusitano.

XXXIX.

XXXIX.

Cede do seu governo de affrontado
 O General Nassau, tornando a Hollanda,
 Tendo o conselho do Arrecife armado
 Mil artificios de calumnia infanda:
 Nem contra os habitantes moderado
 O duro freio no governo abrandá,
 Onde a plebe aggravada que o experimenta,
 O jugo sacudir com gloria intenta.

XL.

João Fernandes Vieira foi na empreza
 O instrumento da Patria liberdade,
 Heróe que soube usar da grã riqueza,
 Libertando o Brazil desta impiedade:
 De amigos, e parentes na defeza
 Tentou furtivamente a sociedade,
 E como a pedra a Estatua de Nabuco,
 O Belga derribou de Pernambuco.

XLI.

Nomeou Cabos, Tropas, Companhias,
 Pediu soccorros, e invocou prudente,
 Expondo do Hollandez as tyrannias
 O Governo Brazilico potente:
 Avisa sem demora Henrique Dias, (3)
 Capitão dos Ethiopes valente,
 E o forte Camarão, que em guerra tanta, (4)
 Com os seus Carijós o Belga espanta.

XLII.

XLII.

Ouve o Hollandez com susto o movimento ;
 E querendo opprimir nascente a chamma ,
 Com dous mil homens prevenia attento
 A nova guerra , que o Vieira inflamma :
 Deixára o Luso Chefe o alojamento ,
 E os Belgas , que á cilada occulto chama ,
 Empenhou de hum lugar nas duras rocas ,
 A que o monte chamarão das Tabocas.

XLIII.

Entre arbustos , e canas de improviso
 Dispara o Luso sobre a incauta gente ;
 E precedendo o damno antes do aviso ,
 Disbarata o Hollandez com furia ardente :
 Suspende a marcha o Batavo indeciso ,
 E sem ver o inimigo , o golpe sente ,
 Até que vendo o estrago dos soldados ,
 Cedem o campo , e fogem destroçados.

XLIV.

Hollanda era potente , e o Luso afflicto ,
 Onde enchendo Lisboa de ameaças ,
 Por ter noticia do infeliz conflicto ,
 Meditava ao Brazil novas desgraças :
 Mas por guardar os seus o Rei invicto ,
 Dispoz piedoso nas Provincias lassoas ,
 Providencias , que á paz chamar podessem
 O tumulto , em que os nossos permanecem.

XLV.

XLV.

Vão com dous Regimentos destacados
O Moreno, e Negreiros da Bahia
A dar paz (se he possível) destinados
Na guerra, que o Vieira então movia:
Virão veigas, e campos abraçados,
E o colono infeliz, que perecia,
Com lastima da Tropa, que observára,
Todo o estrago, que o Belga alli causára.

XLVI.

Avistado o Negreiros, e o Vieira,
Venho (disse o primeiro) a prizão dar-vos,
Por haver provocado a ira estrangeira
A huma guerra, que acabe de assolar-vos:
He justo que eu tambem prender-vos queira,
Mas será (disse o herôe) com abraçar-vos;
E assim dizendo alegre move o passo,
E os dous recebe com festivo abraço.

XLVII.

Outro tanto fazia a Tropa unida
Ao invicto Esquadrão Pernambucano;
E applaudindo a victoria conseguida,
Detestão do Hollandez o enorme engano:
Nem muito tarda a gente fementida,
Que não abraze a Esquadra ao Lusitano,
Onde embarcado pela paz chegára,
Como o Batavo proprio o convidára.

XLVIII.

XLVIII.

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
 De turba femenina, que invocava
 O soccorro dos seus libertadores
 Contra o Belga cruel, que as cativava:
 Mais não cessa o Vieira, e sem rumores
 O engenho, aonde incauto descansava
 O Belga General cercado, bate,
 E rendendo-o á prizão, vence o combate.

XLIX.

Henrique Hus do Arrecife Commandante
 Era o Cabo dos Belgas prisioneiro,
 Blac rendido tambem, Chefe importante,
 Subalterno nas armas do primeiro:
 Foge do Luso o Batavo arrogante,
 Espalhando os fuzis no grão terreiro,
 E a chamma teme, q̃ no horrendo empenho,
 Lançára o Vieira pelo vasto engenho.

L.

Com fama de victoria tão brilhante
 Toma as armas a plebe, e o Belga invade,
 Serinhaem tomou, Villa possante,
 O partido commum da liberdade:
 Segue Iramaracá com fé constante,
 Porto Calvo, e os contornos da Cidade,
 Deixando no Arrecife sem remedio,
 Encerrado o Hollandez com duro assedio.

LI.

LI.

Mas não cessa na Hollanda a companhia,
E ao numeroso exercito, que ordena,
Sigismundo Van-Scop por Chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena:
Do experto General, que desconfia
O premio ao valeroso, ao fraco a pena,
E empreendendo com forças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LII.

Abordando o Arrecife então cercado,
A inercia dos seus Chefes reprehende,
Nem muito tarda, que no campo armado,
Não saia a Olinda, que expugnar emprende:
Em assalto a accommette duplicado,
E a brava Tropa, que ao presidio attende,
Com tanto alento o Batavo rechaza,
Que ferido Ván-Scop se acolhe á praça.

LII.

Sem que desista da passada instancia,
Tenta de novo a empreza da Bahia;
Mas notando nos Lusos a constancia,
Que injúria do poder lhe parecia:
Consome do Recôncavo a abundancia
Com frequentes sortidas, que emprendia;
E porque cresça na Cidade o tédio,
Occupu Taparica, e põe-lhe o assedio.

LIV.

LIV.

Telles em tanto, que expulsar pertende,
 Sem igual força o Batavo contrario,
 Contra o cômum conselho o ataque emprende,
 E tudo expõe no impulso temerario:
 Mas vendo o Luso Rei, que a nada attende,
 O Belga nos seus pactos sempre vario,
 Manda Armada ao Brazil, que poderosa
 A Batava Nação dome orgulhosa.

LV.

Teme o golpe Van-Scop, e desampara,
 Por guardar o Arrecife, Taparica,
 Antevendo que a Esquadra se prepara
 Contra a Praça, que auxilio lhe supplica:
 Barreto de Menezes, que chegára
 De novo General patente indica,
 E em Pernambuco sublimado ao mando,
 Com prudencia, e valor foi governando.

LVI.

Nove mil homens, Tropa valerosa,
 E com frequentes palmas veterana,
 Manda o Batava a empreza perigosa,
 Que á guerra ponha fim Pernambucana:
 Occupa o mar Armada poderosa;
 E dominando a praia Americana,
 Usurpa em mar, e terra alto dominio,
 Ameaçando dos Lusos o exterminio.

LVII.

LVII.

Põe-se em campanha o Batavo terrível,
 Com sete mil de veterana Tropa,
 Vão densos bandos de Gentio horrível,
 Com destro gastador vindo da Europa:
 E estimando a potencia irresistível,
 Cede ao Belga a Barreta, e quanto topa, (5)
 Em quanto em defensiva o Luso fica,
 E o campo contra o Belga fortifica.

LVIII.

Sigismundo porém, que os bastimentos
 Em Moribeca assegurar procura,
 Dispunha alli tomar alojamentos,
 Estimando a victoria já segura:
 Mas Barreto, e Vieira a tudo attentos,
 Na justiça, que a causa lhe assegura,
 Confião que na empresa o Ceo lhe valha,
 E tudo vão dispondo a huma batalha.

LIX.

Nem com ranto poder Van-Scop recusa,
 Decidir n'huma acção toda a contenda,
 Antevendo, se a perde a gente Lusa,
 Que outra força não tem q a guerra emprenda;
 E já na marcha a multidão confusa,
 A acção começa pelo fogo horrenda,
 E turbando dos Belgas toda a forma,
 Combatem com valor, porém sem norma.

LX.

LX.

Nos montes Guararapes se alojava
 Formado o Portuguez, que o Belga espera;
 E a escaramuça, que emprendêra brava,
 Traz a sitio o Hollandez, que adverso lhe era:
 Desde alto monte o Luso fogo obrava,
 Com ruina dos Batavos tão fera,
 Que ou seja ao lado, ou na espaçosa frente,
 Se cubrio de cadaveres o monte.

LXI.

Reune os batalhões Van-Scop irado,
 E á frente com valor da linha posto,
 Tenta desalojar do alto occupado
 O invicto Camarão, que lhe faz rosto:
 Mas com chuva de balas rechaçado,
 Perde tres vezes o ganhado posto;
 E já ferido com mil mortos cede,
 Em vil fuga, que a noite lhe concede.

LXII.

Noventa dos seus perde o Lusitano;
 E em quanto o Belga se retira incerto,
 Descobre a aurora todo o monte, e plano
 De bandeiras, canhões, e armas cuberto:
 Muitos alli do Batavo tyranno,
 Perdidos pela noite em campo aberto,
 Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
 Nas mãos da nossa Tropa prizioneiros.

s

LXIII.

LXIII.

Horrorisa-se Hollanda, pasma Europa,
Exalta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-se triunfar tão pouca Tropa
Da terrivel potencia, que a invadia:
Nada de humano o pensamento topa,
Que em tudo a mão de Deos clara se via,
Pois sempre elege para os seus portentos
Os mais fracos, e humildes instrumentos.

LXIV.

Tinha exhausta a ambição, mas não cansada
A cubiçosa Hollanda em tal conquista;
E para novo empenho apparelhada,
Escolhe os Capitães, e a gente alista:
Mas do Britanno ás armas provocada,
Sobre interesse que mais alto avista,
Suspende o influxo na famosa empreza,
Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

LXV.

Brinc a este tempo, Coronel valente,
Impetra de Van-Scop tropa luzida,
Com petrechos, e numero potente,
Que em batalha cruel tudo decida:
Sinco mil homens de escolhida gente,
De canhões, e petrechos guarnecida,
Põe no campo assombrado da Potencia,
Igualando o valôr co'a diligencia.

LXVI.

LXVI.

Com dous mil e seiscentos veteranos
 Fez-lhe Frente Barreto, e o Belga invade,
 Correm de toda a parte os Lusitanos
 A sustentar a Patria liberdade:
 Aloja o Luso sobre os mesmos planos,
 Onde fora a passada mortandade;
 O Belga na montanha se distingue,
 Hum q̃ o ostrago renove, outro q̃ o vingue.

LXVII.

Mas Brinc a tudo attento desde o cume
 Com pericia guerreira occupa o monte,
 Onde seguindo o militar costume,
 Dá fôrma á retaguarda, e ordena a frente:
 Nem tão ousado o Portuguez presume,
 Que em vantajoso posto o Belga affronte,
 Esperando a occasião dalli opportuna,
 De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII.

Reconhece Barreto o sitio, e fôrma;
 E vendo o ardor da Lusitana gente,
 Que, habil no passo, da subida o informa,
 Faz que o bravo Vieira ataque ardente:
 E cubrindo a invasão com sábia norma,
 Com o fogo protege o assalto ingente,
 Até que por mil casos duvidosos,
 Vê sobre o monte os campeões briosos.

s 2

LXIX.

LXIX.

Nova batalha alli com fogo vivo
Move impavido o Belga, e firme insiste;
E por mais que o Vieira invada activo,
Onde hum corpo vacilla, outro resiste:
Tal ha que ainda combate semivivo;
Tal que cadaver já na morte triste,
A terra morde, e em raiva enfurecida,
Blasfemando do Ceo, despede a vida.

LXX.

A toda a parte voa o Grão Barreto,
E hum anima, outro ajuda, outros exhorta:
E excitando no Luso o Patrio affecto,
Incita o forte, o invalido conforta:
Bramava o fero Brinc em sangue infeto,
Entre a Batava turba oppressa, e morta,
Assalta horrendo hum batalhão potente,
E outros reprime com ferocia ardente.

LXXI.

Mas o invencivel Camarão, que o nota
Hum forte troço da reserva abala;
E suspendendo a misera derrota,
Lança o Belga por terra de huma bala:
Logo o Almirante da soberba Frota,
Vendo invalido Brinc cahir sem falla,
Occupa o mando, que já vago estima,
E o Batavo á peleija altivo ánima.

LXXII.

LXXII.

Não soffre Henrique Dias, que observava
 Do novo Chefe a intimação constante:
 E de hum tiro, que fero lhe apontava,
 Derriba morto o intrepido Almirante:
 Sem Commandante o Belga trepidava,
 E de hum, e de outro lado vacillante,
 Huma vil fuga tímido declara,
 E o campo com desordem desampara.

LXXIII.

O estandarte soberbo dos Estados,
 Tendras, peças, bandeiras numerosas,
 Mil e trezentos mortos numerados,
 Prizioneiros, bagagens preciosas:
 Muitos centos na fuga degollados,
 A caixa militar, armas custosas,
 Forão nesta occasião de tanta gloria
 O merecido premio da victoria.

LXXIV.

Cinge o Arrecife de hum assedio estreito
 Com prompta cura o Chefe Lusitano;
 Mas tendo longa guerra o Belga feito,
 Era contínuo sim, mas mutuo o damno:
 Até qué Jaques ao commando eleito
 No campo se avistou Pernambucano,
 Conduzindo em fortuita derrota
 Para o Luso commercio a usada Frota.

LXXV.

LXXV.

Por mar, e terra sitiada a Praça,
Depois do longo assedio de nove annos,
Com mil desastres fatigada e lassa,
Cedeo todo o Brazil aos Lusitanos:
Mercê clara do Ceo, patente graça,
Que a tão poucos, e mizeros paizanos
Cedesse huma Nação, que enchia em guerra,
De Armadas todo o mar, de espanto a terra.

LXXVI.

Assim modera o Padre Omnipotente
Do ignorante mortal a incerta sorte,
Por fazer com taes casos evidente
Que não he quem mais póde o que he mais forte :
Tudo rege na terra a Mão potente;
Delle a victoria pende, a vida, a morte;
E sem o seu favor, que o distribue,
Todo o humano poder nada conclue.

LXXVII.

Triunfou Portugal; mas castigado,
Teve em tal permissão severo ensino,
Que só se logrará feliz reinado,
Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
E que o Brazil aos Lusos confiado,
Será, cumprindo os fins do alto destino,
Instrumento talvez neste Hemisferio,
De recobrar no Mundo o antigo Imperio.

LXXVIII.

LXXVIII.

Vi no sonho mil casos differentes,
 Que no curso virão de outras idades:
 Vi Provincias notaveis, e potentes,
 Vi nascer no Brazil aureas Cidades:
 Famosos Vice-Reis, e illustres gentes,
 Tantos successos, tantas variedades,
 Que sómente pintado, como em sombra,
 Confunde o pensamento, a vista assombra,

LXXIX.

Prelados vi de excelsa Jerarquia,
 E entre outros da maior celebridade
 O claro Lemos, que enriqueça hum dia
 De novas Sciencias a Universidade:
 Elle ornerà depois a Academia
 Com construcções de excelsa magestade,
 E em doutrina a fará com sabio modo
 O Atheneo mais famoso do Orbe todo.

LXXX.

Deu Catharina fim, e arrebatada
 N'hum extase ficou, vibrando ardores;
 Corrião pela face em luz banhada
 Lagrimas bellas, como orvalho em flores:
 Fica a pia assemblea esperançada
 De outros successos escutar maiores;
 E dando tempo ao somno milagroso,
 No abraço a deixão do celeste Esposo.

S.

(1) *S Felice*. He o celebre Conde de Banholo , Official pratico , mandado de Hespanha para exercitar , e disciplinar as nossas Milicias.

(2) *Do Rei grandeza*. Por esta acção generosa, que salvou a Bahia , foi creado por Philippe IV. primeiro Conde de S. Lourenço.

(3) *Henrique Dias*. Negro valerosissimo , e Commandante dos Ethiopes , que tiveram grande parte na restauração do Brazil.

(4) *Camarão*. D. Antonio Philippe Camarão, Americano de origem , e nação , bravissimo Capitão dos Carijos , que se fez terrivel aos Hollandezes em frequentes combates , que lhes deu.

(5) *Barreta*. Fortaleza importante dos nossos junto do Arrecife.

CANTO X.

I.

CHEIA de assombro a turba a Dama admira
Tornada a si da suspensão pasmosa ;
E da nova visão, que alli sentíra,
Prosegue a ouvir-lhe a narração gostosa :
Mais bella que esse Sol, que o Mundo gyra,
E com côr (disse) de purpurea rosa,
Vi formar-se no Ceo nuvem serena,
Qual nasce a Aurora em madrugada amena.

II.

Vi luzeiros de chamma rutilante
Sobre a esfera tecer claro diadema,
De materia mais pura que o diamante,
Que obra parece de invenção Suprema:
Luzia cada estrella tão brilhante,
Que parecia hum Sol, precioso emblema
De admiravel bellissima pessoa,
Que á roda da cabeça cinge a corôa.

III.

III.

De ouro fino os cabellos parecião,
Que huma aura branda aos ares espalhava,
E huns dos outros talvez se dividião,
E outra vez hum com outro se enredava:
Frechas voando, mais não feririão,
Do que hum só delles n'alma penetrava;
Cabellos tão gentís, que o Esposo amado
Se queixa, que de hum delles foi chagado.

IV.

A frente bella, candida, espaçosa,
Cheia de celestial serenidade,
Vislumbres dava pela luz formosa
Da immortal soberana claridade:
Vê-se alli mansidão reinar piedosa,
E involta na modestia a suavidade,
Com graça, a quem a olhava tão serena,
Que excitando prazer, desterra a pena.

V.

Dos dous olhos não ha na terra idea,
Que astros, flores, diamantes escurecem;
Ou na belleza de mil graças chea,
Ou nos agrados, que brilhando offrecem:
N'hum olhar seu toda alma se encadea,
E mil votos á roda lhe apparecem,
Dos que a seu culto glorioso alista,
Outorgando o remedio n'huma vista.

VI.

VI.

Das faces bellas, se na terra houvera
 Imagem competente que a pintára,
 A's flores mais gentís da Primavera
 Pelo encarnado, e branco eu comparára:
 Mas flor não nasce na terrena esfera;
 Não ha estrella no Ceo tão bella, e clara,
 Que não seja, se a oppôr-se-lhe se arrisca,
 Menos que á luz do Sol breve faisca.

VII.

Da boca formosissima pendente
 Pasma em silencio todo o Ceo, profundo:
 Boca, que hum *Fiat* pronunciou potente,
 Com mais effeito, que se creasse hum Mundo:
 Odorifero cheiro em todo o ambiente
 Do labro se espalhava rubicundo;
 Fragancia celestial, que amante, e pia
 No Filho com mil osculos bebia.

VIII.

Todos suspende em pasmo respeitoso
 O amavel formosissimo semblante;
 E mais nelle se ostenta poderoso
 O Soberano Author do Ceo brilhante:
 Pois quanto tem o Empyreo de formoso,
 Quanto a angelica luz de rutilante,
 Quanto dos Serafims o ardente incendio,
 De tudo aquelle rosto era hum compendio.

IX.

IX.

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem,
Hum desmaiado azul nas veias tinto,
Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
Alabastros com fundos de jacinto:
Ambas com doce abraço ao seio prendem
Formosura maior, que aqui não pinto;
Porque para pincel me não bastára,
Quanto Deos já creou, quanto creára.

X.

Mas se não se dedigna o Verbo Santo
Por nosso amor, de hum symbolo rasteiro;
Dentro parece do Virgineo Manto,
Pascendo em brancos lirios hum Cordeiro:
Os olhos com suavissimo quebranto
Lhe occupa hum doce somno lisongeiro,
A' roda os Serafins, que o estrondo impedem,
Para o não despertar silencio pedem.

XI.

Aos pés da Mãe piedosa superada
Vê-se a antiga Serpente insidiosa,
De que a fronte na culpa levantada,
Quebra a planta Virginea gloriosa:
E enroscando os mortaes já quebrantada,
Ao éco só da Virgem poderosa,
No mais fundo do abysmo se submerge,
E o feral antro do veneno asperge.

XII.

XII.

Ao ver belleza tanta o pensamento,
 Que a linda Imagem sorprendia absorto,
 Ouve no centro d'alma hum doce accento,
 Que o peito enchia de vital conforto:
 E como infunde ás plantas novo alento
 O matutino orvalho em fertil horto,
 Tal dos doces influxos na abundancia
 Dentro d'alma eu senti nova constancia.

XIII.

Catharina (me diz) verás ditosa
 Outra vez do Brazil a terra amada;
 Faze que a Imagem minha gloriosa
 Se restitua de vil mão roubada:
 E assim dizendo, nuvem luminosa,
 Como véo, cobre a face descejada;
 E faz que na memoria firme exista
 Entre amor, e saudade a doce vista.

XIV.

Assim conclue Catharina, enchendo
 De duvidoso assombro a companhia:
 Que Imagem fosse aquella, hião dizendo,
 Ou qual delles acaso a roubaria?
 Se a Mãe de Deos mysterios envolvendo,
 D'outra cópia intrior o entenderia?
 Ou queria talvez que em santo trato
 Se restitua n'alma o seu retrato.

XV.

XV.

Mas véla em tanto appareceo boiante,
Que junto da Bahia o mar cortava;
Onde em bandeira, que lançou flammante,
O Leão das Hespanhas tremolava:
Vem á falla com salva fulminante;
E a Franca náó, que á terra velejava,
Posto á capa o Hespanhol, cortez visita,
E o claro Diogo a visitallo incita.

XVI.

E depois que em festivo amigo abordo
O bom Gonzales o Hospede festeja,
Excitou-se nos dous claro recordo,
De quem o Hispano foi, quem Diogo seja:
Ambos nos braços, de commum acordo,
Hum a outro mil ditas se deseja;
Reconhecendo o Luso o nobre Hispanho,
Por um dos companheiros de Arelhano.

XVII.

Carlos o grande, o Imperador famoso
Grato por mim a saudar-te envia
(Disse a Diogo o Hispanho generoso,
Soccorrido a outro tempo na Bahia):
Ouvio o invicto Cesar, gracioso
O teu obsequio á Hispanha Monarchia;
E o serviço, que grande considera,
Por mim no seu agrado remunera.

XVIII.

XVIII.

E porque possa em caso equivalente
Retribuir-te aquella acção piedosa,
Salva aqui te offereço a infausta gente,
Perdida nessa praia desditosa:
De cativoiro barbaro, e inclemente
Vivia na oppressão laboriosa,
Até que destas armas protegida,
Remio na liberdade a infausta vida.

XIX.

Garcés então da gente Lusitana
O mais distinto, que o discurso ouvia,
Confessa o beneficio á força Hispana,
E a historia de seus casos principia:
Depois que a gente abandonaste insana,
Com teu aviso, a Lusa Monarquia
Gentes aqui mandou, náos poderosas,
Que as Nações sujeitassem beillicosas.

XX.

Foi Pereira Coutinho o destinado
A fazer da Bahia a grã conquista;
Heróe no Indico Imperio celebrado,
Em quem nova esperança o Luso avista.
Tudo tinha o bom Chefe preparado,
Formosas náos ajunta, e gente alista,
E á grã população, que meditava
De hum sexo, e d'outro as gentes convidava.

XXI.

XXI.

E sem demora as praias occupando,
Foi dos Tupinambas, com teu recordo,
As potentes aldeas visitando,
Com amiga alliança em firme accordo.
Do Sertão vasto em numeroso bando
Descião, festejando o nosso abordo,
Os Carijos, Tapuias, e outras gentes,
Por fama do teu nome obedientes.

XXII.

Gupeva, e Taparica celebrados
Entre os Tupinambas, Nação que habita
Os campos da Bahia dilatados,
Antes de outros Coutinho solicita:
E por vellos contigo emparentados,
Povoar o Reconcavo medita
Da gente, que o teu nome reconhece,
Onde de dia a dia o povo cresce.

XXIII.

Todo o fertil terreno utilizando,
Donde riqueza se offerece tanta,
Engenhos vai de assucar fabricando,
Aldeas, casas, máquinas levanta:
E as drogas preciosas commutando,
A mandioca, arroz, e a cana planta:
Nem duvida que seja em tempo breve
A Colonia melhor, que Europa teve.

XXIV.

XXIV.

Escolha faz nas Tabas numerosas
 Dos que acha no trabalho mais activos;
 Mas guarda para empresas bellicosas
 Os que em ferocia reconhece altivos:
 A todos com maneiras amorosas
 Propõe da Fé Christã claros motivos;
 E a condição notando em cada raça,
 Huns doma com terror, outros com graça.

XXV.

Sabe que em gente tal nada se colhe,
 Depois de endurecer na idade adulta,
 Onde na puericia os mais escolhe,
 Por dar-lhe em breve a educação mais culta:
 Nem dos pais violento algum recolhe;
 Mas do proveito, que de alguns resulta,
 Induz a gente barbara que o segue,
 Que a prôle á educação gostosa entregue.

XXVI.

Em cuidadosa escola o temor santo,
 Antes das Artes a qualquer se ensina;
 Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
 E o Catecismo da Christã Doutrina:
 Vendo-os o rude Pai, concebe espanto,
 E pelo filho a Mãe á Fé se inclina,
 Nem de meio entre nós mais apto se uza,
 Que aquella gente barbara reduza.

T

XXVII.

XXVII.

E estes serão, se a idéa não me engana,
Meios á grande empreza necessários,
Que em brevê a gente rude fora humana,
Com Escólas, e Regios Seminarios:
Foge, sem se domar a gente insana,
Se em forças, e poder nos vê contrarios;
Mas educada em teura mocidade,
Dilataria o Reino, e a Christandade.

XXVIII.

Mas no meio das bellas esperanças,
Com que a nova Colonia florescia,
Move a Serpe infernal desconfianças
Entre os Tupinambás, e os da Bahia:
Foi a causa infeliz destas mudanças
Hum interesse vil de gente impia,
Que os povos offendendo em paz amigos,
Cobrirão toda a terra de inimigos.

XXIX.

Gupeva foi dos seus abandonado;
Taparica foi morto; a Lusa gente
Do Gentio nos matos rebellado,
Contínua perda nas lavouras sente:
Queimada a planta foi, perdido o gado,
E cercado o arraial em continente,
Vio Coutinho por barbara violencia
Perdido o seu thesouro, e diligencia.

XXX.

XXX.

Na geral afflicção do Luso povo
 A lugar se recorre mais tranquillo ;
 Buscamos nos Ilheos hum sitio novo
 Contra a turba feroz , seguro asylo ;
 E já Coutinho se dispõe de novo ,
 Vendo manso o Gentio , a reduzillo ,
 Fabricando Colonia de mais dura ,
 Menos fecunda sim , mas mais segura.

XXXI.

Mas os Tupinambás , melhor cuidando ,
 Com promessas os nossos convidavão ,
 Com mil amigas provas protestando
 De conservar a paz , que antes guardavão.
 Creio o infeliz Coutinho celebrando
 Pactos , que segurança a todos davão ;
 E sem temor de mais , voltar queria
 Ao Reconcavo antigo da Bahia.

XXXII.

E já no mar a frota se esquipava ,
 E cada hum de nós na empresa absorto ,
 Sem temor , ou receio só cuidava
 Em fazer ao Reconcavo transporte :
 Navegámos o espaço , que distava ;
 E tendo á vista o desejado porto ,
 Com furia o mar aos Astros se levanta ,
 Em cerração do Céu , que á vista espanta.

XXXIII.

O ar caliginoso, e em nevoa impuro
Tirou-nos toda a vista, e sem destino
Batemos cegos n'hum penhasco duro,
Sem termos do lugar noticia, ou tino:
Neste momento horrível, transe escuro,
Supplicando o favor do Céo Divino,
Vemos a não, com horridos fracços,
Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV.

Ficámos, como o entendes, alagados,
Nadando em meio da procella horrenda;
Huns das ondas se affogão devorados,
Outros na praia em confusão tremenda:
E eis-que os crueis Tupís encarniçados
Com frechas se empenhárão na contenda,
Por levar-nos da arêa semivivos
A' sorte dos seus miseros cativos.

XXXV.

Muitos vimos dos barbaros comidos,
Alguns dispostos ao funesto occaso,
Afflictos todos nós, e esmorecidos,
E esperando qualquer seu triste praso:
Mas de ti sobre tudo condoidos,
Triste Coutinho, que no acerbo caso,
Depois de triunfar d'Asia assombrada,
Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXVI.

XXXVI.

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
 Levantaste troféos de gloria onustos ;
 A quem cedêra o Malabar potente
 Em Armadas, e Exercitos robustos :
 Tu, que foste o terror da Indica gente ,
 Que da Lisia humilhaste aos Reis Augustos ;
 Lá estava em tanto a tua sorte escrita
 De vires a acabar nesta desdita.

XXXVII.

Mais proseguir não pode suffocado
 O bom Garcez em amargoso pranto ;
 E condoeu-se Diogo , recordado
 De ver-se em outro tempo em caso tanto :
 E havendo os naufragantes consolado :
 Não sou (diz) insensivel , que sei quanto
 Acerbo o caso he , cruel o artigo ,
 E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII.

Recebei entre tanto valerosos
 Com magnanimo peito a adversidade ;
 Conseguireis por transe perigosos
 Fazer-vos dignos da immortalidade.
 Deixareis monumentos gloriosos
 A huma longa, e feliz posteridade ;
 E ganhando obtereis com tanta gloria
 Hum nome eterno nos padrões da Historia.

XXXIX.

XXXIX.

Disse o piedoso Heróe, reconhecendo
Ao Hispano Monarca pelo Enviado
O distincto favor, e a mercê tendo
Achar memoria no real agrado:
A' não depois os socios recolhendo,
No Reconcavo entrava desejado,
Onde a vista formosa da Bahia
Com perspectiva amena apparecia.

XL.

A ver na estranha não, que gente aporte,
Desde o interior Sertão turba recrece,
E bem que differente em trage, e porte,
Catharina dos seus se reconhece:
Entre applausos recebe a Nação forte
O grão Caramurú, como merece,
Mostrando pelo amor, e reverencia
No antigo affecto a nova obediencia.

XLI.

Carrega em tanto o lenho desejado
A não de Du-Plessis, que Diogo estuda,
Que seja em toda a terra obsequiado,
Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
Hum Carijó porém nisto empregado,
Em quanto a carga em toda a não se muda,
Huma Imagem roubou formosa, e bella,
Que a não venera na interior Capella.

XLII.

XLII.

Observou-a Diogo na cabana
 Tratada dos Tupís com reverencia,
 Estimando-a por cousa mais que humana,
 Que excedia dos seus a intelligencia:
 Sorprendeo-se da Imagem soberana
 O Lusitano Heróe: e á competencia
 Com elles venerando a Mãi Divina,
 Chama a vella a piedosa Catharina.

XLIII.

Poz-lhe os olhos a Dama; e transportada:
Esta he (disse) he esta a Grã Senhora,
 Que vi no doce sonho arrebatada,
 Mais que o Sol pura, mais gentil que a aurora:
 Eis-aqui! esta he a Imagem veneranda:
 Este era aquelle roubo; entendo agora:
 Oh minha grande sorte! Oh immensa dita!
 Isto me quiz dizer a Mãi bendita.

XLIV.

Dizendo assim com ansia feryerosa,
 Postrada abraça a Imagem veneranda:
 Beija, aperta-a, e de gesto lagrimosa
 Mil saudosos ais ao Ceo lhe manda:
 Aqui vos venho achar, Mãi piedosa,
 No meio (disse) desta gente infanda!
 Infanda, como eu fui, se o vosso lume
 Não me emendára o barbaro costume.

XLV.

XLV.

Olha em tanto suspensa a gente bruta ;
E os excessos , que vê , cuidando , admira ;
Nem concebe nas vozes , que lhe escuta ,
Se prazer seja , se de dor suspira :
Mas como a Imagem celestial reputa ;
Quanto á Dama piedosa obrando vira ,
Qualquer á imitação fazer deseja ,
E este a adora , outro a abraça , e aquelle a beija .

XLVI.

O Lusitano , e Franco Religioso
Venerarão com fé prodigio tanto ,
Lembrando-se do sonho portentoso
Com claro indicio do presagio santo :
Em quanto o brutal povo numeroso
Tudo nota em hum extase de espanto ,
Até que a hum Templo em pompa veneranda
A pia multidão a Imagem manda .

XLVII.

Por santa invocação foi acclamada
A Senhora da Graça , e com fé pia
Foi desde aquelle dia venerada
Singular Protectora da Bahia :
Igreja primitiva dedicada
Em meio as trêvas dessa gente impia ,
Memoravel (se a fama he verdadeira)
Porque em todo o Brazil fora a primeira .

XLVIII.

XLVIII.

Neste festejo a plebe se entretinha,
 E eis-que huma salva se ouve estrepitosa
 De grande Armada, que estendendo vinha
 Galhardetes, e flammulas lustrosa:
 Tudo ao rumor da frota se encaminha,
 Vendo a bandeira tremolar famosa,
 Que no braço das Quinas representa
 A redempção, que o Ceo na terra intenta.

XLIX.

Era Thomé de Sousa o Commandante,
 Que alli Governador fôra mandado
 Com multidão de gentes abundante,
 Para dar forma ao povo começado:
 N'hum sitio com mil mangues verdejante,
 Que o grão Caramurú tinha habitado,
 Da Colonia, que ás Tabas se assemelha,
 O nome nos ficou de Villa-Velha.

L.

Alli por Principal constituido
 Foi dos Tupinambás o claro Diogo;
 Das Tabas do Sertão reconhhecido,
 Como Dragão do mar, filho do fogo:
 Catharina por sangue esclarecido
 Herda de seus Avós o Imperio logo, (1)
 Convocando á Bahia nesta idéa
 Dos seus Tupinambás toda a assembléa.

LI.

LI.

A' Taba de Gupeva já habitada,
Onde hoje he Villa-Velha, a turba corre;
Das outras Tabas toda a gente armada
Com os seus Principaes a ouvir concorre:
Toda a Cidade em corpo congregada
A' grande casa concorreo da Torre:
Paço de Catharina, que na empresa
Presidia aos Tupís, como Princeza.

LII.

A seu lado Diogo, e Sousa armado,
A' Camara preside da Bahia:
O Clero santo a Deos tendo invocado,
Ouvio-se dos clarins doce harmonia:
A Tropa Portugueza occupa hum lado;
Todo o outro espaço o Barbaro cubria:
E em meio a cada casta alli presente,
Brilha emplumado o Principal potente.

LIII.

De Varões Apostolicos hum bando
Tem de innocentes o esquadrão disposto,
Que hião na Santa Fé disciplinando,
Todos assistem com modesto rosto:
O Catecismo em cantico entoando,
No idioma Brazilico composto
Do Exercito, que Ignacio á Igreja alista,
Para emprender a barbara conquista.

LIV.

LIV.

Sentio da Patria o publico proveito
O Monarca piissimo, que impera;
E estes Varões famosos tinha eleito
A instruir o Brazil na Fé sincera:
Elles toda a conquista houverão feito,
E o immenso Gentio á Fé viera,
Se cuidasse fervente o santo zelo, (3)
Sem humano interesse em convertello.

LV.

São desta especie os Operarios santos,
Que com fadiga dura, intenção reta,
Padecem pela Fé trabalhos tantos;
O Nobrega famoso, o claro Anchieta:
Por meio de perigos, e de espantos,
Sem temer do Gentio a cruel setta,
Todo o vasto Sertão tem penetrado,
E a Fé com mil trabalhos propagado.

LVI.

Muitos destes alli, velando pios,
Dentro ás tocas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem recear os barbaros insultos:
Penetrão mátos, atravessão rios,
Buscando nos terrenos mais incultos
Com immensa fadiga, e pio ganho.
Esse perdido misero rebanho.

LVII.

LVII.

Mais de hum verás pela campanha vasta
Derramar pela Fé ditoso sangue;
Quem morto ás chammas o Gentio arrasta,
Quem deixa a setta com o tiro exsangue:
Velloz-has discurrer de casta em casta,
Onde o rude Pagão nas trévas langue;
E ao Ceo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir de inclitas palmas.

LVIII.

Com Corte tanta no sublime Paço,
Que a grã Casa da Torre se appellida,
Orando Catharina hum breve espaço,
O throno occupa, e as attensões convida:
Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
Como insignia de Imperio conhecida,
Hum marraque por sceptro sustentava,
Que toda a turba com respeito olhava.

LIX.

Venturosos Paizanos, que o Ceo ama,
(Disse a Dama Real) povo disperso,
Que elle ao rebanho seu piedoso chama,
Desde o antigo diluvio em sombra immerso:
Hoje vos quer livrar da Averno chamma,
Vendo arrastar-vos do Dragão perverso,
Esse Grão Deos, que de huma Cruz sublime
A pena sãtiszaz, e a culpa opprime.

LX.

LX.

Da antiga Lusitania o Rei potente,
 Acompanhando o Sol no gyro immenso,
 Vai rodeando todo o Globo ingente,
 Desde o aurifero Tago ao China extenso:
 Por elle a Fé recebe todo o Oriente,
 O Mouro cede de pavor suspenso,
 E Europa admira pelo mar profundo,
 Que o seu Reino menor subjugue hum Mundo.

LXI.

Deste grande Monarca he tanto o Imperio,
 Que aonde a propria luz não se encaminha,
 Nos limites extremos do hemisferio
 O Lusitano Exercito caminha.
 A Africa, e Ilhas, o Arabe Cimerio,
 Duas vezes passando a immensa linha,
 Possui tantos povos, que a contallos
 São mais que os Portuguezes seus Vassallos.

LXII.

Este Rei glorioso foi o eleito
 Por Providencia da eternal Bondade,
 A fazer do Brazil hum povo acceito,
 E digno de a gozar na Eternidade:
 Pudera desta gente o forte peito,
 Tendo n'Asia opulenta immensidade,
 Estes nossos Sertões trocar incultos
 Por Nações ricas, e terrenos cultos.



LXIII.

LXIII.

Pudera com as forças, que aqui manda,
Com pouca utilidade, ou mais que fora,
Domar o roxo mar por toda a banda,
E o Reino todo possuir da Aurora.
Mas a piedade faz, com que commanda,
Que antepondo o Brazil a tudo agora,
Mostre aos homens, que o impulso que o domina
He propagar no Mundo a Fé Divina.

LXIV.

Generoso pensar! sagrada empresa!
Longe da vã Politica de Estado,
Que se a Milicia, se o Commercio preza.
Não tem da Santa Fé menor cuidado.
Mas o que rege a vasta redondeza,
E a sorte dos Imperios tem fixado,
Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
E em ouro o Tago do Brazil se alague.

LXV.

Hum Rei, se não me engana occulto instincto,
Quando o Quarto remir as Lusas Quinas,
Depois do Sexto Affonso, e Pedro extincto,
Abrirá no Sertão famosas Minas:
Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
Altas disposições do Ceo Divinas!
Pois no tremor, e incendio, que a ameaça,
Prepara este subsidio á grã desgraça.

LXVI.

LXVI.

Tempo virá, que a Dama magestosa
 Por Soberana a Lisia reconheça,
 Epoca illustre, insigne, e venturosa,
 Em que tenha huma Santa por Cabeça.
 Descerá sobre o Reino a paz formosa,
 E com a paz fará que a gloria desça;
 Atlantes tendo do seu Regio Estado,
 Quatro Sabios, e hum inclito Prelado.

LXVII.

E tu, Monarca Justo, do Ceo vindo,
 Venha-te a palma sobre o Empyreo tarda,
 E Pai da Patria ao Reino presidindo,
 Com zelo a antiga Fé nos nossos guarda:
 Enche o grão nome, as portas reprimindo
 Do monstro Averno: que nos fundos arda;
 Que deixe Portugal, que na Fé medra,
 E Christo firma sobre a immovel pedra.

LXVIII.

Esta insigne Progenie o Ceo promette,
 Brazil agora rude, aos teus vindouros,
 O cóllo humilde em tanto ao Rei sobmette,
 E offerece-lhe contente os teus thesouros:
 E entre tantas Nações, que ao jugo mette
 A' sombra Portugal dos verdes louros,
 Sem provares da Guerra o furor vario,
 Chega ao Throno a humilhar-te voluntario.

LXIX.

LXIX.

E se Princeza me chamaís sublime
Dos vossos Principaes nascida berdeira,
Se ao Grão Caramurú, que o raio imprime,
Jurastes vassallagem verdadeira:
Elle da sujeição tudo hoje exime,
Cedendo ao Throno Luso a posse inteira;
E eu do Manarca na Real Pessoa
Cedo todo o direito, e entrego a Crôa.

LXX.

Dizendo assim a Dama generosa,
Desce do Throno, e o esplendido Diadema
Entrega ao Sousa; e toma inagestosa
Hum baixo assento com modestia extrema:
Pasma o Tupinambá, vendo a formosa
Nobre Paraguaçu de claro Estema,
Que o seu Regio Marraque ao Sousa dando,
Despia a pompa do Real Commando.

LXXI.

Logo o Caramurú na lingua, e estilo
Dos naturaes fallando ao Chefe novo,
Posto tudo em silencio para ouvillo,
O escudo da Bahia mostra ao povo:
A pomba de Noé, que ao noto asylo
Com ramo de oliveira vem de novo,
Dando a entender a paz, que á crúa gente
Com a Fé dispensava o Rei Clemente.

LXXII.

LXXII.

Este he o titulo (disse) verdadeiro,
 Com que occupa o Brazil nesta Anarquia
 O muito Alto Senhor D. João Terceiro,
 A fim que em paz se tenha a turba impia:
 Porque ao Supremo Ser, e Ente primeiro
 Reconheça o Sertão, sirva a Bahia;
 E porque propagada a Fé se veja
 No novo Imperio, que conquista á Igreja.

LXXIII.

Disse Diogo, e as Quinas tremolando,
Real, Real com voz clamá expressiva,
 Por D. João Monarca venerando,
 Principe do Brazil, que fausto viva.
 Responde a turba os vivas replicando,
 Com tão alto clamor, que o ouvido priva,
 E ao rumor dos canhões, e das cornetas
 Correspondem as bellicas Trombetas.

LXXIV.

Então sentado sobre o Solio ingente,
 Que já desoccupára a Dama bella,
 Como Governador da Lusa gente
 Thomé de Sousa cortejado della;
 Toma posse legitima, e patente
 Da Bahia, e Sertão, e sem querella
 Do habitante, que os campos desoccupa,
 Em nome dos seus Reis a terra occupa.

LXXV.

Depois ao povo, e illustre Magistrado
 Por Leis do novo Imperio manifesta,
 Que seja o Nome santo venerado,
 Que cesse nos Sertões a guerra infesta;
 Que o Homicidio se veja castigado,
 Que o Antropófago atroz, que a Lei detesta,
 Que a Embaixada Evangelica, que envia,
 Se ouça com paz; q se honre o q a annuncia.

LXXVI.

Que o indigena seja alli empregado,
 E que á sombra das Leis tranquillo esteja;
 Que viva em liberdade conservado,
 Sem que opprimido dos Colonos seja:
 Que ás expensas do Rei seja educado
 O Neofito, que abraça a Santa Igreja;
 E que na santa empreza ao Missionario
 Subministre subsidio o Regio Erario.

LXXVII.

Por fim pública do Monarca reto,
 Em favor de Diogo, e Catharina,
 Hum Real honorifico Decreto,
 Que ao seu merecimento honras destina:
 E em recompensa do leal affeto,
 Com que a corôa a Dama lhe consina,
 Manda honrar na Colonia Lusitana
 Diogo Alvares Correa de Viana.

Dc

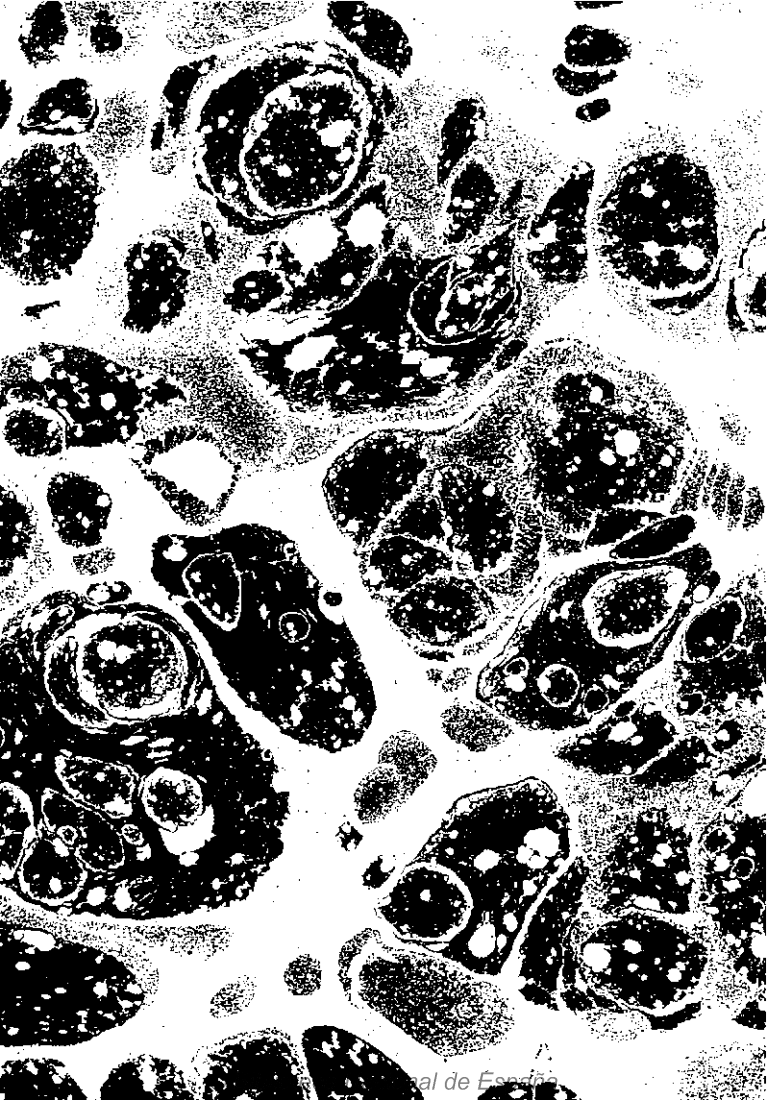
(1) *De seus Avós.* Vê-se ainda hoje a Inscrição da sua sepultura, que a intitula *Princeza do Brazil.*

(2) *A Camara.* Ainda hoje por assento feito em Camara se faz na Bahia o Anniversario a Catharina Alvares, com esta memoria.

(3) *O santo zelo.* Não referimos esta expressão aos sujeitos, de que se falla, que fora huma contradicção; mas vagamente a quem houvesse sido causa de decahir aquellas Missões.

FIM.







1000356778